UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE SANT'ANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO AGROINDUSTRIAL

RENATA MENEZES ALLENDE

"A ARTE DE FAZER FEIRA":

O papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS

SANT'ANA DO LIVRAMENTO
2019

RENATA MENEZES ALLENDE

“A ARTE DE FAZER FEIRA”:

O papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant’Ana do Livramento/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Cassiane da Costa

SANT’ANA DO LIVRAMENTO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A425a Allende, Renata Menezes

"A arte de fazer feira": o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS / Renata Menezes Allende. – Santana do Livramento, 2019.

104 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade em Santana do Livramento, 2019.

Orientadora: Profª Drª Cassiane da Costa.

1. Camponesas 2. Feira. 3. Reconhecimento. 4. Trabalho. 5. Sujeitas da história I. Costa, Cassiane da. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UERGS

RENATA MENEZES ALLENDE

"A ARTE DE FAZER FEIRA":
O papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 15 / 07 / 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Cassiane da Costa

Profª Drª. Cassiane da Costa – Orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Cláudio Becker

Profº Dr. Cláudio Becker
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Maria C. C. Zanini

Profª Drª. Maria Catarina Chitolina Zanini
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Oferecimento!

Dedico essa pesquisa às mulheres do campo!
Às famílias assentadas da reforma agrária com quem tive
a honra de trabalhar e poder agregar valor e conhecimento
à minha jornada pessoal, profissional e acadêmica.
À minha família que me deu todas as condições
de auxílio e suporte para concluir meus estudos.
Aos meus amigos de luta que foram incansáveis no apoio
e nas conversas para que eu me mantivesse
forte e focada em meus estudos.
À minha orientadora e amiga Cassiane, mulher incansável
pelo bem estar social e crescimento das pessoas que a cercam.
Aos meus tantos colegas e tantas turmas,
companheiros de projetos e do “Sementes da Pampa”.
Aos demais professores e funcionários, meu carinho
e respeito, na espera de que possamos dividir muitos outros mates.

AGRADECIMENTOS

É muito bom poder caminhar até aqui e me sentir tão feliz no fechamento de um ciclo de vida que, confesso, me assustou por vezes. Quando optei pelo curso de DRGA, causei certa inquietação na família que esperava que eu quisesse cursar algo como Administração, Economia, enfim, cursos mais abrangentes. Porém o “campo me chamava”, e as vozes que eu ouvi me permitiram a transformação interior através da sensibilidade de estudar o que eu amo. Descobrindo novas realidades apaixonantes, alinhei a busca individual de crescimento com a possibilidade de trabalho e colaboração com o social.

Essa trajetória foi muito bonita e enriquecedora. Dela fizeram parte pessoas que eu gostaria de nominar e agradecer:

À minha mãe, meu pai, aos irmãos e amigos/as, a gratidão por me reconhecerem em nova versão pós universidade, afinal o senso crítico de uma ariana pode ser meio intempestivo “às vezes”.

Aos colegas de curso com quem dividi histórias de vida, mates e trabalhos, preocupações de fim de semestre e alguns churrascos de turma.

Às tantas famílias camponesas que tive a oportunidade de conhecer ao largo do Rio Grande do Sul, bem como as trocas com as famílias produtoras de Rivera (ROU). Aos amigos da reforma agrária e MST, às mulheres feirantes e às feministas com quem dividi muitas viagens e lutas na busca pela igualdade social.

Aos/às meus/minhas professores/as que sem dúvida foram grandes incentivadores/as para que eu pudesse fazer sempre além do trivial, fora da mediocridade, na busca pela qualidade de ensino e o voo independente de alguém que reconhece sua missão enquanto agente social de desenvolvimento rural.

De maneira muito especial à minha orientadora e amiga Cassiane que sempre acreditou no meu trabalho, investindo confiança e tempo na relação que construímos, abrindo as portas de sua casa, seu carro e permitindo que eu convivesse próxima a sua linda família.

Também gostaria de agradecer ao Marco Antônio pela oportunidade de ser um espelho para mim, auxiliando no meu processo de crescimento, colaborando para que eu pudesse conviver como família dentro do Assentamento Liberdade no Futuro.

Mil *gracias* a todos, que eu lhes possa alcançar muitos outros mates!

Feira pra nós

A feira é minha. A feira é tua. A feira é pra todo mundo.
Juntamos gostos, juntamos cheiros, juntamos gente e brindamos saúde.
Todo dia é um novo dia, novas cores, e novos olhares,
A feira veio com ares, de quem cedito madruga.
Talvez pareça simples, e simples são as conversas,
De quem trocando os trocos, fala da chuva e da seca,
Do tomate e da batata, da abobora e da rapadura.
E é nessa simplicidade da fruta pura,
Do legume, dos produtos caseiros e papos retos,
Que identificamos a verdade, que vem de longe e acorda cedo,
Pra vender o verde e ganhar o pão,
Trocar o sol pelo comercio,
O campo pela estrada de chão.
Quem vê, nem vê tudo isso.
Que por detrás das caixas entupidas, que parecem vazias,
Traz o suor que não rega a terra,
Mas que puxa ela no golpe da enxada, e aduba o futuro da mesa na cidade.
Mas se vê que é sem maldade,
E sim por falta de opção,
Que o povo come o pão, e não pensa na farinha,
Nos ovos da galinha,
Muito menos no leite,
Nem se quer põe de enfeite a força do preparo.
A feira tem seus sabores, tem seus cheiros e seus amores,
Sementes que germinaram, e sementes a germinarem.
Traz com ela o passado, no presente o alimento, e o futuro pela frente.
Sinta o sentido da feira.
Sinta o gosto que ela tem.
Cheire a salsinha verde,
E sinta no vento o doce da laranja e o sabor da boa nova:
A alegria da saúde do campo na tua mesa,
E a vontade de sempre querer mais...

(Yeferson Oliveira)

RESUMO

Fazer feira não é apenas um negócio, é uma arte. Nesse sentido, as camponesas de Sant'Ana do Livramento/RS são artistas experientes. Nessa pesquisa, busquei entender o papel das mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro na construção das feiras camponesas no município de Sant'Ana do Livramento/RS. De forma específica, procurei realizar um resgate histórico das feiras camponesas no município, principalmente, a partir da memória dessas mulheres; entender a importância delas na construção e reconstrução das feiras, bem como a importância das feiras em suas vidas; e compreender as relações entre o trabalho, as feiras e a soberania alimentar. Para tanto, entrevistei cinco camponesas que são referências como feirantes no assentamento com auxílio de um roteiro de questões. Também, utilizei-me de pesquisa documental e fotográfica de forma a complementar as informações. Essa pesquisa apresenta um contexto histórico desde o surgimento das feiras em Livramento, organizado conforme a memória dos/as camponeses/as, até os dias atuais. Nela, conto histórias de luta pela autonomia e reconhecimento do trabalho das mulheres. De maneira a conhecer a trajetória e as motivações que as levaram ao protagonismo das feiras, suas emocionantes trajetórias de vida são trazidas ao conhecimento do/a leitor/a, para que se compreendam as subjetividades por trás da feira. Elas têm a importância da manutenção das famílias no campo com qualidade de vida, também são responsáveis diretas pela elevação da autoestima das mulheres, fazendo com que seu trabalho seja valorizado pelos/as consumidores/as, bem como as coloca como "sujeitas da história", participantes da vida e da construção social do campo e da cidade. Quando se tira o peso da invisibilidade, o trabalho confere à mulher a autonomia financeira e elas passam a ter o poder de decisão sobre suas prioridades individuais, tendo um ganho mensal muitas vezes superior aos 'considerados' como de seus companheiros. As camponesas feirantes são promotoras da soberania alimentar nas mesas de suas casas, assim como nas mesas da feira. Por fim, o papel das camponesas assentadas da reforma agrária na construção e reconstrução das feiras em Sant'Ana do Livramento é de resistência e de luta na construção da liberdade no presente e no futuro.

Palavras-chave: Camponesas. Feira. Reconhecimento. Trabalho. Sujeitas da história.

RESUMEN

Hacer una feria no es solo un negocio, es un arte. En este sentido, las campesinas de Sant'Ana do Livramento/RS son artistas experientes. En esta investigación, he buscado comprender el papel de las mujeres del *Assentamento Liberdade no Futuro* en la construcción de las ferias campesinas en el municipio de Sant'Ana do Livramento/RS. Específicamente, he procurado realizar un rescate histórico de las ferias campesinas en el municipio, principalmente, de la memoria de esas mujeres; comprender la importancia de ellas en la construcción y reconstrucción de ferias, así como la importancia de las ferias en sus vidas; e investigar las relaciones entre el trabajo de las mujeres, las ferias comerciales y la soberanía alimentaria. Para ello, he entrevistado a cinco campesinos que son referencias como participantes del mercado con la ayuda de un cuestionario. También, he utilizado la investigación documental y fotográfica para complementar la información. Esta investigación presenta un contexto histórico desde el inicio de las ferias en Livramento, organizadas de acuerdo con la memoria de los campesinos, hasta el presente. En ella, se cuentan historias de lucha por la autonomía y el reconocimiento del trabajo de las mujeres. Para entender la trayectoria y las motivaciones que las llevaron al protagonismo de las ferias, sus emocionantes trayectorias de vida son llevadas a cabo del lector para que se pueda comprender las subjetividades detrás de la feria. Tiene la importancia de mantener a las familias en el campo con calidad de vida, también es directamente responsable de elevar la autoestima de las mujeres, hacer que los consumidores valoren su trabajo y ponerlas como "sujetos de la historia", participantes en la vida y construcción social del campo y la ciudad. Cuando se quita el peso de la invisibilidad, el trabajo otorga a las mujeres autonomía financiera, tienen el poder de decidir sobre sus prioridades individuales, teniendo una ganancia mensual a menudo más alta que la "considerada" de sus pares. Los campesinos son promotores de la soberanía alimentaria en las mesas de sus casas, así como en las mesas de la feria. Finalmente, el papel de los campesinos resueltos en la reforma agraria en la construcción y reconstrucción de ferias en Sant'Ana do Livramento es uno de resistencia y lucha en la construcción de la libertad en el presente y en el futuro.

Palabras clave: Campesinas. Feria. Reconocimiento. Trabajo de las mujeres.

LISTA DE IMAGENS

Fotografia 01 - Armandio na Feira da Agricultura Familiar. 25
Fotografia 02 – Sidnei (de camiseta azul) conversando com Daniel e Jorge, todos feirantes na Feira de Agricultura Familiar. 28
Fotografia 03 – Assentadas/os trabalhando nas estufas do grupo coletivo no Assentamento Liberdade no Futuro. 34
Fotografia 04 – Ana fazendo feira com o neto no colo. 42
Fotografia 05 – Oliva mostrando produtos do seu trabalho. 45
Fotografia 06 – Oliva trabalhando no parreiral de seu lote. 46
Fotografia 07 – Olivia em feira da Casa da região do MST com Renata. 47
Fotografia 08 – Lúcia e a relação com a natureza em seu lote. 48
Fotografia 09 – Lúcia fazendo feira na Casa da Região do MST. 50
Fotografia 10 – Lúcia trocando sementes crioulas na E.E.E.M. Antônio Conselheiro. 50
Fotografia 11 – Ivani em seu lote. 51
Fotografia 12 – Fátima e sua feira na Av. Tamandaré. 53
Fotografia 13 - Lúcia (de boné) em feira na Paróquia Santo Antônio. 58
Fotografia 14– Fátima (de toca) no ponto de feira da Tamandaré. 63
Fotografia 15 – Feira organizada pela Escola E. E. M. Antônio Conselheiro que aconteceu na E. M. Professor Dias. 70
Fotografia 16 – Estudantes da Uergs visitando a Feira na Praça General Osório. 71
Fotografia 17 – Feira na Praça Oriovaldo Greceller. 72
Fotografia 18 – Ana (de camisa azul) e demais feirantes trabalhando na Feira da Agricultura Familiar e da Economia Solidária na Rua Hugolino Andrade. 73
Fotografia 19 – Oliva e sua filha Marli na Feira na Casa da Região. 75
Fotografia 20 – Mesa de produtos de feirante camponesa. 88

LISTA DE ABREVIATURAS

AFAS	Associação Fronteira Agrícola Santanense
COPAL	Cooperativa de Produção Agropecuária Sete de Julho Ltda
COPERFORTE	Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PT	Partido dos Trabalhadores
ROU	República Oriental del Uruguay
UDR	União Democrática Ruralista
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 12
2 METODOLOGIA..... 17
3 VAMOS FALAR SOBRE FEIRA? 22
4 QUEM SÃO ESSAS MULHERES QUE LUTAM PELA "LIBERDADE NO FUTURO"? 40
5 TÔ INDO PRA CIDADE, ME ESPEREM QUE VAI TER FEIRA! 56
6 MULHERES CAMPONESAS, FEIRA E SOBERANIA ALIMENTAR. 78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS. 90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 96
APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES 100
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 103

1 INTRODUÇÃO

Propor a conversa da ciência com a arte de fazer feira é abordar não somente as questões econômicas que viabilizam a atividade. Vai além de dialogar sobre as dinâmicas de comercialização e a diversificação dentro de uma propriedade no espaço rural. Busquei perceber as relações e as trajetórias das pessoas que fazem a feira acontecer, colocando em evidência os/as atores/atrizes sociais que dão sentido à atividade, em especial, as mulheres assentadas da reforma agrária.

Quando falo de “feira” em Sant’Ana do Livramento/RS, o tema se torna um tanto inovador comparado às atividades com maior evidência econômica e reconhecimento social para a população rural que são a bovinocultura de corte e a ovinocultura - características da região de fronteira e da Pampa, bem como as lavouras de soja e de arroz que expandiram largamente na última década. Porém, a feira é uma atividade que reconecta o campo e a cidade, fazendo lembrar aqueles/as que plantam e produzem os alimentos. Também é forma de sobrevivência e garantia da permanência no campo de várias famílias camponesas.

A expressão “arte de fazer feira” traz muitos significados e subjetividades, lancei o olhar para captar desde o encantamento de produzir o alimento até a espontaneidade necessária para vender os produtos, retratando também a insistência em desafiar as dificuldades e transcender os obstáculos desde o rural dos anos 1940, em que a precariedade das estradas no acesso “campanha x cidade” eram tamanhas.

Dessa forma, estabeleço, como objetivo geral da pesquisa, entender o papel das mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro na construção das feiras camponesas no município de Sant’Ana do Livramento/RS.

De maneira específica, busquei narrar o histórico das feiras no município, principalmente, a partir da memória das mulheres que a fazem; entender a importância das mulheres na construção e reconstrução das feiras, bem como a importância das feiras na vida dessas mulheres; e compreender as relações entre o trabalho das mulheres, as feiras e a soberania alimentar.

Mostrarei as trajetórias de famílias pioneiras na construção das feiras em Sant’Ana do Livramento/RS, a partir da memória dos/as camponeses/as, desde o comércio nas carroças de boi - abrindo estradas até o perímetro urbano, até o transporte de caminhões, mais tarde a busca por alternativas individuais e coletivas

no intuito de construir um panorama histórico do surgimento das primeiras organizações de feira. Esse processo de construção envolve muitos atores/atrizes, sendo estes as famílias camponesas, os órgãos de apoio como Emater, Prefeitura Municipal, Universidade, articulações partidárias, igreja católica, vizinhos/vizinhas dos camponeses, comunidade e também os/as consumidores/as.

Fiz um recorte nesse cenário tão rico que temos ao trabalhar com o tema "feiras" para observar as subjetividades que estão contidas nelas, trabalhando com as camponesas do Movimento Sem Terra, Projeto de Assentamento (PA) Liberdade no Futuro, da localidade do Cerro dos Munhoz. Escolhi cinco mulheres desse assentamento por serem reconhecidas pelo seu trabalho enquanto feirantes há vários anos no município.

Trouxe para a contextualização histórica das feiras o processo de trabalho coletivo organizado pelos/as camponeses/as da reforma agrária como alternativa de sobrevivência à precariedade de recursos financeiros quando na sua chegada em Livramento, encontrando na "Arte de Fazer feira" uma saída para não desperdiçar recursos e alimentos cultivados por eles/as, vendendo na cidade o excedente da produção e gerando recursos para atender outras áreas do coletivo.

O processo de estruturação das feiras da reforma agrária no município foi um trabalho conquistado por homens e mulheres, onde todos/as trabalhavam de maneira coletiva e integrada. Porém, a luta das mulheres na continuidade da feira é o que as torna referência como feirantes. Além de sentirem o estímulo da necessidade de sustentar suas famílias, elas demonstram garra e empenho para alcançar e manter a autonomia financeira em relação ao grupo e aos companheiros.

No entendimento de que é necessária a valorização do trabalho das camponesas, por meio de seus relatos de experiências com a feira e suas trajetórias enquanto trabalhadoras, busquei compreender o papel destas na construção das feiras, reafirmando a importância da mulher enquanto 'sujeita' da história do campo. Almejei valorizar suas memórias, compreender o que as motiva ainda hoje para continuar a fazer feira, produzir alimentos saudáveis com diversidade, enfrentando uma tripla jornada de trabalho e mesmo assim encontrando forças para seguir lutando, trabalhando, dividindo sorrisos com os/as amigos/as, relatando suas histórias de vida de maneira altruísta, encantando e inspirando outras mulheres com a esperança de "Liberdade no Futuro".

Quando se aborda a temática da construção das feiras no município de Sant'Ana do Livramento, faltam elementos históricos e estudos acerca desta atividade. Muito embora se tenha conhecimento das famílias que tradicionalmente fizeram e fazem feiras no nosso município, esse conhecimento se dá de maneira empírica e conhecem-se essas pessoas pela proximidade da comunidade de uma cidade pequena, ou ainda, não raras vezes, foi-me apresentada essa realidade dentro da universidade. Mais do que construir um histórico de feiras, é necessário dar visibilidade aos atores e às atrizes deste processo de construção de um novo cenário comercial, com uma proposta social que ultrapassa as relações comerciais.

Escolhi trabalhar com Mulheres Assentadas da Reforma Agrária do Assentamento Liberdade no Futuro, da região do Cerro dos Munhoz. Estas mulheres têm uma relação de proximidade com a comunidade universitária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) Livramento, numa proporção de colaboração e abertura de vida para com estudantes e professores/as, muitas vezes, essas abriram as portas de suas casas para acolherem visitas de estudantes e estágios de vivências, bem como participaram da construção de eventos da comunidade acadêmica dividindo suas experiências produtivas, sociais e suas histórias de vida. Falar da mulher camponesa da reforma agrária no nosso contexto de Pampa e de fronteira Brasil-Uruguai é um desafio que me propus, subvertendo a lógica moderna e patriarcal de invisibilizá-las e de dar voz apenas a homens brancos, de sobrenome conhecidos desde as sesmarias, produtores rurais sobre grandes extensões de terra, baseados na pecuária, na agricultura extensiva e na solidão das estâncias.

Falar da mulher camponesa é dar vida ao campo, é transcender o olhar que se tem sobre a Pampa vasta e solitária e colocar pessoas nesse contexto histórico tão fortemente direcionado à figura do homem, do gaúcho, em detrimento das mulheres e prendas deste cenário. Valorizar a vida camponesa e, sobretudo às mulheres, é compreender o porquê das tantas lutas e enfrentamentos por uma melhor condição de vida no campo, é colocar o/a camponês/a como agente social importante e essencial para a garantia de vida no campo e na cidade.

Trabalhei dentro da perspectiva utilizada por Wanderley (1996), que conceitua o campesinato para além das relações socioeconômicas de sobrevivência e reprodução social, reconhecendo as características peculiares que foram forjando o

campesinato segundo as histórias vividas no Brasil, conforme as realidades regionais, elevando-o o conceito a patrimônio sócio cultural.

Busco lançar luz sobre o preconceito em relação às mulheres da reforma agrária e focar na valorização do trabalho das mulheres camponesas feirantes na construção de uma vida coletiva digna, com alimentos na mesa e nas casas dos/as camponeses/as, ultrapassando este ideal de sobrevivência e proporcionando à cidade, por meio de uma comercialização justa e um produto saudável, a oportunidade de uma mesa farta produzida por mãos que trabalham para garantir o ciclo da vida.

Portanto, é importante estudar e compreender os arranjos comerciais provindos da organização das mulheres da reforma agrária na venda de alimentos e produtos do campesinato de Sant'Ana do Livramento/RS, sobretudo, registrando a relevância da atuação das mulheres na construção deste cenário de feiras. Isso colabora para que se tenha um panorama histórico desta atividade tão presente entre famílias camponesas e que não tem a visibilidade como outras atividades do setor produtivo da produção e exploração de *commodities*.

Contextualizando a escolha do tema, afirmo que, ao entender a proposta de um desenvolvimento rural pensado para famílias que vivem no campo, em detrimento do crescimento econômico de atividades agrárias, passei a ver o campo com outra perspectiva. O meu processo de desconstrução e ressignificação de valores passaram pela 'desromantização' dos cânticos tradicionais gaúchos que sempre ouvi e que reforçavam a ideia de reconhecimento do trabalho do homem e a espera da mulher - na janela do rancho, com o mate cevado e a casa arrumada.

Comecei a perceber e tentar compreender a então lógica hegemônica e patriarcal na qual eu estava imersa, e reconheci o motivo de não encontrar minhas raízes de luta, trabalho, gosto pelo campo e cuidado com a natureza. Mesmo com raízes culturais tão arraigadas, sendo neta do êxodo rural, alguma coisa não fazia sentido no meu "olhar de campo", eu não me enxergava no passado. Mais tarde compreendi que as incompletudes das respostas vinham da ausência da valorização da mulher no cenário social do campo como trabalhadora e responsável pela permanência das famílias no âmbito rural.

Outro fator que me colocava distante do encontro com minhas raízes era o distanciamento das novas realidades do campo, principalmente, pela falta de

compreensão do processo de reterritorialização, por exemplo, da falta de diálogo com outras realidades camponesas.

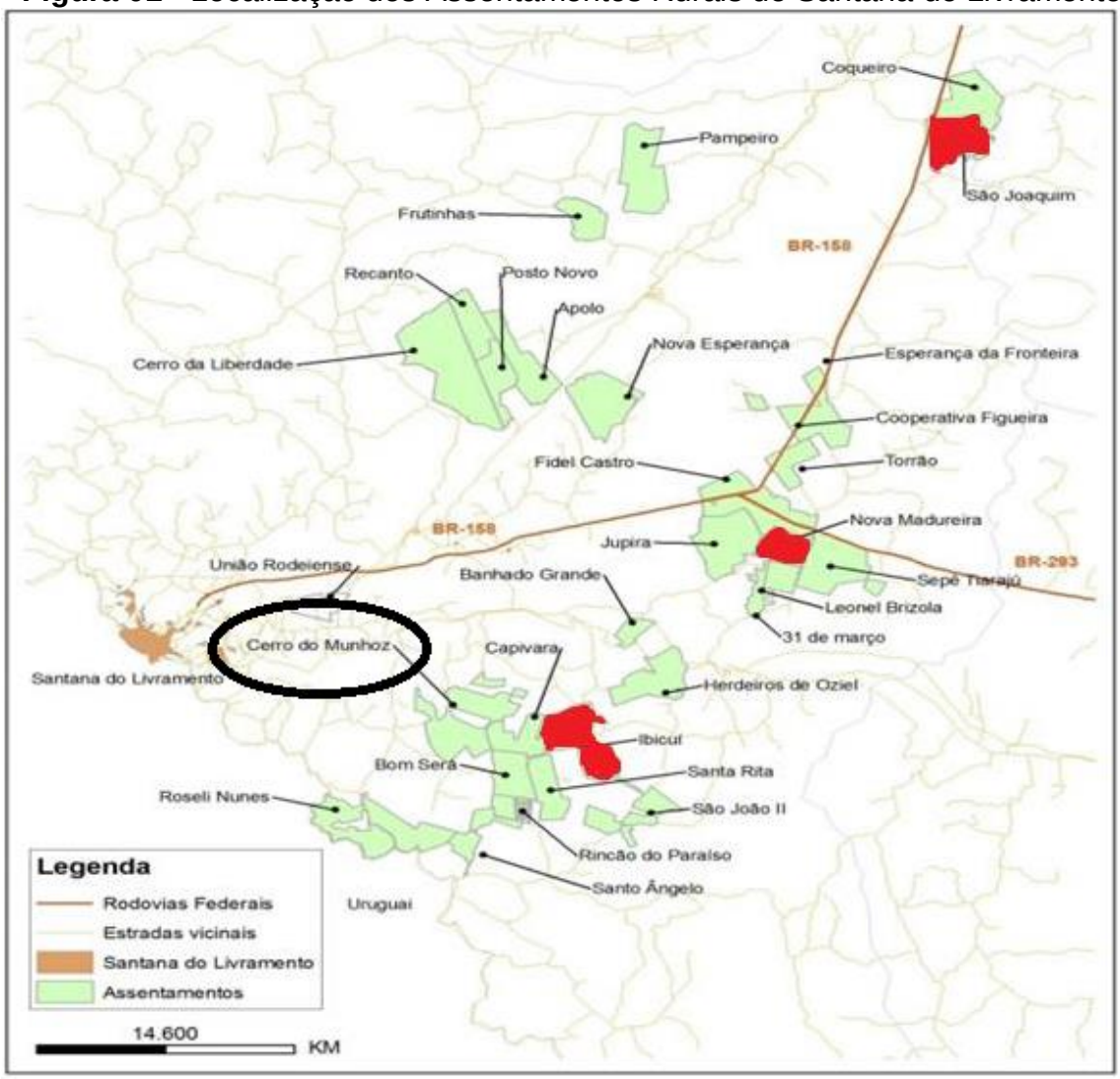
Estabelecido o diálogo com a realidade, veio a transformação e a abertura para o conhecimento e a troca de experiências, bem como as vivências com diferentes realidades e diversas comunidades. Neste período de aprendizagem e crescimento profissional e pessoal, iniciei minha militância junto aos grupos estudantis, feministas, Movimento Sem Terra e outros engajamentos sociais que me foram permitidos pelo “espaço Universidade”.

Dessa aproximação, começo a acompanhar a vida das mulheres do campo, sobretudo das companheiras do Assentamento Liberdade no Futuro. Juntas, participamos de lutas por educação, estradas, reconhecimento do trabalho e, assim, percebi através da nossa convivência a intimidade e a relação que elas têm com a feira. Daí a importância percebida da valorização das mulheres enquanto trabalhadoras camponesas, feirantes, chefes de família e responsáveis pela gestão do lar. Assim, nasce a iniciativa dessa pesquisa, animada pelo conselho da Sandra Mendes, camponesa, assentada no Liberdade no Futuro e feirante: “Renata, por que não fala das mulheres na feira?” e, nesse sentido, na próxima seção, explicarei como se deu a realização da presente pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa, trabalhei com mulheres assentadas da reforma agrária, feirantes do Assentamento Liberdade no Futuro, região dos Cerros dos Munhoz, Distrito Sede. O assentamento fica localizado a 25 km da cidade, por estrada de chão, ou a 28 km, por via asfaltada e estrada de chão no Uruguai, conforme Figura 01 abaixo. Esse assentamento é pioneiro no município de Sant'Ana do Livramento, contando uma história de 28 anos de trabalho com a terra.

Figura 01 - Localização dos Assentamentos Rurais de Santana do Livramento/RS



Fonte: Adaptado de Aguiar (2011).

Realizei entrevistas com cinco assentadas feirantes: Oliva, Ivani, Fátima, Lúcia e Ana. Essas mulheres foram escolhidas devido ao longo período de dedicação às feiras no município. As entrevistas foram realizadas com auxílio de um

roteiro de questões (Apêndice A). Decidi manter as identidades das entrevistas após a concordância das mesmas. As entrevistas foram realizadas em suas casas, gravadas com autorização, transcritas e sistematizadas por temas de interesse. Cada entrevistada assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Na entrevista de Lúcia, seu marido Otílio estava presente e participou das respostas. Foram mantidas as informações trazidas por ele em relação à participação de assentados/as nas primeiras feiras realizadas no município, de forma a complementar as informações.

Além disso, utilizei a pesquisa documental para contemplar as informações necessárias à monografia. Resgatei vídeos de entrevistas sobre a história das feiras camponesas do município, coletadas em 2017, no âmbito do Projeto de Extensão da UERGS "Hoje é dia de feira: Divulgação das feiras da agricultura familiar em Sant'Ana do Livramento/RS". Parte desse material deu origem ao Documentário "Da terra para a tua mesa", que está disponível na internet. Também utilizei áudio gravado em 2018, durante uma roda de conversa sobre experiências entre mulheres feirantes do Assentamento Liberdade do Futuro e de outros da região. Essa atividade foi organizada pelo Projeto CNPQ "Incubação de Empreendimento Econômicos Solidários Fronteira da Paz". Cabe informar que a professora orientadora dessa monografia coordenou essas atividades e foi responsável pelo registro desses materiais. Vali-me de registros fotográficos das mulheres e das feiras e optei pela pesquisa qualitativa, buscando inspiração em Turato (2005). Nesse sentido, a posposta do trabalho vai se qualificando através de meu olhar subjetivo, como pesquisadora e mulher, respeitando as interações entre os atores/atrizes sociais estudados e suas relações com o meio social que integram. O trabalho é focado sobre as realidades, sendo resultado um compilado do olhar lançado sobre a pesquisa, conforme o conhecimento e as vivências da autora (TURATO, 2005).

Essa pesquisa é um estudo de caso múltiplo que, segundo Yin (2001, p.32): "o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definido". Yin (2001) enfatiza ser a estratégia mais escolhida quando é preciso responder à questões do tipo "como" e "por quê" e quando o pesquisador possui pouco controle sobre os eventos pesquisados. Compreendi ser interessante que os/as leitores/as possam observar as dinâmicas

dos cenários das entrevistas como forma de entender a interação entre autora e as mulheres entrevistadas, o que também faz parte do trabalho.

Foram dois dias de planejamento e organização para a realização das primeiras duas entrevistas. Contatei, pessoalmente, cada uma das mulheres explicando a proposta do trabalho e perguntando se elas poderiam acrescentar - segundo suas experiências, sugestões ao trabalho. Desde o primeiro momento, percebi o entusiasmo delas em falar sobre a feira, o trabalho, a alegria proporcionada pelos encontros e convivência com outras pessoas. Posso afirmar que as mulheres com quem trabalhei entendem a importância de dialogar com estudantes, em especial, com aqueles/as que estão dispostos a conhecer a realidade prática da vida camponesa.

As entrevistas foram conciliadas com meu horário de trabalho durante a semana e, somente duas foram realizadas, excepcionalmente, na quarta-feira, devido à forte chuva que inviabilizou meu trabalho na cidade. Mesmo com as estradas alagadas, passo cheio, consegui êxito no empenho para realizar as entrevistas. Já nas duas primeiras conversas, percebi a riqueza do material coletado e, de maneira ansiosa, aguardei pelas próximas.

É muito acolhedor e confortante receber delas o carinho de uma comida caseira feita na hora, como foi com a Ana. Enquanto realizávamos a entrevista, cuidávamos do netinho dela e preparávamos o almoço para a família que estava na “reunião do leite”. Entre mates, conversas, compartilhamentos de histórias de vida, registrei um material tão rico que apenas uma monografia não daria conta de trabalhar com tantos temas, histórias e tamanha grandeza de luta e trabalho da Ana e da família. E a entrevista se deu assim: com uma panela de carne frita, abóbora e mandioca cozida, feijão e arroz branco. A Ana dividiu comigo mais do que sua experiência, ela dividiu sua casa, sua mesa, seu modo acolhedor de fazer a “visita se sentir em casa”. Na despedida, mesmo sabendo que a encontraria em outros momentos, pois temos uma relação de amizade, o sentimento era de emoção e gratidão por permitir que eu faça da vida dela instrumento de trabalho para a conclusão dos meus estudos.

Abaixo de chuva, estradas alagadas, sangas cheias e atoladores querendo comprometer meu dia de pesquisa, encaminhei-me para a casa da Ivani, que mesmo tendo apenas referências minhas pela fala de outras mulheres, recebeu-me com muita cordialidade. Não estava sendo um período fácil, e a construção do

trabalho de conclusão de curso é algo que deixa os/as estudantes bastante ansiosos/as e com expectativa de fazer o seu melhor. Nesse sentimento, fui acolhida com muito carinho. A Ivani se solidarizou com meu processo de preocupação e ansiedade, e até me deu receitas caseiras de como conseguir passar melhor por esse momento. Mal sabia ela que o alimento e remédio para atenuar a ansiedade era a troca de experiências proporcionada por aquele momento. Encerramos a nossa conversa e chovia muito, a família, então, ofereceu-me a casa para pernoitar e esperar o tempo melhorar. Saí dali com o sentimento de acolhida e feliz pela confiança que se estabeleceu através da conversa.

Como uma boa "visita de campanha", saí "recorrendo" para visitar os/as amigos/as que fiz no Assentamento. Inverno chuvoso, anoiteceu cedo, não pude cruzar o passo tarde da noite e então fiquei na Carmen ajudando a preparar a massa com molho de frango enquanto aguardávamos o Iago voltar da Escola Antônio Conselheiro e o Tito chegar para provarmos a "cachaça com canela". Encerramos a noite em grande estilo: na beira do fogo, jogando canastra.

Na sexta-feira, após o expediente de trabalho na Prefeitura Municipal, peguei o mate, o gravador, o roteiro de questões, uma sacola de roupas e saí novamente de casa rumo ao assentamento. Com muito carinho fui recebida pela família de amigos Cleide, Tiago, Alice e Cecília, que desde o primeiro momento que souberam da pesquisa ofereceram a casa para que eu pudesse pernoitar. Temos uma relação de amizade, carinho e cuidado, logicamente que a "estadia" teve mesa farta, comida feita na hora, mate com "yuyo", risadas, bergamota no sol e muitos causos.

Manhã de sábado, fogão a lenha aquecendo a casa, cheguei e Dona Oliva já me aguardava de braços abertos. Feliz pela minha chegada, logo me contou como ia sua saúde, relatou as notícias dos/as filhos/as e dos/as netos/as. Contou da alegria do aniversário da filha mais moça e já foi me perguntando do dia 15 de maio, dia de "Luta dos Estudantes" contra o corte de verbas do governo. Ela lamentou não poder ter ido até a cidade apoiar. Entre mates, risos e memórias, Dona Oliva revelou a essência da feirante que é, aquela que encontrou o seu propósito de vida e se realiza através do seu trabalho. As perguntas discorreram com facilidade. Percebi que um roteiro de questões era muito pequeno para contemplar a grandeza da sua trajetória. Na saída, já levei junto comigo cuca e mandioca e, de maneira muito atenciosa, ela mandou por mim chás para curar a gripe das vizinhas e uma porção de mandioca para elas provarem. Dona Oliva é conhecida como uma 'vendedora de

mão cheia', inclusive por outras feirantes. Ela está sempre sorrindo, apesar de algumas marcas profundas que carrega no coração. Jovial e acolhedora, ela me inspira.

Fim de tarde de sábado, sol "entrando" no horizonte, fui conversar com a Dona Lúcia. Ela já me esperava com charque para eu fazer um carreteiro para ela. Dona Lúcia tem um jeito de contar histórias que é muito peculiar, ela revive as falas e os trejeitos das pessoas e conta seus causos de maneira empolgante. Nossa proximidade, por vezes, trazia em discussão assuntos de família. Foi um momento muito íntimo e ao mesmo tempo descontraído, em que ela contava suas alegrias e desabafava suas angústias, na busca de encontrar soluções e atenção. Tentei fazer da melhor maneira que pude e usar toda empatia possível como forma de agradecer a confiança que ela teve em dividir tantas histórias e acontecimentos. Ao sair, percebi que, a cada encontro, quando a intimidade aumentava, eu conhecia mais a outra pessoa. Cada vez mais a Dona Lúcia tem meu reconhecimento enquanto uma mulher batalhadora.

Domingo de manhã cedinho, fui conhecer a morada da Fátima. Cheguei, e ela ainda estava lavando o material da ordenha. Ao redor, música no rádio tocando, pomares carregados de frutas, porca com cria e as galinhas soltas em volta da casa. Encontramo-nos num sincero abraço, fizemos o mate e começamos a conversar sobre a família, os filhos, a vida, enquanto a galinha caipira carneada bem amarelinha estava de molho sobre a mesa. A Fátima carrega uma história muito rica de lutas e vitórias enquanto mulher camponesa. Foi um momento emocionante e de muito aprendizado. Saí da casa dela com o convite para uma próxima visita e carregada de bergamotas doces que comi mais tarde ao sol.

É muito importante que nós, enquanto estudantes de universidade pública, tenhamos o cuidado de trabalhar com a comunidade local, procurando fazer uso de espaço público para acrescentar e valorizar as pessoas que fazem parte do nosso universo de estudo. Acredito que as mulheres compreenderam o sentido deste trabalho e colaboraram da maneira espontânea, sentindo-se valorizadas por terem suas histórias compiladas enquanto camponesas e feirantes.

3 VAMOS FALAR SOBRE O INÍCIO DAS FEIRAS?

Quando abordada a temática da construção das feiras no município de Sant'Ana do Livramento, faltam elementos históricos e estudos acerca dessa atividade. Muito embora se tenha conhecimento das famílias que, tradicionalmente, fizeram e fazem feiras no nosso município, esse conhecimento se dá de maneira empírica, pois se conhecem essas pessoas pela proximidade da comunidade de uma cidade pequena, ou ainda, não raras vezes, porque está realidade foi apresentada dentro da universidade. Mais do que construir um histórico de feiras, é necessário dar visibilidade aos atores/atrizes deste processo de construção de um novo cenário comercial, com uma proposta social que ultrapassa as relações comerciais.

Olhando o contexto de Brasil, percebo que os estudos que foram realizados até aqui contemplam de maneira central as relações econômicas que giram ao redor da feira, gargalos de mercado, relações de produção, beneficiamento e compra, porém resgatar a memória das feiras como forma de reconhecimento desta atividade e dos/das feirantes acerca dela não é algo comum. No Rio Grande do Sul, encontrei alguns estudos que percebem essas relações sociais entre feirantes e feira, suas interações e desempenho de atividades, com um olhar voltado a perceber as nuances cotidianas a partir das relações que acontecem na feira, como "Mercados, campesinato e cidades - Abordagens possíveis" e "Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato" organizado por Maria Catarina Zanini (2015), "A feira como um espaço de sociabilidade" de Fabiane Nora e Maria Catarina Zanini (2013), entre outras obras.

Fazendo um apanhado de algumas pesquisas estudadas acerca da temática das feiras nessa perspectiva, encontrei o artigo de Oliveira e Zanini (2015), que trabalham a questão da comercialização dos produtos camponeses na Feira da Economia Solidária em Santa Maria – RS. A partir de estudos etnográficos, elas fazem com que o/a leitor/a se transporte ao local da cena da feira. Observei, assim, o comportamento e os gestos, os diálogos e as interações propostas pelos/as atores/atrizes sociais daquela feira.

Ainda sob a perspectiva metodológica da etnografia, Froelich e Zanini (2015) propõem a análise das mulheres camponesa na feira urbana, tentando compreender de que maneira o trabalho impacta na vida dessas. As autoras trazem a imagem da

feira realizada por quem produz, valorizando os desafios da venda direta e as trocas sociais das mulheres enquanto trabalhadoras camponesas e feirantes.

Ainda dentro das pesquisas sobre as formas de trabalho dos camponeses na feira, Cielo e Zanini (2015) fazem a apresentação de resultados do projeto “Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul”. As autoras demonstram na pesquisa a inserção dos/as camponeses/as nos processos de comercialização da feira, incorporados ao sistema de funcionamento do Feirão Colonial, participando das trocas sociais e interações culturais.

Nora e Zanini (2015) trabalham dentro do cotidiano da feira questões como a etnicidade, saber fazer, trocas de experiências e o registro dos encontros no espaço de feira. As autoras captam a importância da feira para as camponesas, desde o espaço de conversação livre e interações até a autonomia proporcionada pelo trabalho com a feira.

Já em 2018, Maria Catarina Chitolina Zanini estuda a Feirinha do Bairro Camobi, em Santa Maria, trabalhando sobre mulheres e etnicidade. Nesse espaço social, as camponesas descendentes de colonos italianos trabalham, interagem com consumidores/as, constroem memórias, garantem a reprodução socioeconômica da família e afirmam a identidade italiana.

Beber da experiência - dessas e de outras pesquisas - motiva a conduzir esse trabalho de maneira mais intimista, tentando trazer a sensibilidade para o campo da ciência, com o objetivo de mostrar o que existe atrás da cena comum de venda e compra de produtos camponeses. Há vida e arte na feira! Vida ativa, repleta de histórias de muito trabalho e luta, onde as mulheres se destacam.

Sant’Ana do Livramento compõe uma fronteira de Pampa, onde pelas características do encontro das paisagens sociais do Brasil e Uruguai, comunga-se das planícies e da cultura do gaúcho ou “del gaucho”. Também apresenta um cenário histórico de criação extensiva de gado de corte, mais tarde incorporados à atividade da criação de ovinos, até a chegada do gado de leite, sempre acompanhados de criações e atividades de subsistência.

Conforme Monteblanco (2013), a distribuição das sesmarias no território de Sant’Ana do Livramento proporcionou a base da configuração de um espaço rural muito desigual. A partir de então, a elite proprietária afastou a possibilidade de grande parte das pessoas que viviam no campo conseguirem acessar a terra. As

estâncias se modernizaram, as famílias estancieiras foram viver na cidade, ocorreu um forte processo de êxodo rural e, no rural de Livramento, constitui-se paulatinamente o vazio demográfico, no contexto da pecuária extensiva e da chegada da agricultura moderna. Esse foi o cenário encontrado pelas famílias assentadas que começaram a chegar ao município na década de 1990, reconstruindo as relações sociais e trazendo vida ao campo, promovendo a sua revitalização social. A territorialização que aconteceu através dos trinta assentamentos transforma o território que era espaço de exclusão em espaço de inclusão (MONTEBLANCO, 2013).

Nesse contexto, é desafiador, porém necessário, tratar do processo de construção das feiras no município para contarmos uma realidade invisibilizada, paralela à criação e plantação extensivas. Entendo que as primeiras feiras do município surgiram a partir do trabalho dos ‘chacreiros’. Esses camponeses faziam entregas em domicílio na cidade, com auxílio de uma carroça puxada a bois, de produtos como: mandioca, batata-doce, milho verde, frutas da época, leite, verduras e etc. Esse processo iniciou-se há muito tempo, mas se encontram relatos sobre a década de 1940 de pessoas conhecidas localmente como ‘chacreiros’, que saiam de madrugada de suas propriedades camponesas localizadas perto da cidade (chácaras) com carroças para fazer entrega de produtos na cidade.

A Família Braz é pioneira e referência histórica nessa trajetória de produção para feira no município. Pessoas como Seu Armandio Braz, que vem de uma sucessão familiar de camponeses/as que abasteciam as principais feiras e mercados locais, traz a memória vivia sobre o trabalho na juventude:

> Eu sou da família Braz, dos primitivos de produção de pequena escala e que a gente plantava desde a hortaliça até plantas de lavouras, fazia pomares de pêssego, ameixa, laranja, bergamota, todas essas eram parte da nossa produção da agricultura (entrevista com Armandio Braz realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto “Hoje é dia de feira”).

Fotografia 01 - Armandio na Feira da Agricultura Familiar.

Fonte: Arquivo do Projeto Hoje é dia de Feira, 2017.

Ele recorda do início difícil que teve em meados dos anos 40, com a dureza do trabalho e a precariedade das estradas rurais, a entrega dos produtos era feita antes do amanhecer, então o encontro com os compradores acontecia muito cedo. A saída da propriedade era por volta de duas ou três horas da manhã, levavam os produtos organizados para aguentarem a viagem e o balançar da carroça. A propriedade da família de seu Armandio fica há 12 km do centro da cidade, porém as estradas e as condições de transporte requeriam uma acomodação especial dos produtos para que se mantivessem com uma boa aparência e condições de consumo. Ele conta que a organização dos produtos como o “atado das 25 cebolas em réstia” foi feita da mesma maneira durante todo o tempo que esteve trabalhando com entregas:

> Tinha que sair cedo de casa com os produtos nas carroças porque as estradas eram péssimas, tinham atoladores e areais grandes ali na zona da Vigia, que fica pra cá da nossa chácara, tinha areal que tinha mais ou menos dois quilômetros de extensão com areia que atolava até metade da roda das carroças, auto não passava ali (entrevista com Armandio Braz realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto “Hoje é dia de feira”).

Ele também conta e recorda como iniciou a história das feiras na sua família e lembra com carinho do “batismo” de nome de uma das variedades de pêssego por seu avô, variedade esta que perdurou na família por gerações:

> Meu avó Gomercindo Braz já plantava. Eu era muito pequeno na época que meus tios recebiam ordem do pai deles, mas eu vou lhe contar um caso que aconteceu... Ele vendia leite, trazia e distribuía na cidade nas casas de famílias, e ele encontrou uma árvore de pêssego muito linda que tava preparado o pêssego já pra colheita, que foi a fruta que eu conheci como um dos melhores pêssegos. E meu avô botou o nome do pêssego que ele achou na casa de uma senhora de Madalena, pois a senhora se chamava assim, e ficou, até hoje o nome (entrevista com Armandio Braz realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto “Hoje é dia de feira”).

Os registros a partir da memória dos feirantes entrevistados datam de 1940. Na época, as famílias camponesas com maior capacidade produtiva atendiam não só aos mercados locais como aos mercados regionais nas cidades de Bagé/RS, Dom Pedrito/RS, São Gabriel/RS e Santa Maria/RS. Segundo seu Armandio, na época de produção, eram colhidas cerca de 40 ou 50 caixas de frutas todos os dias na propriedade. Esse processo de compra e venda era feito por atravessadores que compravam a produção dos camponeses e distribuíam na região.

Em meados dos anos 50, houve uma iniciativa da prefeitura para organizar as famílias camponesas e proporcionar a elas mesmas fazerem a venda dos seus produtos. Ele conta como foi a experiência:

> Eu vim com meu pai organizar uma feira que ia ser promovida pela prefeitura, mas no final não vigorou essa criatividade da feira. Foi no ano mais ou menos de 1950, eu tinha uns 17 anos (sou de 1933). Mas não marchou, o pessoal não estava habituado e tudo era muito difícil para o agricultor sair da chacrinha e abandonar o trabalho pra vir trazer mercadoria na cidade. Se vendia tudo que se podia na chácara, ou a gente trazia de manhã cedo de carroça, mas não podia perder esse tempo vendendo, então eu nunca fiz feira direto (entrevista com Armandio Braz realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto “Hoje é dia de feira”).

Naquela época, poucas pessoas eram especializadas para atender mercados maiores, tanto de maneira técnica para realizar manejos e práticas agrícolas em pomares e hortas, como também produziam alimentos de alta perecibilidade e em pequena escala - verduras de fácil manejo, portanto não havia diversidade suficiente para as famílias trabalharem de maneira individual. A distância era também fator limitante para que os produtores comercializassem diretamente na cidade no ponto de feira, não se dependia de pessoas que se dedicassem somente a atividade de

feira tal como temos hoje, realizada em pontos fixos. O que acontecia na cidade era a entrega de produtos de camponeses de casa em casa na cidade como auxílio de carroça, como mencionamos acima.

Seu Armandio fala, com nostalgia, sobre o passado difícil, mas valida a experiência e diz que pela idade abandonou a “sua agricultura”, não havendo mais mão de obra para atender as demandas da propriedade. Ele lamenta a falta de mão obra para continuar trabalhando com o atendimento das feiras, mas, ainda hoje, conserva algumas árvores do pomar e tem uma relação de amor com o seu pedacinho de chão.

Da produção e abastecimento dos mercados locais, o camponês e feirante com experiência de mais de 25 anos de feira, Sidnei, conta como enfrentou a mudança proposta pelo tempo e as transformações sofridas pelo mercado. Seu gosto pela feira é que lhe motiva ainda hoje, com uma menor produção do que quando começou:

> Meu nome é Sidnei Charopen. Eu faço feira há muito tempo, talvez aproximadamente há 25 anos. Comecei na praça José Bonifácio, se vendia muito bem, mas naquela época existia uma rede de mercado muito pequena, era fácil do produtor rural vender bastante. Hoje, atualmente, mudou por isso. Vamos levando, nós temos hoje vendendo meio devagar, mas a gente produz, produção nossa, produção própria, estamos vendendo, fazendo o que gostamos. Nunca parei [...]. (Entrevista com Sidnei Charopen realizada por Alisson Augusto Brandão Soares em 2017, acervo do Projeto “Hoje é dia de feira”).

Sidnei é um dos camponeses que participou da construção das primeiras feiras coletivas, iniciativas em parceria com a Emater, Prefeitura, apoiadores e camponeses/as. Com o passar dos anos e a desarticulação da Feira do Produtor, ele recorreu à feira individual. Atualmente, ele busca construir o ponto da feira da agricultura familiar e da economia solidária na Rua Hugolino Andrade, em espaço que receberá brevemente a estrutura necessária para as famílias realizarem a feira.

Fotografia 02 – Sidnei (de camiseta azul) conversando com Daniel e Jorge, todos feirantes na Feira de Agricultura Familiar

Fonte: Foto de Yeferson Oliveira, 2017, Arquivo do Projeto Hoje é dia de feira.

Ainda discorrendo sobre a memória das feiras, temos o relato de um dos extensionistas da Emater, que participou do projeto de criação das primeiras feiras camponesas no município. Alcedir recorda as dificuldades enfrentadas pelos/as feirantes e relata a trajetória de luta contra as adversidades da década de 1970 e de 1980:

> Eu sou Alcedir Drum dos Santos, extensionista rural da Emater, onde nós tivemos o privilégio de iniciar as feiras junto com os produtores da agricultura familiar daqui de Sant'Ana do Livramento, em diversos locais. Tivemos muitos agricultores que hoje não estão mais na atividade, mas foram guerreiros na luta de trazer seus produtos para o consumidor, para o mercado da cidade [...] (Entrevista com Alcedir Drum realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto "Hoje é dia de feira").

Ele cita algumas das localidades do interior do município de onde vinham camponeses/as fazer feira no perímetro urbano, bem como cita alguns nomes de pessoas que participaram dessas primeiras feiras:

> Podemos recordar alguns pontos como a feira da Treze de Maio, que foi um momento importante para os feirantes do Cerro dos Munhoz, como o caso do seu Ilaerci Gonçalves, na parte do Carajá para seu Édson, os Braz e o pessoal da família Braz da Vigia e do Passo do Guedes. Enfim, outros do Rincão dos Ribeiros, produtores lá da Florentina, Mangueira Colorada, a família Charopen. Enfim, foram os agricultores pioneiros nas nossas feiras no início na década de 70/80 onde se iniciou o processo de comercialização nos locais (Entrevista com Alcedir Drum realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto "Hoje é dia de feira").

Conforme o extensionista, era desafiador conseguir reunir as famílias camponesas. Além da distância entre as propriedades, havia uma distância entre as realidades sociais e também as diferenças em função da estrutura, das condições de área, de solo, de produção e diversificação e do próprio mercado.

> Eu recordo que os primeiros feirantes a gente fazia um esforço grande para transportar a produção, ir buscar a produção na propriedade, através da prefeitura, da Emater. Muitas vezes, os agricultores não tinham meio de transporte e isso era todo um trabalho no início com muita dificuldade em providenciar, e todo processo é um processo longo [...] (Entrevista com Alcedir Drum realizada por Cassiane da Costa em 2017, acervo do Projeto "Hoje é dia de feira").

Até o ano de 1978 os/as camponeses/as viam como um processo muito trabalhoso fazer feira. Era mais fácil entregar a produção a atravessadores ou entregar em locais de venda de terceiros. Alguns camponeses com melhor estrutura e conseguindo oferecer maior diversidade, partiram para iniciativa individual. Com ponto de venda estruturado e legalizado perante os órgãos competentes, ainda hoje a Família Braz trabalha com o abastecimento de mercados locais e a venda direta de produtos. Algumas pessoas da mesma família também fazem feira nas praças centrais do município.

Neste período entre 1978 e 1980 conseguiu se estruturar a primeira Feira do Produtor na Rua Treze de Maio, esquina com a Rua Sete de Setembro. Foi um processo bastante difícil para a organização dos/as camponês/as. A falta de estrutura era um fator importante, porém a pouca ou nenhuma experiência dos/das camponeses/as em fazer feira demandou da Emater um acompanhamento tanto na propriedade, como também no preparo e apresentação dos produtos. Esses aspectos eram contrastantes na apresentação da feira entre algumas pessoas. Foi um desafio a conscientização de uma melhor preparação para a comercialização direta.

A feira foi acolhida pela comunidade santanense e junto aos/às camponeses/as, alguns/algumas feirantes urbanos/as se somaram, eram pessoas

que moravam nas vilas e bairros mais afastados do centro da cidade e, geralmente, tinham criações de porcos, galinhas, coelhos, e faziam a venda de animais vivos e abatidos. Outras famílias urbanas participavam com venda de doces, pães e produtos caseiros.

Mesmo com a diversidade de pessoas e produtos em alguns momentos nem todos os camponeses participavam com regularidade, a produção era pequena em relação às demandas da comunidade e a falta de continuidade do trabalho acabava desmotivando a família e o grupo. Muitos camponeses desistiram da feira e voltaram as estratégias anteriores de entrega da produção a atravessadores.

A continuidade do trabalho com feiras de maneira coletiva se dava a partir da Feira do Produtor, sempre acompanhada de algumas feiras individuais e a entrega em domicílio dos produtos da campanha. Porém as atividades de feira aconteceram de maneira mais intensa a partir dos anos 90. Os principais locais de comercialização eram na Rua Treze de Maio com a Rua Sete de Setembro, depois no outro lado da mesma rua onde hoje é o estacionamento do Supermercado Righi, na Rua Treze de Maio em frente ao Refeitório Público Municipal, na Praça José Bonifácio na Rua Conde de Porto Alegre, na Praça da Bandeira em frente à Santa Casa de Misericórdia, na Praça General Osório em frente à Prefeitura Municipal, na rua em frente a Emater e na Praça Getúlio Vargas:

> Primeiro nós ia na Praça na frente da Emater, os primeiros tempos era só ali e se vendia muito, depois nós fomos na rua da frente da Emater, se trancou aquela rua [...]. O Alcedir, por exemplo, era uma das pessoas que mais cuidava da gente e acompanhava, também tinha a Jaqueline, os dois eram técnicos; a gente ia, vendia, e ao meio dia voltava pra casa (Oliva, 2019).

No ano de 1991 chega o primeiro Assentamento da Reforma Agrária “Liberdade no Futuro” em Sant’Ana do Livramento, não havia estrutura para o acolhimento das famílias. Eles/as dividiam as áreas já construídas que pertenciam à estância, e que agora ela moradia de 67 famílias, mais de duzentas pessoas vindas de 25 municípios diferentes.

Apesar da diversidade de identidades e territorialidades, a grande maioria das famílias era formada por camponeses/as ou filhos/as de camponeses/as que trabalhavam de maneira individual em minifúndios. Outros/as trabalhavam como meeiros/as e ainda prestavam serviços para terceiros, e alguns/algumas eram

empregados/as ou já estavam à mercê da vida nas favelas ao redor das cidades grandes, sobretudo da capital Porto Alegre.

Havia diferenças culturais muito fortes entre o grupo que chegava da região do Alto Uruguai para os fronteiriços:

> [...] A diferença pro pessoal daqui era muito maior, era mais uma diferença cultural, alimentação, o jeito de se relacionar, de se divertir. Foi uma conquista a gente conquistar o pessoal da região e eles nos conquistarem também. Fomos 'se ajeitando' (Otílio, 2019).

Percebo essas diferenças pela síntese de Chelotti (2010), que estabelece um comparativo entre camponeses da campanha e camponeses da colônia. Os camponeses pecuaristas surgiram nos arredores das estâncias, como agregados e trabalhadores de atividades pastoris extensivas, obtiveram suas terras por meio de concessão, estilo campeiro, suas casas eram simples, de capim barreado, tendo que se percorrer longas distâncias entre uma residência e outra. Divertiam-se em bolichos, jogos de taba, corridas de cavalos, eram de origem luso-brasileira, hispanos, mestiços, afro-brasileiros e indígenas, de campos planos e naturais, coxilhas, com predominância de vegetação arbustiva apenas na beira de rios e córregos de água (CHELOTTI, 2010).

Já os camponeses da colônia são originários dos imigrantes europeus, se concentraram nas áreas desprezadas pela atividade pastoril, adquirindo suas terras por meio de compra. De origem ítalo-germânica em maior número, e em menor eram mestiços, estilo de vida colonial, com casas próximas umas das outras – o que facilitava a vida em comunidade. Viviam em terras do planalto basáltico com predominância de floresta subtropical, eram policultores (CHELOTI, 2010).

A desterritorialização é fator precedente à reterritorialização. Medeiros (2006) define esse primeiro como a perda da referência enquanto pequeno proprietário ou arrendatário de terra, o que torna o enfrentamento difícil ao se deparar com o segundo, que seria a busca pela nova identidade, da relação de pertencimento, onde irão projetar aspectos da vida anterior em um novo contexto. O processo de reterritorialização não é fácil, tanto que alguns não conseguem se adaptar. Isso também reforça a resistência necessária para os/as camponeses/as sem terra conseguirem se estabelecer em novas terras com diferentes elaborações sociais e culturais.

Segundo Chelotti (2010), a partir da nova realidade, o desafio que se apresenta é a busca pelas novas estratégias de reprodução da unidade familiar; visto que não existe nada além da terra e da capacidade de trabalho dos camponeses. Tudo é novo e as famílias são sabedoras de processos de assentamentos que deram certo e dos que ainda tinham dificuldades. Percebe-se a incerteza do processo no relato de uma das entrevistadas sobre a experiência que teve ao ir junto com o Acampamento do Movimento Sem Terra para a cidade de Bagé – o acampamento que precedeu o assentamento das famílias em Livramento:

> Quando a gente veio pra Bagé [...] fomos no Assentamento Santa Lúcia. 'Menina do céu'! Quando a gente chegou lá eu me apavorei, o casal tantos anos assentados, tinham um guri, moravam na sede da fazenda, não tinham nada, nada, nada. Pousamos nessa casa e no outro dia fomos na outra [...]. No caminho eu disse pro meu companheiro que se fosse pra gente viver uma vida como aqueles tavam vivendo que nós ia embora no outro dia, eu não ficava mais acampada. [...] Sei que chegamos na outra casa e era a mesma coisa, uma pobreza, uma sujeira dentro de casa, não tinham as coisas pra comer. A mulher mandou o marido pegar uma galinha porque não tinha carne. Ela fez com massa, e não tinha farinha. Ela mandou comprar a dita pra fazer a massa e nós ter o que almoçar. Eu saí de lá tão triste, tão triste. Eu pensava: 'Meu Deus do céu, se é pra nós ficar assim é pior do que quando nós morava lá, ao menos tinha o básico do básico' (Fátima, 2019).

As dificuldades eram muitas. Porém, quando os/as camponeses/as sem terra chegaram a Livramento, havia uma equipe de apoio que os/as esperava, o que tornou esse processo de acolhida e chegada um pouco mais acalentador e lhes deu esperança: "Aqui foi muito bom, nós tínhamos um grupo de apoio quando nós chegamos que era da Igreja, e o pessoal do PT, freiras, algum padre" (Oliva, 2019).

Existia uma relação de acolhimento dos/as camponeses/as da localidade do Cerro dos Munhoz que receberam o grupo de assentados/as:

> Eu vou falar dos vizinhos. Nós tivemos muito apoio do seu Ico, do seu Genuíno, o finado Adão Ferrão. Tu chegou a conhecer ele, né? O seu Adão Cardinal. Quando a gente chegou a gente não tinha o que comer. Eles matavam uma vaca e davam metade pra nós, coisas de roça eles nos deram bastante. Essas famílias apoiaram. A igreja apoiou muito também. Eles fizeram uma turma de acolhida para os assentados, vereador, nós fomos bem acolhidos por essas pessoas. Acho que foi tranquilo (Fátima, 2019).

Ainda havia a relação interna a ser estabelecida entre os componentes das 67 famílias chegadas de 25 diferentes municípios, em grande maioria vinda da região do Alto Uruguai e alguma pouca família da região da campanha:

> Quando a gente chegou sofremos muito, foi quase igual estar acampado. Porque chegamos sem nada Renata. Chegamos e o pessoal era desconhecido. A gente só conhecia o Otílio vagamente porque ele teve na nossa casa fazendo o trabalho de base convidando a gente pra ir acampar, e o Antônio (Mingo) que já era assentado quando nós chegamos. [...] Quando a gente chegou, tinha muita gente que era contra, mas também tinha muita gente a favor (Ana, 2019).

Como estratégia para a reprodução do grupo social, os/as camponeses/as assentados/as decidem trabalhar de maneira coletiva. Muitos/as não tinham nenhum recurso, nem animais para que pudessem dispor em favor do todo. Assim a iniciativa daqueles que tinham sementes, materiais de trabalho, animais leiteiros, porcos e aves foram fundamentais para a sobrevivência do grupo e motivo da permanência da grande maioria das 67 famílias assentadas.

Quando os/as camponeses/as decidiram em reunião pelo trabalho coletivo, estipulou-se que seriam organizados setores de trabalho como: saúde, preparação dos alimentos, educação, estufas e horta, ordenha das vacas, cuidado dos animais e ciranda. Esses setores eram abertos para a adesão dos/as camponeses/as conforme sua afinidade. Homens e mulheres trabalhavam em todos os setores.

> Nós levantávamos de madrugada e tirava leite, tinha o Bulinha – uma pessoa muito boa que levantava com nós de madrugada. Era eu, a Léli, o Bula e a Cida, levantava às vezes não era cinco horas. Aí nós tomava uma cuia de mate cada um e ia pra mangueira tirar leite de 39 vacas à mão (Lúcia, 2019).

No assentamento, era produzida grande quantidade de hortaliças e desperdiçavam muito em função da perecibilidade e de não conseguirem consumir tudo o que era produzido. Assim, em nova reunião, o grupo decidiu fazer feira com o excedente da produção de hortaliças, depois de atender a demanda interna do assentamento, acrescentando produtos como queijo, cucas, pães e doces. Foi elaborado um projeto solicitando um caminhão para que os/as camponeses/as conseguissem ter autonomia para fazer feira na cidade levando a produção do assentamento.

Fotografia 03 – Assentadas/os trabalhando nas estufas do grupo coletivo no Assentamento Liberdade no Futuro

Fonte: Arquivo da camponesa Marli Cupsinski.

As dinâmicas do grupo se davam todas de maneira coletiva. A divisão do valor arrecadado através da venda era feita pelas horas trabalhadas de cada camponês/a, e um percentual era do coletivo para atender as demandas internas do assentamento. “A grande feira era no grupo e nós sobrevivíamos das feiras. Sempre comprava tudo o que precisava, pagava luz, levava as crianças doentes no médico com o dinheiro do coletivo” (Otílio, 2019).

Nas primeiras feiras organizadas com a parceria da Emater, Prefeitura e o apoio de grupos da comunidade, a maioria dos feirantes eram homens, muito embora as mulheres participassem do processo desde o plantio à colheita e o beneficiamento dos produtos. No assentamento, a justificativa para a maior participação dos homens na construção das primeiras feiras se dava em função da penosidade do trajeto, estradas quase inexistentes, muito frio, a saída do assentamento era cedo, não tinham acomodações para as pessoas que iam fazer a feira. Os homens iam em cima do caminhão para não estragarem os produtos que iam dentro e poderem carregar uma carga maior:

> Se tu for ver o histórico das feiras não foram as mulheres que começaram, poucas participavam, eram mais os homens que faziam essas feiras coletivas. Era muito difícil, sair quatro horas da manhã. Tinha que embarcar num caminhão de madrugada. Às vezes chovia. A gente ia sem tomar café. E os homens também não eram todos que iam (Otílio, 2019).

Os/as assentados/as foram convidados/as a participarem da Feira do Produtor junto com outros/as camponeses/as do município. Os/as camponeses/as assentados/as participavam das feiras coletivas, porém mantinham uma agenda somente da feira do coletivo do assentamento. A feira do coletivo do Assentamento Liberdade no Futuro era realizada em cinco locais diferentes:

> Nós tínhamos o ponto da feira do produtor. Nós era entre vinte e cinco feirantes, só que nunca se parou muito num só lugar. A Feira do Produtor era no tempo em que o Elifas era vice-prefeito. Ele nos convidou pra uma feira na frente de onde era a Secretaria da Saúde antigamente, na Treze de Maio, lá quase na ponte. Ele construiu uma feira, ele e o prefeito – mais era ele, e nos cederam aquele espaço, nós ficamos ali três anos. Tinha mais gente nessa, tinha os Braz, o seu Ico, e outras pessoas que eu não lembro mais o nome, mas era bastante gente (Oliva, 2019).

Os pontos de venda coletiva dos/as assentados/as eram distribuídos pela cidade. Havia duas feiras no Bairro Armour, uma onde atualmente é a Unidade Básica de Saúde, na época era um terreno baldio. Ali, era um lugar de bastante movimento e aceitação em função do Frigorífico São Paulo que tinha muitos trabalhadores que davam preferência para comprar na feira. A outra era em frente ao Supermercado Righi, na casa de amigos dos/as assentados/as. Outro ponto de comercialização era próximo à Unidade Sanitária, no pátio cedido por conhecidos dos/as assentados/as. O quarto ponto ficava na Vila Julieta, na Paróquia Santo Antônio. O quinto ponto era na frente da Prefeitura Municipal. Nesse local, às vezes se comercializava na praça e outras vezes na calçada da frente, onde hoje é o prédio da UERGS.

> Nós fazia cinco feiras em lugares diferentes no mesmo dia. Geralmente era no sábado de manhã. Perto do Righi do Armour tinha uma, até hoje eles são nossos amigos, ali na Vila Julieta bem na frente da igreja Santo Antônio, outro perto do Posto de Saúde na Daltro Filho, ali na praça da Prefeitura – e as vezes ficava perto do Banco do Estado (atualmente prédio da UERGS) e o outro era no Armour também, ali onde é o postinho de saúde. [...]. Depois de um tempo, na Treze de Maio próximo do refeitório municipal foi uma conquista para os produtores, aí era tudo organizado, com bancas e tudo (Otílio, 2019).

A estratégia de trabalho coletivo durou alguns anos. Nesse período algumas mulheres já se destacavam na venda individual e na entrega de produtos em domicílio. Mulheres como Oliva também participavam ativamente das feiras. Mas o protagonismo das feiras foi assumido de fato pelas mulheres após o rompimento do grupo e a individualização dos lotes e das atividades.

Contextualizando a organização do grupo coletivo, logo na chegada ficou acordado que todas as famílias participariam da AFAS (Associação Fronteira Agrícola Santanense). Depois de algum tempo de trabalho a AFAS se dissolveu e passou a ser COPAL (Cooperativa de Produção Agropecuária Sete de Julho LTDA.), que era formalizada. Surgiu outro grupo concomitante chamado ACAL (Associação dos Colonos Assentados de Livramento). Essa foi a primeira grande divisão do grupo coletivo.

A dissolução do grupo se deu principalmente pelas diferenças de pensamento que existiam. Não era unânime a aceitação do trabalho coletivo.

> A gente vinha de um trabalho que era sempre individual, começamos a trabalhar de maneira coletiva quando a gente chegou no assentamento. No início como a gente ainda não tinha nada o grupo coletivo nos ajudou muito. Quando começou, o pessoal pegava junto mesmo, mas depois a gente foi notando que muita gente começou a puxar pro seu lado, e quando a gente viu que não dava mais certo, sempre tinham aqueles que tavam tirando, nós saímos fora. A gente pensava que se a gente não ia ajudar também não ia estorvar, quem vai ficar no coletivo vai tocar. No fim não deu certo, porque vamos supor, se eu e tu estiver no coletivo e a nossa ideia for a mesma de não tirar nada e vai pro coletivo a divisão, ótimo, ia funcionar muito bem, mas sempre tinham aqueles que ficavam atrás da moita, não trabalhavam, e a ficha era contada por horas trabalhadas. Só que tinha gente que não trabalhava, mas tinha a ficha cheia, então não dava certo (Fátima, 2019).

Houve um fator chave para a desarticulação dos grupos de feirantes – não apenas o grupo do assentamento. Ao longo dos anos, a atuação dos órgãos sanitários e de inspeção foram combatendo a falta de regularização de produtos processados, a venda do leite in natura, comercialização de ovos e animais vivos ou abatidos, o que inviabilizava a continuidade das feiras pela diminuição da variedade de produtos possíveis de se comercializar. Não havia uma iniciativa de legalização de estruturas como agroindústrias, e os produtos começaram a ser apreendidos. Aqueles com melhores condições financeiras e estruturais conseguiram se adequar e adentraram em outros tipos de mercados, porém foi fator de desistência para muitos/as feirantes. A venda de produtos era realizada na estrada, mesmo antes de chegar ao perímetro urbano.

Assim, as mulheres encontraram na arte de fazer feira uma maneira de produzir e comercializar de maneira direta, agregando valor aos seus produtos, criando sua clientela, buscando suas estratégias de comercialização, encontrando também uma maneira de sair de dentro de casa e se tornar “sujeita da história”, como diz a Ana.

Como forma de desviar essas dificuldades, algumas mulheres iam fazer feira de maneira individual, utilizando-se de estratégias como ir de carona ou no transporte coletivo. Uma das entrevistadas descobriu através da necessidade o caminho de fazer feira. Seu filho tinha menos de um ano de idade quando adoeceu, e ela precisou ficar na cidade durante um longo período, foi no ano de 1991, logo que os/as camponeses/as foram acampados. Antes mesmo da estruturação do grupo coletivo e da produção da horta, ela levava para o hospital algumas coisas que preparava em casa para comer. As pessoas tinham curiosidade em provar seus produtos e assim ela descobriu que a venda daquilo que produzia era uma possibilidade:

> Eu comecei a fazer feira antes do grupo coletivo. Logo que a gente chegou e que o Marco adoeceu. Ele não tinha um ano ainda. A gente não tinha nada plantado. Eu levava rapadura pra comer e as enfermeiras viam eu comendo e encomendavam as coisas. E desde então eu nunca parei. A Léli me pergunta: “Quem que te deu a ideia de fazer rapadura e cuca e vender?”, “Foi a necessidade”. E eu caminho de cabeça erguida (Lúcia, 2019).

A arte de fazer feira encontra a feirante de várias maneiras. Encontrou a Lúcia a partir da necessidade. Com a Oliva, o gosto vem da observação do trabalho de gerações anteriores na família. Ainda quando pequena, ela via seu avô vendendo. Sempre teve muita facilidade para conversar e bastante desenvoltura nas vendas, praticamente nasceu feirante. Eu particularmente compreendo que essa arte corre em suas veias:

> Eu acho que eu nasci feirante. Porque meu avô era feirante, eles viviam de feira toda a vida lá em Bento Gonçalves, durante vários anos, e eu gostava de ver vender não sei porquê. E eu não sei como surgiu direito, acredito que pela necessidade de certo. Hoje a gente tem a soja que é uma alternativa, mas entra dinheiro uma vez por ano, na feira é aquele dinheiro pingando toda a semana, era tão bom, fazia tão bem, e quando eu via, eu tava na feira. Eu acho que o incentivo foi um tanto da Emater e da precisão, de certo a família crescendo [...]. Bem, na verdade, a minha mãe já vendia queijo lá na Serra, galinha e ovos pras tias na cidade e nós que levava [...]. Então quando a gente voltava da cidade vinha com cera pra passar no assoalho, com tinta pra pintar a janela, porque o pai não tinha esse costume. E a mãe mandava nós vender e na volta a gente fazia compras. Meus pais são naturais de Bento, e nós nos criamos em Frederico. Lá nós tinha os vô e as tias na cidade, eles vinham comprar ou nós levava de a cavalo, galinha caseira, queijo, salame, banha, nós sempre vendemos, e foi puxando o gosto [...]. O pai não dava importância pras coisas da casa, e a mãe ia comprar de carroça e nós junto com ela. E depois era nós que comprava. O pai construía as mesas e as cadeiras e a mãe comprava as coisas pra conservar (Oliva, 2019).

A Ivani não participava das atividades coletivas, porém fazia feira com as feirantes do assentamento. Ela sempre manteve a relação de parceria com as mulheres que também faziam feira:

> Eu sempre trabalhei individual, nunca trabalhei com o grupo coletivo. Mas eu, a dona Oliva, a Marli e a Loreci sempre trabalhamos juntas. Porque quando eu comecei, comecei junto com eles. A gente ia pra cidade junto, eles iam no caminhão deles pra uma feira e eu ia noutro da sociedade daqui pra mesma feira, mas fazia individual. Eu e a Olivia fazia junto, o Mingo fazia pro grupo, o grupo deles daqui ninguém fazia feira [...]. Eu ia junto, mas depois parei de ir no caminhão porque eles iam fazer entrega na Vila Julieta e eu fazia feira ali mais perto de onde era a Kamal (Ivani, 2019)

Ana participava do coletivo vinculado à horta, mas não ia para a cidade fazer feira. Ela e a família trabalhavam no setor da horta, e encontraram na feira, a partir do encerramento do trabalho coletivo, uma oportunidade de renda para a família:

> Eu e o Danilo, meu marido, trabalhávamos na horta. No coletivo, a divisão era feita em setores, e eu e minha família trabalhava no setor da horta. Os meus guris, na época, eram bem pequenos mas já ajudavam. Iam pro colégio de manhã e de tarde ajudavam na horta junto de mais um grupo de pessoas. Tinha o grupo dos que iam fazer a feira, nesse eu não participava, de ir pra cidade fazer feira, mas a gente já sobrevivia praticamente das feiras. Na organização da feira eram as pessoas que trabalhavam na horta, colhiam, e organizavam tudo e tinha o grupo de pessoas como o Juca (que tu nem conhece, ele não mora mais aqui), o Pombo, o Pedro, era mais os homens [...]. A Olívia sempre participava das feiras. A Olívia era boa vendedora, mas mais eram os homens, porque era muito frio pra ir de caminhão, com as caixas, então ia mais a rapaziada, os homens mais novos. E faziam a feira e também compravam o que tinha que comprar. Quando terminou o grupo coletivo, nós formamos uma cooperativa e as coisas funcionavam mais ou menos assim, aí tinha queijo, tinha leite, tinha ovo, mas daí a pouco o pessoal começou a sair e trabalhar individualmente. Então a gente veio pro lote, a partir daí eu comecei a fazer feira, eu não tinha um lugar fixo, não tinha um ponto de feira, então eu entregava nas casa, nas feiras pequenas tipo a feira do “Alemão”, e a gente ia conhecendo quem tinha um barzinho, um mercadinho, a gente chegava e entregava (Ana, 2019).

A interação proporcionada pela feira também pode ser vista de diversos aspectos. Assim como uma experiência muito boa de troca e aceitação da comunidade santanense, algumas das mulheres sentiam na pele o estigma social que carregavam pela sua identidade enquanto “sem terra”. A falta de conhecimento e o estigma sofrido pelo movimento social de luta pela terra e reforma agrária fazia com que a reprodução do preconceito chegasse até essas mulheres.

A condição de estigma é relacionada por Moura (1988) pela valorização do processo de industrialização e urbanização como forma de modernização social.

Complementando a ideia de Moura, pela disposição do enfrentamento social no desarme do sistema capitalista, e a luta pela derrubada dos padrões de uma sociedade desigual as pessoas temem esse vigor social como algo negativo.

> No início das feiras quando diziam 'Os sem terra tão aí', as pessoas tinham parece que um preconceito, mas depois foi quebrado isso aí e é só beleza. No início a gente sentia a discriminação, porque diziam que os sem terra eram baderneiros. E quando alguém falava alguma coisa que a gente sentia que era pra gente nós, explicava que não era assim, que a gente era assentado, que viemos trabalhar, e foi mudando, até pela produção do assentamento. Porque o nosso assentamento foi guerreiro desde o início, então eu acho que foi quebrado aí. Eu hoje em dia não passo por mais nada (Fátima, 2019).

Em relação à forma com que eram recebidos pelos/as outros/as camponeses/as que participavam juntos nas feiras coletivas, Oliva considera:

> Tinha de todas as formas e de todos os tipos, gente boa e de tudo. A gente sempre se considerou feirante juntos, amigos. Alguns problemas sempre têm, mas é difícil. A gente sempre conseguiu trabalhar junto. Existia até um pouco de preconceito, mas era raro. Não dá pra gente se queixar (Oliva, 2019).

Com o tempo e a convivência, foi acontecendo a quebra de preconceitos e a maior valorização do trabalho dos/as camponeses/as assentados/as. A própria feira colaborou muito com essa mudança, mostrando os frutos do trabalho do assentamento diretamente para moradores da cidade. Porém, esse ainda não é um tema superado no município. Diariamente se faz o enfrentamento das diferenças sociais, tanto com a relação estabelecida com o urbano, quanto no âmbito rural. A resistência pela luta e pelo trabalho passa pela persistência das mulheres em não recuarem diante dos problemas, das dificuldades e do preconceito.

4 QUEM SÃO ESSAS MULHERES QUE LUTAM PELA “LIBERDADE NO FUTURO”?

As mulheres camponesas que participaram dessa pesquisa são figuras que inspiram muita coragem e determinação. O trabalho que desempenham é árduo e exige o saber fazer. A relação das pessoas que vivem no campo com os ciclos naturais se dá de maneira a observar as mudanças, com olhar não meramente contemplativo e sim a “mirada” serena e atenta de quem depende da mãe terra para garantir seu sustento.

As entrevistadas da pesquisa são mulheres de muita luta, embora nem todas tenham vivido “embaixo da lona preta” nos acampamentos do MST, todas reconstruíram suas vidas materiais do zero. Na bagagem traziam apenas sonhos, esperança de melhores dias, de um trabalho que lhes dessem dignidade e que pudesse garantir o “luxo” de uma casa confortável para abrigar a família.

Nesse contexto de assentamentos da reforma agrária, essas mulheres sentem a força da desigualdade que se estrutura por classe social, gênero e etnia, e lutam contra ela. Conforme Costa e Marin (2018), o campesinato no Rio Grande do Sul se configura como espaço social de disputa de poder e de dominação masculina. Nos diferentes contextos que envolvem a ruralidade no estado, as mulheres camponesas vêm sofrendo historicamente diferentes tipos de violência, mas também vem se organizando de forma coletiva, conquistando direitos e lutando por equidade de gênero (COSTA, MARIN, 2018). Abordo gênero aqui como uma categoria analítica e histórica que está relacionada à construção do masculino e do feminino (o que é percebido como coisa de homem e coisa de mulher), de forma relacionada, em determinada época e determinado lugar (SAFFIOTI, 2004).

Ao conhecer a história de vida dessas mulheres percebi o quanto é duro recomeçar. Algumas vieram de condições muito limitadas, inclusive passando necessidades, dependendo do auxílio da família e da comunidade de onde vieram posteriormente ainda dependendo da mão estendida de quem as recebia em outra querência. A solidariedade não é palavra comum na fala dessas mulheres, porém o emprego desta na vida delas é constante. Crianças e adultos comungavam do mesmo pão, do mesmo alimento, da mesma fonte de água e também das mesmas instalações e moradias.

A vida no acampamento não é fácil, porém reiniciar sobre a terra nua, no mês gelado de julho, sob geada, ventos cortantes da fronteira, o minuano assoviando nas frestas das antigas instalações da fazenda desapropriada e as barracas de lona preta pingando o suor gelado sobre aqueles que buscavam abrigo embaixo dela. Mães, avós, irmãs, cunhadas, filhas, tias, amigas e mulheres que se encontravam por primeira vez dividindo as penosidades de reinventar a vida sobre a terra.

Muitas vidas foram perdidas em enfrentamentos policiais ainda nos acampamentos, mães que se jogavam sobre o corpo dos filhos para proteger dos tiros do Estado e da UDR (União Democrática Ruralista) que investiam contra os camponeses sem terra. Nem todos saíram com vida do percurso inicial à adesão ao acampamento até o assentamento das famílias. E se a vida dos/as acampados/as era tão difícil, o que levava essas pessoas a aderirem o movimento social e a busca pela “terra prometida”? Quando falo que a feira nasce da necessidade pode não ser tão bem compreendido se eu não contar quem são, de onde vem e o que viveram essas camponesas com o sonho de Liberdade no Futuro.

Primeiro cada uma das camponesas entrevistadas irá se apresentar e depois vou ajudá-las a contar sua história. É fundamental que nos atentemos ao fato das mulheres se apresentarem e se afirmarem enquanto indivíduas, conforme Butler (2003), sem a prerrogativa de uma apresentação como “esposa de agricultor”, “dona de casa”, assumindo assim a condição de trabalhadora, agricultora, saindo da subjetividade e tornando-se figura independente.

"*Eu sou a Ana, Sem Terra, hoje assentada com orgulho e sou feirante* (Ana, 2019).

Fotografia 04– Ana fazendo feira com o neto no colo.

Fonte: Arquivo de fotos de Ana Picollo, 2019.

Nascida num rancho de chão batido e capim em Palmeiras das Missões/RS, Ana vivia com sete irmãos e sua mãe. O pai já não morava mais com eles, a mãe havia se separado em função das dificuldades e judiações que passava com o pai das crianças. Eles eram muito pobres, porém Ana já via dentro de casa pelo exemplo da mãe como era ser mulher, ser do campo e chefe de família. Quando mocinha casou com Danilo e ganharam um hectare de terra para trabalhar, o que não era suficiente para a família, não restando outra alternativa a não ser trabalhar de meeiro: "Meeiro é assim, tu colhe dez sacos de soja, de milho ou de feijão e cinco é teu e cinco é do patrão" (Ana, 2019).

Nasceram os filhos, e quando chegaram a idade escolar, veio a necessidade de mudar de vida, faltavam muitas coisas para as crianças. Desorientados pela necessidade de mudança, a alternativa apresentada pela vida era morar em Porto Alegre para trabalhar nas fábricas, deixando as crianças com parentes que já haviam mudado, quando então se apresenta para eles o trabalho de base do MST. A família decide acampar pois não viam futuro longe da terra e de trabalhar nela.

Ana e a família são como tantos outros camponeses que sofrendo com o estreitamento das terras, o endividamento bancário e os poucos recursos comparados com o “patrão meeiro” tiveram que buscar alternativas para sobreviver da terra ou abandonar o campo.

> Limpou a agricultura, a maioria trabalhava de meeiro e já tinha que vender as terras por causa das dívidas, tavam indo pra cidade de punhado, tavam enchendo as favelas de gente. Foi muito difícil ficar sozinha com as crianças e mal de comida e de tudo, que um dia eu decidi ir pro acampamento, peguei e falei com o homem do caminhão, botei as crianças, uma mesa, umas cadeiras e um fogão e quando o Danilo viu eu cheguei no acampamento com a minha mudança. Ficamos três anos acampados, e a nossa mudança não sobrou nada praticamente, chegamos num carro pequeno com as crianças, um cobertor, duas panelinhas, uns pratos e bueno. E nós (risos)! (Ana, 2019).

Ana relata que foi muito difícil assumir sozinha a lavoura, a casa e as crianças. Logo no início, ela não ia acampar, porém, com a falta de recursos em casa e o sentimento de solidão levaram Ana a se somar ao acampamento:

> O Danilo não queria que a gente fosse porque sabia que era bravo, na época tinha a UDR, que a gente diz que são os ruralistas proprietários de terra – tinha os que não tinham muita e os que tinham quantidade de terra, e eles eram muito unidos e tinham muito medo que a gente ocupasse as terras deles, só que eles não entendiam o que era o movimento porque a gente tem uma política que a gente não ocupa terra com menos de 1500 hectares, há não ser que a terra seja comprada pelo governo direto dos donos e ele tenha vendido pra reforma agrária. Mas uma ocupação de terra não se dá em área de menos de 1500 hectares. A maioria das pessoas não sabiam disso, e na maioria das vezes pessoas com dez ou vinte hectares de terra pensam que os sem terra vão ocupar. Daí por interesse dos grandes não se esclarece isso, justamente pra criar o conflito. A UDR e a polícia chegavam e davam pau e matavam também. Quantos sem terra morreram na nossa época? Então por essa razão o Danilo não queria que eu fosse (Ana, 2019).

Com lágrimas nos olhos, Ana recorda esse tempo difícil, de muito sofrimento, de uma vida sendo tratados como baderneiros, bandidos, balburdieiros. Muitas pessoas não resistiam a vida dura nos acampamentos, procurando as cidades grandes e suas favelas ou ainda muitos/as camponeses/as envergonhados pelas dívidas e sem expectativas de ter uma melhor condição para suas famílias, acabavam tirando a própria vida. O trabalho de base feito pelo movimento trabalha diretamente com pessoas sem condições de viver com dignidade e muitas vezes trabalhadores sem esperança.

> Nós, os sem terras, somos aquele grupo de pessoas excluídas da sociedade. O acampamento é tão bravo que as pessoas não resistem, se a pessoa tiver uma terra, uma casa, ela pode ir pro acampamento, mas dificilmente ela resiste – na nossa época isso, nós passamos muito trabalho, medo, frio, fome [...]. Então tu tem que ter um objetivo muito forte porque "se correr o bicho pega e se ficar o bicho come". Tu sabe que até hoje tem coisas que eu não consigo falar Renata, é muito brabo (lágrimas). (Ana, 2019).

Ana mora com o marido Danilo, o casal tem quatro filhos. O filho Júnior está morando na cidade para estudar, cursando Agronomia na UERGS. Eles estão dando suporte para o filho João, a nora Lucimara e o netinho Pedro que estão retornando para o assentamento, morando na casa ao lado e trabalhando na leitaria com Danilo e seu irmão Antônio, mais conhecido como "Mingo".

É muito bonito o relato que a Ana faz sobre como é a vida dela atualmente - embora um trecho longo, é difícil resumir tamanha emoção e gostaria que o/a leitor/a percebesse a relação que ela construiu com a vida no assentamento, sua trajetória junto com a família:

> Eu gosto, eu sou feliz, eu sou realizada com minha vida. Só que hoje eu tô muito preocupada com a minha filha, só com minha filha (lágrimas). Mas eu to realizada Renata, eu me lembro que quando eu tava acampada a gente sofreu muito, debaixo de barraco, sem banheiro - é o que mais sentia falta. Apesar da fome e do medo, do frio, mas... Eu nem sei se vou falar Renata... (uma pausa para tentar conter a emoção) Naquela vida tudo era ruim, a gente não tinha um banheiro pra tomar banho, não tinha um tanque pra lavar roupa, dentro daqueles açudes, com aquelas mulheres que faziam fila lavando roupa em cima de umas tabuinhas, era muito difícil. Aí o meu sonho era um dia ter a minha casa, o meu banheiro, a minha família bem, e quando a gente conseguiu a casa eu fiquei tão feliz. Eu agradeço a Deus todo dia pelo que eu tenho, apesar de não ter muita coisa, mas pra mim é tudo. Meus filhos cresceram e a gente tem que ter ambição pra poder viver, tu conquista uma coisa hoje e amanhã tu já quer outra. Eu já tinha minha casa e meus guris foram estudar, a Tati casou. E eu queria que os guris se formassem e pudessem comprar um carro pra eles, agora os guris têm, cada um tem o seu. Eu sei que isso não é nada diante do capitalismo, mas pra gente viver a gente precisa ter isso Renata, isso é uma forma de viver melhor, porque ninguém vive hoje sem ter uma casa confortável, entende? Comida na mesa, uma cama boa pra dormir. Eu não quero mais do que isso. Eu to realizada, muito feliz. Eu acho que a minha casa é a casa mais bonita do mundo, imagina? Dá uma olhada (mostra ao seu redor). Não tem nada, mas pra mim tem tudo! Eu não sou aquela pessoa ambiciosa que sonha em ser rica, ter isso e aquilo, não, eu acho que não vale a pena, não é isso a felicidade. Felicidade pra mim é ter o básico pra viver, saúde e paz na família (entre muitas lágrimas). Agora já tenho meus filhos casados, meus netos, tem o Junior que ta com a vida dele ainda pra se formar e eu já disse "Junior, agora já passou a fase da bobeira, não vai casar, é muito cedo pra se casar", mas já passou a fase da bobeira e vocês já podem ir pensando... Se forme e depois tu crie jeito". A gente enquanto mãe quer ver os filhos encaminhados, problemas todo mundo tem e vai correr atrás pra viver.

Conforme os relatos anteriores de Ana, a feira é muito importante para ela e a família. Atualmente, a feira representa a possibilidade de manter o filho na cidade estudando, a manutenção das compras da casa e a compra de roupas para os netos.

> Eu não posso dizer que conquistei as coisas com a "minha" feira porque aqui em casa todo mundo participa, e também não só pela questão de eu me sentir sujeita, porque a família toda sente essa necessidade de fazer feira e melhorar (Ana, 2019).

As histórias são emocionantes. Vamos conhecer outra camponesa e feirante:

"*Eu sou Oliva Chimelo Cupsinski. Sou do Cerro do Munhoz, dos assentados e faço parte do MST, eu sou feirante – esqueço até de ser agricultora"* (risos) (Oliva, 2019).

Fotografia 05 – Oliva mostrando produtos do seu trabalho.

Fonte: Arquivo do Projeto de Incubação de EES Fronteira da Paz, foto de Gabriela Braz, 2018.

Oliva é natural de Frederico Westphalen/RS, a família toda era muito participativa da vida em comunidade. Seu avô feirante foi quem inspirou a "arte de fazer feira". Seus pais eram camponeses, tinham 16 filhos – a maioria meninas. Todos trabalhavam exaustivamente, tanto que o lazer da época – os bailes, não

eram bem aproveitados, pois o cansaço era tamanho que as meninas preferiam descansar ao invés de se divertir. Num desses bailes da comunidade Oliva conheceu Lucas. Ela conta que custou um pouco a casar em relação às irmãs, tinha muito medo de sofrer ou ser tolhida da liberdade. Sempre foi muito independente e gostava de ter suas ideias respeitadas e não gostava do tratamento de seu pai para com a sua mãe, já defendia a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Oliva foi feminista desde cedo.

Depois de casada, ela e marido trabalhavam de meeiros, inclusive moraram um tempo no Paraná, mas retornaram ao RS, pois viviam inconformados com o tipo de produção a qual eram submetidos e temiam a propagação dos venenos. Oliva ainda diz que vieram fugidos do veneno do Paraná e se depararam com ele alguns anos mais tarde novamente no RS. Voltaram para morar com a sogra da Oliva, o espaço era pequeno demais para atender as demandas da família. Então, resolveram ir acampar. Os filhos de Oliva já estavam em idade escolar quando eles resolveram acampar:

> Eu acampei primeiro durante seis meses, depois dois anos. Eu tinha três filhos que estudavam fora, ficavam dois comigo, esses que ficavam fora parava um no seminário, outro no colégio das freiras e outro morava com os tios, mas foi difícil, até que não foi tanto porque se fosse os cinco juntos Deus o Livre, era muito mais difícil (Oliva, 2019).

Fotografia 06 – Oliva trabalhando no parreiral de seu lote

Fonte: Arquivo de fotos Marli Cupsinski, s/d.

Fotografia 07 – Olivia em feira da Casa da região do MST com Renata.

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Oliva é uma mulher muito forte, apesar de sentir muito a dor da falta da filha que faleceu há alguns anos, quando já estavam assentados. Sempre fui recebida com muito carinho em sua casa, ela tem “pique” para acompanhar os estudantes e disposição para contar da sua trajetória de vida. Oliva teve seis filhos, hoje em casa estão ela e Lucas. Sobre a sua vida atualmente, ela diz:

> Ah eu sou feliz aqui, só aquele problema de que eu perdi uma filha e não foi muito bom, mas eu gostei daqui a verdade é essa, apesar do frio, bastante frio aqui. Eu não gostei muito da perda, mas o resto tá tudo bem (Oliva, 2019).

Das conquistas através da feira, ela mostra toda orgulhosa as cadeiras, móveis da cozinha, guarda-roupas, todos adquiridos com o dinheiro da sua feira. Ela gosta de presentear os netos e também entregar alguma lembrancinha aos amigos aniversariantes e as pessoas que quer bem. Mas gosta mesmo de comprar sapatos e agrados para ela mesma. Ainda fala que sempre que a filha mais moça e os netos precisam de material de estudos – e são “muito exigentes”, ela consegue ajudar.

> Eles aprovam, gostam e muito, por isso já tem a Marli indo pra feira, por isso eu segurei tanto tempo meu dia de feira pra não passar pra ninguém porque eu sabia que um dos meus ia precisar mais tarde. O Lucas não quer mais que eu faça feira agora pela idade, mas até dia de chuva nós teimava e ia (risos), na verdade não tem nenhum que diz que não, me levam, e traz dinheiro, traz comida, traz louça nova, então eles nunca disseram não (Oliva, 2019).

No trecho acima, Oliva fala sobre a importância da feira para a família e retrata sua alegria por garantir uma sucessora na feira, a filha Marli. Oliva também relata sobre como ela percebe a importância da mulher na construção da feira para o assentamento e para as famílias das feirantes:

> As mulheres que começaram a fazer feira se destacaram em 90%, e eu não digo menos, como a Ana, a Ivani. Pra trazer carne pra casa é a Ivani, pra trazer a comida da semana pra casa são as mulheres, muita coisa, pra alcançar dinheiro pros filhos, quem sempre se destacou foram as mulheres. Tem alguns homens também [...] mas foram as mulheres que sempre tomaram a frente! A Carmen mesmo, nem precisa e vai. A Marli se vai com trinta queijos, vende tudo!

Oliva explica como estabeleceu a relação com os/as consumidores/as da feira e ainda responde se a feira gerou amizades, o que significa e como mantém os laços e o bom relacionamento:

> Muito melhor do que ficar só em casa, a gente é bem mais reconhecida, me chamam pelo nome e gritam. Tantos anos vendendo a gente ficou conhecida em quase toda a cidade. A gente tem muita relação boa pelo motivo dos alimentos também, que os alimentos naturais são melhores. A feira gerou muitas amizades, se tem algum conflito ou tu responde ou fica quieto, e termina por aí, mas nunca tive problemas. Com a vigilância mesmo eu nunca tive medo, eu toquei eles embora, nunca me tomaram as minhas coisas (Oliva, 2019).

Vamos conhecer agora a história da Lúcia:

"Eu sou Lúcia, sou lá dos Cerros dos Munhoz e sou agricultora, trabalho fazendo minhas coisas, minha horta" (Lúcia, 2019).

Fotografia 08 – Lúcia e a relação com a natureza em seu lote.

Fonte: Arquivo da Incubadora de E.E.S. Fronteira da Paz, foto de Gabriela Braz, 2018.

Lúcia é natural de Sagrada Família/RS. Segundo ela, levava uma vida mais ou menos. Trabalhou muito desde pequena, seus pais eram bastante exigentes com ela, e as filhas eram todas mulheres. Estudou até a segunda série na escola localizada no “Sete Lote”, há cinco km de Sagrada Família. Estudou pouco pois era muito difícil a jornada feita a pé até a escola. Ela conta que no inverno várias vezes a professora tinha que tirar o frio dela esquentando-a na porta do fogão a lenha. Parou os estudos e foi trabalhar no lote junto com a família, colhiam 300 sacos de soja à mão. Os estudos somente foram retomados há poucos anos, no EJA da E.E.E.M. Antônio Conselheiro. Apesar da dificuldade, ela guarda na memória “as artes” que fez quando criança:

> O pai comprou uma égua, e eu trazia uma guria na garupa. Um dia eu tava brava com a guria e tentei derrubar ela dentro d’água e ela me puxou junto, mas eu queria derrubar só ela, sujou tudo o meu guarda-pó branco. Meu pai do céu, mas eu queria derrubar só ela (Lúcia, 2019).

O tempo passando, a mocidade chegando e ela casou com o Otílio. Ela ganhou uma junta de bois dos pais e somado à junta de bois do marido começaram a trabalhar: “Fizemos uma safra bem boa quando eu casei, daí compramos uma moradinha lá no Heitor, já era no Gramado” (Lúcia, 2019).

O espaço foi diminuindo com a venda das terras em Sagrada Família para comprar um pedaço de terra em Gramado – as terras em Gramado eram mais valorizadas. Ali abriram um “boteco” ou pequeno comércio. Na época era comum a venda para pagar depois, eles com pouca experiência acabaram quebrando. Com uma área de terra menor, ainda trabalhando de meeiros e com os pais, descobriram o acampamento.

Lúcia sentiu muito a mudança de Gramado para Livramento, muito embora tenha gostado da nova cidade e se sentido acolhida. Foi uma transição muito dolorida e que lhe deixa algumas marcas profundas, porém conseguiu superar algumas dificuldades através do trabalho com a feira. Em casa está só o casal, Lúcia e Otílio, dos quatro filhos do casal, três são assentados/as, três têm curso superior e um possui curso técnico. A filha mora no mesmo assentamento que ela. Quando perguntada sobre sua vida atualmente e a importância da feira, ela é breve, discorre também sobre amizades e conflitos no ambiente da feira:

> Eu quero que o Otílio fique mais em casa porque eu tô muito sozinha. (A respeito de ser feliz com a vida que leva). Eu gosto, eu gosto. O que eu vou

> dizer? A feira desde que eu cheguei aqui. Eu tô aqui por causa da feira, a feira muito me ajudou! E o pessoal sempre me compra e voltam pra me comprar. Eu nunca tive conflito nas minhas feiras. Eu não posso dizer pelos outros, mas tem gente que vai na feira e pergunta por mim que foram lá só pra me dar um abraço (Lúcia, 2019).

Fotografia 09 – Lúcia fazendo feira na Casa da Região do MST.

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Fotografia 10 – Lúcia trocando sementes crioulas na E.E.E.M. Antônio Conselheiro.

Fonte: Arquivo do Projeto de Incubação de E.E.S Fronteira da Paz, foto de Gabriela Braz, 2018.

Sobre a utilização dos recursos obtidos através da feira, Lúcia conta que não usa o dinheiro para compras supérfluas, gasta tão somente com a alimentação da família, pagar contas e ajudar os filhos. Se sente valorizada pelos vizinhos e conta que logo que começou a fazer feira, o irmão da Ivani – nossa entrevistada, disse a ela que quando a irmã chegasse no assentamento também gostaria de fazer o mesmo que ela.

Lúcia diz nunca ter tido problemas de relacionamento com seus/suas clientes ou outros/as feirantes. Tem uma relação de amizade e lealdade de seus/suas clientes, há anos os mesmos/as compradores/as, indicando novos/as clientes.

Agora vamos conhecer a história da Ivani:

> Eu sou feirante, moro no Cerro dos Munhoz, sou agricultora. Eu não sou mais Sem Terra, eu tenho terra, já saiu esse nome do sem terra. Pra nós sem terra é quem não tem, mas eles ficam dizendo que são sem terra. Eu não, eu sou agricultora (Ivani, 2019).

Fotografia 11 – Ivani em seu lote.

Fonte: Arquivo da Incubadora de E.E.S. Fronteira da Paz, foto de Gabriela Braz, 2018.

Ivani é natural de Erechim/RS, como ela diz, ajudou a fundar alguns municípios, pois os pais eram de Constantina/RS que, mais tarde, separou e virou Engenho Velho/RS. Mudaram depois de um tempo para Ronda Alta/RS, que também separou e virou Três Palmeiras/RS:

.

> Nós tinha cinco hectares de terra e plantava pro outros, aí não tinha como sobreviver. Era só soja, milho, feijão plantado, três vacas holandesas e vivia dali [...]. Lá em Constantina, Engenho Velho, vivia “às meia”. Nós morava tudo meio junto quando eu casei, nós não podia nem bater nos filhos que eles (os pais) gritavam lá da casa. Um dia eu surrei a Marta e o pai ainda falava (ainda não era mudo) “Eu já vou aí”, mas antes dele veio a mãe, pegou a Marta no colo – uma baita marmanjona, e levou pra casa. Isso pra

> me mostrar que eram eles que mandavam. Mas era bom de viver perto deles.

Depois de um tempo Ancelmo, marido da Ivani, foi acampar. Eles foram contemplados no Assentamento Liberdade no Futuro na mesma época em que a Ana e o Danilo foram assentados. Na casa hoje moram Ivani, Ancelmo e Têre. A filha Marta, que é assistente social, trabalha e mora na cidade, vai para a casa dos pais nos finais de semana. O casal teve três filhos, sendo dois assentados perto dali. Em relação à vida depois de assentada, quando perguntada se "é feliz?", Ivani responde:

> Eu sim (risos). Lá nos tinha essas três vaquinhas que eu te disse e nem carro nós tinha, tinha que andar pagando corrida, e aqui a gente já tem carro. Mudou a casa, casa grande... Lá a minha casa era de 6x8m², aqui é 12x8m²...

Ivani é muita tranquila para conversar, jeito plácido, mas uma mulher de muita firmeza e determinação. De maneira orgulhosa ela conta sobre as conquistas alcançadas através da feira:

> Eu segurei a Marta estudando lá em Pontão - porque ela várias vezes se manifestou de vir embora, através da feira, a Satele Campigoto ligava e avisava pro seu Ico que a Marta tava querendo ir embora. Eu passava na estrada e ele me avisava e eu fazia feira e depositava pra Marta tudo no nome da Salete. Ela não se adaptava muito com as comidas, aqueles panelão e coisas assim, até isso a Marta lembra muito. Eu e a Mauritânia fazia feira junto pra Marta seguir estudando (Ivani, 2019).

A relação que ela tem com seus/suas clientes é de verdadeira fidelidade, mesmo não fazendo feira com a mesma frequência de antes, Ivani tem uma vasta lista de clientes que a procuram, ela inclusive diz que às vezes não consegue nem atender ao telefone pois os clientes não entendem que ela está reduzindo a atividade. Ela se sente apoiada pela família, mesmo com a insistência para ela parar - em função da idade, e explica como está sendo o processo de reduzir o trabalho:

> A primeira coisa que me tirou das feiras foi o ônibus que parou de ir. E depois os filhos começaram a me cortar, não me levam de manhã ou me levam muito tarde, dez horas, aí não tem condições de fazer feira. Então eu fui entendendo sozinha que eles não queriam mais que eu fizesse, vou me juntar com elas e mandar as coisas (Ivani, 2019).

No trecho anterior, Ivani conta como se articula com as outras feirantes para mandar suas encomendas, e ainda diz que toda vez que consegue ir para a cidade, aproveita para levar as encomendas das companheiras.

Chegou a vez de contar sobre a trajetória de vida da Fátima:

> Eu sou a Fátima, sou assentada no Cerro dos Munhoz, sou produtora, e sempre procuro dizer pras pessoas que eu sou do Movimento Sem Terra. No início as pessoas pensavam que a gente morava tudo numa casa só, que nós comia todos numa cozinha só, até pouco tempo o pessoal vinha e perguntava como era a vivência do assentamento. Mas eu sempre fui clara que a gente ficou tanto tempo em coletivo, há tanto tempo a gente trabalhando no lote, e isso é uma coisa que eu acho que as pessoas têm que começar a falar mais, se não embola tudo e ninguém fica sabendo como é nada (Fátima, 2019).

Fotografia 12– Fátima e sua feira na Av. Tamandaré.

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Fátima é natural de Ronda Alta/RS, onde hoje é Três Palmeiras/RS. Filha de camponeses, família pobre, morava com os pais em uma casa que não tinha luz, nem água encanada. Ela conta ser uma vida muito sofrida, trabalhando de arrendatários, sem poder ter uma alimentação farta, quem dirá sobrava algum dinheiro no fim da safra para comprar roupas ou coisas para dentro de casa. Depois

de casada, a vida foi a mesma. Conhecendo a organização do MST decidiram mudar de vida e ir acampar. A incerteza de um futuro com dignidade de trabalho assombrava a família, porém Fátima deu continuidade no trabalho com a terra enquanto o marido acampava. Apesar de toda a dificuldade transposta no acampamento e a incerteza de dar certo ou não a vida no assentamento, Fátima compara a vida que tinha com a de agora e diz que não voltaria de maneira nenhuma para morar onde vivia.

> Eu fiquei um ano e dez meses assentada, fiquei só dois meses sem ir pro acampamento, porque a gente tinha um pedacinho de terra e a Luciana era pequenininha. Então o Juca foi pro acampamento – que era de Palmeira que saiu, e eu fiquei, quando ele veio pra Bagé ele foi me buscar e eu vim, daí nós já tinha colhido o feijão, tinha vendido, fiquei sempre no acampamento, em todas as lutas eu fui. Em casa a gente tinha criação, tinha que cuidar o gado, era só eu e uma sobrinha que tinha nove anos na época que posava comigo, eu tinha dezenove anos, eu era bem nova, mas tinha que tocar, foi sofrido o acampamento e tudo que a gente passou, mas valeu a pena. Tudo que a gente tem foi graças ao Movimento (Fátima, 2019).

O casal teve quatro filhos, três meninas e um menino. Edson ainda mora com os pais, e Maristela saiu de casa há pouco para estudar. Em casa estão os três. Fátima se considera muito feliz quando compara sua vida antes do assentamento, é bastante concisa ao dizer: “Eu sou e te digo que se tocasse de voltar pro lugar lá onde eu morava, eu não voltava, não sei pra que lado eu ia, mas não voltava” (Fátima, 2019).

Quando perguntada sobre as conquistas através da feira, Fátima faz seu relato expressando no rosto a alegria por ter o dinheiro próprio do seu trabalho com a feira:

> A gente consegue tanta coisa. Os móveis da minha casa são tudo comprado com dinheiro de feira, pra que melhor? Então, eu acho que isso já é bom. Tu tem teu dinheiro e compra aquilo que tu quer. Tantas coisas, sei lá, mas eu acho que é por aí [...] (Fátima, 2019).

Fátima é uma camponesa muito atuante nas atividades propostas pelo movimento e também nos encontros de mulheres para a discussão de diversos temas, inclusive sobre o empoderamento da mulher e autonomia financeira. Quando perguntada sobre sua visão da importância do protagonismo das mulheres na feira, ela diz:

> Eu penso que seja pra não ter dependência do homem, porque eu gosto de ter o meu dinheiro, fazer o que eu quero. Embora se eu não tiver eu sei que eu posso pegar porque é nosso, da casa, mas eu gosto de ter o meu. Bueno, hoje eu quero ir lá e comprar tal coisa pra mim, eu tenho e não preciso tá pedindo. Eu acho que isso é independência, poder fazer uma feira e ter o teu dinheiro, não ter que tá pedindo até dez reais, “me dê”. Tu tem a independência de ter o que é teu (Fátima, 2019).

Mais do que apoio da família, a feira é responsabilidade de todos em casa. Juca se envolve de maneira direta com a feira, lado a lado com Fátima, até mesmo na comercialização. Sobre a relação que ela tem com os/as clientes, Fátima diz ser a melhor possível:

> Muito boa. Eu todo esse tempo ali não tive problemas com ninguém, adoram meus produtos. Praticamente são os mesmos clientes que eu tenho e esses tão trazendo os outros, pelo produto bem limpo, bem organizado, as minhas verduras mesmo já saem da horta limpa, eu já levo limpinha, então ali eu to conseguindo pegar bastante gente. Um vai dizendo pro outro “Tal dia tem produto assim, assim, assim [...]” então é muito bom (Fátima, 2019).

É bom lançar o olhar sobre as diferentes realidades das camponesas entrevistadas, assim pude compreender a grandeza da vida e as motivações para o enfrentamento do trabalho e luta constante pelo reconhecimento da sua atividade enquanto feirantes. Busquei colocar o/a leitor/a em cena para que ele/a consiga compreender a complexidade da tomada de decisão para fazer a feira. Da mesma forma, espero que entenda o esforço para a superação das dificuldades dessas camponesas ao enfrentar horas de trabalho na preparação da feira, desde horta, lavoura, preparo das massas, colheita, para depois percorrer estradas quase intransitáveis por longos trajetos a fim de fazer feira.

5 TÔ INDO PRA CIDADE, ME ESPEREM QUE VAI TER FEIRA!

É importante resgatar a luta e o papel das mulheres no protagonismo das feiras em Sant'Ana do Livramento/RS, sobretudo, as camponesas que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Elas fazem parte da realidade a ser estudada e reconhecida, são exemplos de trabalho, resistência e luta por sua autonomia para garantir a permanência de suas famílias no campo. O protagonismo das camponesas nas feiras é resultado ou reflexo da sua dedicação na unidade de produção familiar trabalhando como camponesa, desempenhando funções domésticas de cuidado com o lar, filhos/as, pessoas enfermas, e um diferencial enquanto mulher "Sem Terra" é o tempo de lutas, trabalho e capacitações pelo movimento.

O trabalho das mulheres no campo é invisibilizado e os motivos se justificam, sobretudo de uma herança patriarcal de valorização dos homens em detrimento das mulheres. Essa falta de valorização gera consequências para a vida social do campo como mostra o dossiê realizado por Brumer e Paulilo (2004), apontando que moças por terem seu trabalho invisibilizado no campo buscam sair cedo da unidade familiar, sendo que as tradições culturais priorizam homens para atividades que demandem maior técnica ou mecanização, bem como homens são priorizados para coordenação e chefia de trabalhos. Isso, afasta as mulheres e torna o campo um lugar inóspito para a reprodução de suas vidas (BRUMER, PAULILO, 2004).

O campesinato, de uma forma geral, e especialmente as mulheres camponesas da reforma agrária, costumam ser invisibilizadas em nosso território de Fronteira Brasil – Uruguai. Conforme Souza Santos (2002) denuncia através da ideia de sociologia das ausências, a construção dessa invisibilidade é intencional. Assim, o campesinato, que resistiu por séculos nos corredores dos latifúndios, é produzido como não-existência. As camponesas também são especialmente produzidas como não-existência, de forma a garantir a manutenção da ordem patriarcal e elitista.

> São assim, cinco as principais formas de não-existência produzidas ou legitimadas pela razão metonímica: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo. Trata-se de formas sociais de inexistência porque as realidades que elas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes, sejam elas realidades científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas [...] A produção social dessas ausências resulta na subtração do mundo e na contração do presente e, portanto, no desperdício da experiência. A sociologia das ausências visa identificar o âmbito dessa subtração e dessa contracção de modo a que as experiências produzidas como ausentes

> sejam libertadas dessas relações de produção e, por essa via, se tornem presentes (SOUZA SANTOS, 2002, p. 249)

Nesse sentido, quero mostrar a presença e a força do campesinato em Sant'Ana do Livramento/RS, especialmente, a presença marcante das mulheres camponesas assentadas da reforma agrária nas feiras do município. Para tanto, os diferentes trabalhos desempenhados por elas precisam ser vistos e reconhecidos. Ali, elas levam os produtos da reforma agrária e lutam constantemente para dar visibilidade ao grupo social ao qual pertencem, descontruindo os preconceitos existentes da cidade em relação a assentados/as da reforma agrária.

O trabalho com as feiras vem ao encontro da necessidade de sobrevivência, seja sob o espectro de sustentar financeiramente a família, como o de encontrar um respiro da vida dura e solitária no campo através da interação com maiores grupos de pessoas na cidade. A sensação de liberdade associada ao ir e vir e a autonomia financeira proporcionada pela feira assegura o direito da mulher de não depender do consenso familiar – geralmente do marido ou companheiro que administra o dinheiro, para definem suas prioridades conforme suas necessidades e valores individuais:

> Pra tu ter uma noção eu tenho crediário na Becker, meus crediários todos eu pago com o dinheiro da feira, a luz e rancho pra dentro de casa, eu não pego do leite. Leite é pra outras coisas, e com a feira eu abasteço tudo que eu preciso. Numa semana eu vou e faço rancho, na outra semana eu tenho que pagar luz, crediário. Então eu tô sempre fazendo o meu giro, e a gente sempre tem um troco que sobra da feira que vai ficando pra uma emergência, uma coisa. Mas do leite é muito difícil eu pegar alguma coisa (Fátima, 2019).

A autonomia financeira gerada pela feira certamente é muito importante para essas mulheres, mas não é única. Ela se soma à valorização do convívio social e a possibilidade de ampliação de seus horizontes com uma efetiva participação delas enquanto "sujeitas da história". Assim, elas estabelecem novos laços com a comunidade urbana, permitindo a troca de um trabalho digno e justo na oferta de produtos elaborados com cuidado e carinho, pela valorização do trabalho através da aceitação e compra dos/as consumidores/as:

> [...] A conquista é de cada feira a gente poder ter o dinheiro pra comprar outras coisas, isso também é uma conquista, uma conquista material. Mas a questão social do bem estar que a gente sente em fazer feira é muito bom (Ana, 2019).

Quando perguntada sobre a importância da feira, Lúcia foi categórica ao dizer que: “Foi a feira que me segurou aqui em Livramento.”, explicando que a mudança de vida, a convivência na coletividade e as dificuldades enfrentadas não seriam suportáveis sem a existência da feira. O filho inspirava cuidados de saúde, a dificuldade de adaptação no grupo coletivo era grande para ela, a mudança de território e modo de viver também foram significativos para essa camponesa. Nesse contexto difícil, ser feirante foi a válvula de escape para o enfrentamento da nova realidade.

Fotografia 13 - Lúcia (de boné) em feira na Paróquia Santo Antônio.

Fonte: Arquivo de fotos de Lúcia.

É muito interessante quando capto das camponesas seus diversos olhares sobre o trabalho com a feira. Os motivos que orientam a iniciativa deste trabalho também passam pela lógica do não desperdício de alimentos, da vontade de se alimentar com qualidade e o entendimento de que a mesa de quem planta e quem consome merece o mesmo capricho e cuidado com os alimentos:

> A feira significa muita coisa, uma mulher, uma dona de casa que faz comida e faz tudo dentro de casa e vê as sobras das coisas. E vê também a necessidade de outras coisas e não sair pra vender o excedente – porque a gente vende só o excedente, a gente não vai ter uma dúzia de ovos e vender, primeiro a gente vai comer (Ana, 2019).

Ainda, em sua fala a respeito das motivações e importância da feira, Ana faz uma ressalva sobre a oportunidade de conviver com pessoas diferentes e ter a possibilidade de outras experiências para além da unidade familiar e da comunidade do Assentamento:

> E a outra coisa é tu poder sair de casa Renata. Não que eu seja proibida de sair, mas também ninguém me manda sair né (risos)? Eu não sou proibida, mas também não dizem 'Vai sair Ana, vai passear, vai te divertir'. Tomara tu ficar em casa ali todo dia em casa. E a feira é uma forma de tu sair de casa, te relacionar com outras pessoas, te sentir sujeita da história, trazer dinheiro pra dentro de casa, participar! Por isso que eu gosto da feira (Ana, 2019).

Ana fala em se sentir "sujeita da história" de maneira tão singular, e pude perceber em seu rosto o que as palavras não davam conta de dizer o quanto. Notei o quanto a invisibilidade pode tornar a mulher refém de uma vida em segundo plano, à sombra do homem que geralmente é colocado como o provedor da família. A família da Ana sabe a importância da feira para o sustento da casa, sobretudo para a felicidade da Ana. Seu esposo Danilo, em conversa com estudantes da UERGS no âmbito do Projeto "Hoje é dia de feira", em 2017, diz que "A Ana não sabe viver sem a feira dela". Ela inclusive brinca que não tem como a família não apoiar, afinal a feira traz dinheiro para a casa. Os filhos, o marido e as noras procuram dar todo o suporte para o trabalho dela com as vendas.

Oliva sempre se mostrou uma batalhadora e entusiasta pela feira, inclusive, as colegas feirantes a tem como referência de "boa vendedora". No assentamento, ela trabalhava no grupo coletivo com atendimento à saúde preparando chás, xaropes e remédios caseiros. A preocupação com o coletivo e pela produção de alimentos saudáveis sempre está presente em sua fala enquanto feirante:

> Faz bem pra saúde. Tu cria um povo mais nutrido, com facilidade de pensar, até de crescimento... Quando é com veneno, sei lá... Não sei muito, mas acho que a pessoa não deve se sentir muito bem, porque a gente tem força quando come essas coisas fortes, e come coisas naturais. Porque a gente na lavoura tem que ter força até mesmo pra levantar um tarro. Eu me criei fazendo força de botar feijão e trigo pra cima da carroça, ajudando em casa, mas era preciso muita força e precisa comer bem. Ah meus Deus, tendo essa terra por que não plantar? (Oliva, 2019).

Oliva traz a questão da terra, fala sobre ter a oportunidade de plantar o que comer para a família e poder fazer da mesa dos/as consumidores/as a extensão de sua própria casa. A escassez é situação conhecida pelas mulheres camponesas que adquiriram a consciência de aproveitar ao máximo os recursos, pois, quando as

famílias foram assentadas, havia uma preocupação muito grande em produzir para o sustento alimentar do grupo. Muitas crianças nasciam nos acampamentos e também no assentamento, e nem sempre houve a estrutura que conhecemos recentemente. As dificuldades eram inúmeras, todos passavam muito frio e por muitas dificuldades. As crianças adoeciam bastante em função das baixas temperaturas na fronteira e a necessidade maior era a de sobreviver e se alimentar de maneira a aguentar a dureza do trabalho.

Desperdiçar alimentos e recursos era um luxo ao qual estas mulheres não se permitiam. Ivani também vê na venda do excedente da produção uma maneira de não desperdiçar alimentos:

> Quando eu vejo as coisas estragando ali na horta, quando eu não posso ir levar (para a feira) pra mim é um (balança a cabeça sugerindo tristeza pelo desperdício) [...]. E não adianta eu pegar ali e levar pra minha cunhada porque ela também tem, porque eu não deixo estragar, se tiver que dar eu dou, que nem ela faz também (Ivani, 2019).

De maneira comum entre as camponesas entrevistadas, a troca de experiências e a possibilidade de sair de dentro de casa as renovam e motivam para seguir trabalhando, assim como podemos perceber na fala da Fátima:

> Gosto de fazer, pra mim a feira é tudo. Eu posso tá cansada, do jeito que tiver, posso tá estressada, eu venho de lá outra pessoa. Não pelo dinheiro, porque o dinheiro é preciso, mas pela conversa com as pessoas, chegam e te contam as coisas e até a gente nota as vezes que tem gente pior do que nós, então parece que motiva mais a gente a fazer as coisas. [...] Tem dias que a gente pensa: ‘como as estradas tão ruim!’ ‘tem que ir pra cidade!’... Então a gente se anima a enfrentar o medo. Pra mim são muito boas essas feiras, adoro (Fátima, 2019).

Muito embora o primeiro cenário da feira da reforma agrária em Livramento tenha sido arquitetado por homens e mulheres, elas assumiram o protagonismo desta história (pelo menos entre o público da reforma agrária) e são marcos de resistência contra as adversidades encontradas na cidade e no campo. O espaço das feiras das camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro foi uma conquista de muitas lutas e afirmações enquanto trabalhadoras, camponesas e feirantes. O preconceito e a lógica patriarcal[1] difundida socialmente cria um clima de intimidação da mulher, de opressão, de descrédito para a comunidade e sua família, quase que de forma a coagir e coibir o trabalho feminino através de comentários maldosos e infundados, que quando não bem administrados, infelizmente, cerceiam a liberdade e a busca de autonomia pela mulher.

> Tu sabe que já chegaram pessoas virem aqui em casa dizer pro Danilo “Oh Danilo, tu se cuida que a Ana tá indo pra feira e têm uns veinho que visitam ela lá na feira”. Mas ele confia em mim assim como eu confio nele [...]. Mas têm outras pessoas que acham muito importante [...]. Mas têm mulheres que não se animam, a família não apoia, outras não tem condições, outras não têm carro [...]. A maioria tem, mas não se sentem encorajadas (Ana, 2019).

Começar a fazer feira foi um processo diferente para cada camponesa. Seja pelo coletivo do assentamento ou nas feiras individuais, as mulheres são reconhecidas como resistência dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, pois elas têm sido ferrenhas defensoras da produção de alimentos e são persistentes em seus objetivos. Ana começou a fazer feira individualmente após a dissolução do grupo coletivo. Ela lembra da dificuldade que era ter que carregar seus produtos no ônibus da linha Cerro dos Munhoz – Cidade:

> Nessa época a gente já tinha ônibus, já faziam uns cinco anos que nós estávamos aqui. O tempo eu acho que entre grupo coletivo e cooperativa durou uns 7 anos, então começamos a trabalhar individual. A partir daí cada um se virou como pôde. Na minha família a gente produzia mandioca, feijão, tudo né? Aí eu ia vender [...] (Ana, 2019).

Ressalto que a Ana chegou no assentamento três anos mais tarde do que os demais, pois três famílias não se adaptaram na região e acabaram indo embora do Assentamento. Foram selecionadas novas famílias para assumirem o lote e a família foi contemplada. Ana conta como foi difícil para ela conseguir se manter trabalhando, abastecendo feirinhas locais para garantir a permanência da sua feira individual:

> Eu ia de ônibus, levava um tarro de leite, três tarros de leite por semana eu entregava, e quando chegava o final de semana pra receber e muitas vezes eu chegava e o homem que comprava de mim, eu chegava e ele dizia: “O leite estragou [...] O leite talhou!”. E o lucro eu deixava todo pra ele. Mas era mentira, o leite não talhava, o leite era bom. A gente sempre trabalhou sério com as pessoas. Nós sofria que Deus o livre[...]. Fora as outras coisas de ovos, batata, mandioca [...]. As vezes tinha alguém que me ajudava a descer o tarro e as coisas na parada, se não era eu pra forcejar, mas sempre tinha alguém que ajudava [...].Tarro cheio de leite, caixas cheias de verdura, e o produto das feiras [...] (Ana, 2019).

Ana, atualmente, tem um ponto fixo de feira, mas a construção deste local foi muito peculiar. De maneira solidária a dona da casa onde é o ponto de feira cedeu a garagem para a venda dos produtos. É uma história muito bonita de parceria e amizade, já dura oito anos. Ana relata com muito carinho como se estabeleceu essa relação de confiança:

> A dona Zoraide veio dar aula de música para o Lucas - filho da Carmen, o meu guri também e eu acabei por conhecer a dona Zoraide. Eu contei pra ela que eu era feirante e que gostaria de um lugar pra fazer minha feira e que o homem tinha me dito isso, então ela me disse “Ana, vai lá na minha casa fazer feira”, e eu perguntei se ela deixava mesmo e ela respondeu que sim, que eu fosse na casa dela fazer feira, quando foi na outra semana eu fui pra lá e to lá até hoje, fazem oito anos. É muito bom, ela é uma pessoa muito querida, amiga... (Ana, 2019).

Ana procurava um ponto de venda fixo longe do barulho e que oferecesse condições de manter seus produtos fresquinhos, longe de um ambiente poluído. Inclusive elas estabeleceram uma troca solidária, dona Ana explica como elas encontraram uma maneira justa para firmarem a parceria:

> Eu pago R$ 25,00 por feira pra ela, mas eu pago em produtos, tudo que eu levo pra feira e que ela precisar ela pode pegar. Fica bem pra mim e pra ela, que também tá me ajudando. Não é como no terminal que não se paga nada, mas daí chove, e eu tô dentro de casa. Eu tenho banheiro, tenho água quente pra tomar meu chimarrão. É uma troca solidária, primeiro ela não queria nada em troca e eu disse que não, que eu queria ajudar ela. A senhora me ajuda e eu lhe ajudo, e estamos até hoje (Ana, 2019).

Para Fátima, o processo foi semelhante ao da Ana. Logo que as atividades do grupo coletivo cessaram e o pessoal se distribuiu nos lotes, ela iniciou a feira individual. Fátima sempre trabalhou com o marido. Os dois são feirantes e sempre enfrentaram juntos a luta para a construção de um ponto para fazer feira:

> [...] A gente veio pro lote, mas a gente seguiu igual porque o caminhão continuava levando o pessoal e nós continuamos fazendo feira individual. Fizemos mais uns cinco anos assim e já fazem uns 23 anos que começamos fazer feira individual, depois teve o ônibus e a gente começou a levar de ônibus. A gente fazia feira ali no Vitor do Genuíno. Botava as banquinhas na frente dos colégios também, depois quando o Juca parou eu segui. Mas sempre fomos os dois juntos. De frente o Ciryno nós tinha uma banca, entregava também nas outras feiras tipo a do Alemão. A gente nunca parou de entregar produtos e também fazer feira. [...] Nós sempre participamos e agora fixa no terminal fazem quinze anos que eu tô (Fátima, 2019).

Atualmente, a feira da Fátima acontece no terminal de ônibus na Avenida Tamandaré, bem no centro da cidade, todas as quartas-feiras. A estratégia de comercialização da Fátima é participar de um grupo de feirantes, todos/as são do mesmo assentamento, e cada dia da semana um/a feirante comercializa no ponto. Ela conta como se dá essa dinâmica de alternância:

> Nós tinha um grupo já de feirante que era a Marli, a Ivani, nós, os Turra e o Bertotti, depois o Turra parou, subiu pra Andradas. E aí nós um dia

> discutimos “Pra onde que a gente vai levar a nossa feira?”. A gente queria ter um ponto fixo. Imagina? Quinze anos já ali, quinze pra mais porque eu não me lembro bem certa a data. Seguem praticamente os mesmos, a Loreci entrou, o Turra saiu. Esses que faziam feira nunca deixaram de se reunir, até pra combinar os preços. A gente tinha que manter os preços iguais, a discussão nossa era isso. [...] Não podia ir e fazer feira a semana inteira, tinha que trocar, aí entre nós combinamos de tal dia vai você, tal dia vou eu, cada um achou o dia melhor, e é até hoje. Na segunda tava indo a Ivani, mas ela parou porque não pode mais. Na terça, a Loreci. Na quarta sou eu. Na quinta é o César e na sexta é a Marli. E a segunda se chove a gente se reveza. Quando um não pode ir avisa o outro “Tal dia eu não posso ir, tu quer ir no meu lugar?” Nós temos essa combinação também (Fátima, 2019).

Mesmo trabalhando de maneira individual, os/as feirantes mantém o grupo de discussão para acordarem o uso do ponto de feira e também combinarem a dinâmica de preços para que todos/as consigam fazer sua clientela. O cliente poderá escola.

Fotografia 14– Fátima (de toca) no ponto de feira da Tamandaré.

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Dona Lúcia começou a fazer feira antes mesmo do coletivo. Levava algumas encomendas para entregar de casa em casa, pessoas conhecidas iam indicando seus produtos e ela ia fazendo a clientela “boca a boca”. Conforme Pires (2003), a

credibilidade da fala de um consumidor para outro, “boca a boca”, confere confiabilidade sobre o produto a ser adquirido, levando em conta o reconhecimento de quem referencia, isso pode influenciar diretamente sobre a decisão de compra.

Quando aconteciam as feiras coletivas, além dos produtos do grupo ela também vendia individualmente, inclusive comprava produtos dos vizinhos para fazer suas entregas. Ainda hoje ela comercializa a produção dos filhos que são assentados em São Gabriel. A relação de confiança que ela estabeleceu na venda de casa em casa vem desde o tempo das vendas no hospital para médicos e enfermeiras – quando o filho foi hospitalizado em 1991. Essa confiança permanece até hoje:

> Como eu fiz amizade com o Dr. Adalberto eu tinha que levar lá dentro da casa dele, nas enfermeiras eu levava na casa delas, então eu não tinha braço pra ficar vendendo num só lugar [...]. Vendia pras velhinhas do Armour, nas lojas. Eu não tinha braço pra ficar num lugar só. Igual lá na Hugolino, cheguei com não sei quantos quilos de queijo de São Gabriel, eu vendi numa pegada duzentos e poucos reais, daí eu fui no Armour e no Prado e vendi todos os queijos do Odirlei (Lúcia, 2019).

Lúcia sempre trabalhou com entregas, pois não consegue preparar uma feira com muita diversidade de maneira individual pela falta de mão de obra. Assim mesmo ela apanha as encomendas na cidade e compra dos vizinhos produtos que por ventura ela não possa produzir. Dessa forma ela consegue atender seus clientes e encontrou na feira de porta em porta uma maneira de continuar comercializando mesmo com uma produção reduzida. Lúcia, Ana e Oliva também participam da feira recentemente criada na Rua Treze de Maio, na Sede do MST, como trataremos na sequência.

O começo da feira para Ivani e Oliva convergem. As duas começaram com as feiras coletivas, porém elas já vendiam individualmente. Ivani sempre trabalhou de maneira individual, porém manteve a parceria com as feirantes do assentamento. Das tantas mudanças de locais de feira acompanhando o coletivo e as companheiras feirantes, o ponto de comercialização na Praça da Bandeira (em frente a Santa Casa de Misericórdia, um dos últimos pontos do coletivo) se tornou muito difícil de trabalhar. O transporte coletivo não oferecia mais condições delas chegarem cedo à cidade, quando chegavam os feirantes mais próximos do centro urbano já haviam comercializado. O local não oferecia segurança às feirantes e elas precisavam carregar o material no fim da feira até o terminal de ônibus para voltar

para casa. O recolher da feira era muito trabalhoso, as mulheres forcejavam bastante e se revezavam no carregamento dos materiais. Ivani conta como foi:

> Ali na praça era um lugar perigoso de fazer feira, não dava pra ficar sozinha. Os outros se recolhiam e nós tava em três, eu, a Marta e a Oliva. E a gente começava a carregar pro terminal pra pegar o ônibus, uma ficava ali e duas levavam as caixas, pegavam as caixas de duas, e uma atravessada, e na outra mão as sacolas e levava pro terminal. Lá tinha um velho que fazia cachorro-quente, o nome dele era Figueiroa. Ele cuidava ali pra nós, pra depois a gente atravessar a rua do outro lado pra pegar o ônibus pra vim embora, mas no entanto a gente deixava ali pra ele reparar pra nós. Daí o povo começou a procurar as coisas ali, as coisas que voltavam nas caixas, e começamos a vender e montamos banca ali e faz 17 anos que tá a turma vendendo ali (Ivani, 2019).

A partir da dificuldade para desmontar e carregar a feira de volta para casa as mulheres descobriram o novo ponto fixo para trabalhar. Como as mulheres deixavam a sobra da feira nas caixas, entre as cargas e descargas, o pessoal olhava os produtos e queria comprar. O trânsito intenso no terminal era fator positivo para uma venda mais dinâmica. Tanto Oliva quanto a Ivani não participam mais ativamente do ponto de venda no terminal, porém ambas tiveram sucessão do ponto e ainda enviam encomendas para serem comercializadas, eventualmente elas mesmas levam as encomendas para a cidade:

> Agora a gente só faz uns dias, a Oliva não pode mais, eu tenho que cuidar essa moça aí (a Têre, que tem síndrome de Down e estava assistindo a entrevista) e não tenho como me empenhar, mas mando com a Marli e a Loreci (Ivani, 2019).

Oliva sempre foi uma feirante muito atuante desde a época do grupo coletivo, inclusive ela chegou a presidir a feira geral conhecida como “Feira do Produtor”. Atuante no grupo de mulheres e nas reuniões do assentamento, Oliva além de uma liderança é presença garantida nas lutas travadas pelo social:

> [...] A feira mesmo fixa era mais no terminal, toda sexta a gente tem o dia marcado, já fazem 14 ou 15 anos, a gente nunca parou só que agora a gente ta mais calma. A feira coletiva ainda existe na Hugolino, lá embaixo, pra quem quer; e na praça na frente da Santa Casa, que é de todos os produtores (Oliva, 2019).

Dessa forma, as mulheres encontraram a maneira ideal de trabalhar com feira. Em grupo ou individualmente elas foram se adequando ao mercado e formando sua clientela. Conhecer a comunidade local fazia parte do estreitamento

dos laços sociais e comerciais, afinal havia algumas diferenças nos hábitos alimentares daqueles que cultivavam e dos que consumiam da feira.

O gaúcho fronteiriço de maneira geral, pela formação histórica e criação de animais de corte, sempre teve a carne como um elemento importante à mesa. Carne de cordeiro ou ovelha era a alimentação base das estâncias, a carne assada principalmente oferecia muita praticidade no preparo, as pessoas que trabalhavam no rigor da lida com animais - não raras vezes, não comungavam da mesa farta da casa grande do dono da estância. Bem como os/as camponeses/as encontravam praticidade no preparo da carne, do charque, enfim, um hábito cultural de incorporar outros alimentos à carne e não a carne a outros alimentos:

> Era muito diferente, nós chegava em algumas casas aqui da região, principalmente na sede da estância na fazenda que ainda tinha os peões e eles só comiam carne de ovelha, daquilo que a gente viu [...] Também um pouco de frango, mas a gente via era carne, só [...]. E nós olhava aquilo ali e não entendia o porquê. A gente nem sabia que podia comer só carne [...]. A nossa alimentação era variada (Oliva, 2019).

Nas estâncias e nas casas dos pecuaristas familiares, a atividade de cultivo de hortas e lavouras para autoconsumo não era tão comum como nas regiões colonizadas do norte do estado:

> O tipo de alimentação do pessoal não era tão diferente, mas era o jeito de fazer, porque a comida deles a maioria era carne e tudo misturado, carne com feijão, carne com massa, carne com arroz, e batata, mandioca, abóbora [...]. E a gente vinha de uma região que tinha produção de tudo e quando a gente chegou seguiu da mesma forma, tentando produzir meio que tudo. Era diferente o hábito deles, não tinha muito verde na mesa (Fátima, 2019).

Tendo em vista esse cenário cultural alimentar, as feiras foram responsáveis por colocar o “verde” na mesa dos/as fronteiriços/as. No relato das entrevistadas elas percebem que a carne estava presente em quase todos os pratos: carne com arroz, carne com massa, carne com mandioca, carne com abóbora, carne com batata, carne com polenta, feijão temperado com carne, canjica, lentilha, trigo, sopas, todos os pratos preparados com carne.

> Acho que a maior diferença era a maneira de preparar, a comida em si é a mesma que a gente comia lá fora, tipo feijão, arroz, mandioca, batata, massa, carne, mas aqui a comida é mais temperada [...]. Eu faço uma polenta aqui e uma galinha, não tem nada a ver com a polenta e a galinha da dona Zoraide, por exemplo – que ela é daqui. É totalmente diferente a forma de fazer, são costumes né? (Ana, 2019).

Porém, ao longo do tempo os hábitos alimentares foram se modificando e até mesmo se misturando. Os/as fronteiriços/as incorporaram à mesa “novos verdes”, atrevendo-se a colocar um pouco mais de cor no prato tradicional de carne, arroz e feijão. Porém, nem sempre os “experimentos alimentares” deram certo, mas aos poucos os/as fronteiriços/as se adaptaram à chegada de novos temperos, legumes e verduras. A Ana lembra, achando graça, de um causo de uma cliente:

> Engraçado até falar sobre isso, eu levei uma rúcula na minha feira e chegou uma freguesa e perguntou “O que é isso dona Ana?” e eu respondi que era rúcula, muito bom, com vitaminas e ferro, muito bom pra pessoa comer, “ah então eu vou levar”. Ela levou a rúcula e no outro dia ela chegou de volta e eu perguntei se ela tinha comido a rúcula. “Ah eu fiz uma “tortilla”, mas tava meio “fortilla” mas deu pra comer” (risadas). Eu contei e a gente deu tanta risada, fora que “tortilla é um linguajar daqui também né [...]. Mas hoje já tem bastante consumo de verdura, alface [...] (Ana, 2019).

Através das vendas, as mulheres puderam perceber e acompanhar comercialmente essa transição alimentar local, assim como as pessoas foram modificando o hábito de comprar somente em mercados convencionais e optando pela compra direta do/a camponês/a, como relata Fátima:

> Quando a gente começou fazer feira ali no terminal, por exemplo, a maioria era pão, algumas coisas que o pessoal não conhecia, massa caseira [...]. E hoje o que tu levar tu vende, desde um saco de adubo de esterco se tu levar ali tu vende, então é bem diferente, mudou muito, porque eles mesmos pedem “Vocês não tem tal coisa lá?”, “Consegue pra nós?”, então mudou daquela época pra agora. O hábito alimentar deles mudou bastante, também porque tem bastante gente na cidade que não quer saber de comprar no mercado, querem coisas sem agrotóxico, produto natural, no meu ponto eles falam muito isso, de pegar uma alface, um temperinho sem veneno, um tomate e coisas assim [...]. Mudou bastante. Eu já tenho meus fregueses fixos, então eu noto (Fátima, 2019).

Mas a troca, faça-se justiça, foi de ambos os lados. Lúcia relata que ela e a família aprenderam aqui o cultivo do feijão miúdo para comer, na região norte do estado ele era cultivado como adubo para o solo e alimentação para os animais. Outro relato foi da Ivani que disse não conhecer quiabo, e quando chegou aqui recebeu algumas sementes, plantou e começou a comercializar a partir da indicação de um freguês. E uma curiosidade nos traz a Ana sobre o consumo e a venda da couve manteiga aqui na região:

> Ah! couve sim, a couve eu acho até que é daqui, porque lá fora a gente nunca vendia tanta couve como vende aqui. O pessoal gosta muito dessa couve manteiga, que é uma couve que a gente não compra a semente, ela

> é da muda, se tu mudar ela e conservar ela pega, se não a gente não compra no mercado semente de couve manteiga (Ana, 2019).

Como foi rica a interação entre os saberes dos/as camponeses/as vindos/as da região norte do estado ao se encontrarem com os/as fronteiriços/as. É enriquecedor poder trazer a falar das camponesas e a visão particular sobre a mudança alimentar a partir das experiências vividas na feira. A feira é espaço para criar reinventar hábitos alimentares e culturais. Isso é a Arte de Fazer Feira, permitir que o consumidor interaja com o/a feirante, absorvendo saberes e colocando em prática as novas aprendizagens, não apenas sob um viés econômico, mas também para promover a troca dos saberes.

As trocas estabelecidas na feira não são nada superficiais, existe uma relação de confiança e fidelidade, um laço que a família urbana estabelece com a camponesa. Comprar um produto pelas mãos de quem produz é um processo que reconecta o campo e a cidade, é valorizar o trabalho do/a camponês/a, estabelecer a confiança pela troca do olhar com quem traz a pele crismada pelo sol do trabalho com a lavoura, com a horta e a criação dos animais. É receber o aperto firme da mão que sova a massa do pão, é perceber nessa mão o calo do trabalho duro e digno do/a camponês/a. Identificar na feira camponesa as nossas origens rurais é reconhecer que se “O campo não planta, a cidade não janta!”.

> Eu feirante, com os meus clientes, eles não são só meus clientes, eles são meus amigos. Agora estes dias cheguei na feira e comentando com a dona Zoraide, a mulher que eu faço feira na casa dela “Dona Zoraide e o seu Moisés que eu não vejo mais?” [...] Quando de tarde o filho dele chegou na parada de ônibus e a Zoraide perguntou pro rapaz como estava o pai dele, ele respondeu que não tava bem [...]. “Então leva um leite pra ele, ele era meu freguês e agora faz tempo que não aparece, então é porque ele tá doente?” O rapaz disse que o pai não tinha dinheiro pra comprar o leite e eu respondi “Mas bueno, leva o leite, ele é meu amigo. Se ele tem dinheiro, ele leva o leite, se não tem, ele leva igual [...]”. O guri não levou o leite e mandei por outro freguês. Então eu considero eles como amigos, porque não é sempre que a pessoa tem dinheiro (Ana, 2019).

A feira existe pela relação comercial que proporciona, mas ela se mantém pelos valores que não são mensuráveis em dinheiro. Amizade e confiança na relação entre feirante e freguês não é valor negociável.

As camponesas são sabedoras de que assim como a motivação da feira para elas é entendida de diversas maneiras, para os/as clientes o fator atrativo também é plural. Desta forma, elas foram buscando ao longo dos anos suas próprias estratégias de comercialização e ampliação da rede de clientes. Cada feirante

aposta em um tipo de abordagem, a Fátima se dedica ao acolhimento do/a cliente, ela acredita que a maneira de receber e tratar o/a cliente é fundamental para sua fidelização e assim ele/a reproduzirá o anúncio da feira para mais pessoas:

> Eu ouço muito as pessoas que compram de mim falar "Como é bom da gente vir comprar aqui, a gente chega e tu vem dar um abraço, perguntar como é que tá?", parece que tu acolhe a pessoa. Isso é uma coisa muito boa e que a gente tem que fazer. Eu sinto que ali na minha banca vem muita pessoa que não tem com quem conversar em casa. Eles chegam e eu tô com o mate, já dou um matinho, e começamos a conversar e eles já vão comprando os produtos, então talvez no mais é tu conversar – tipo assim, eu acho que assim eu adquiri muita gente pra vir comprar de mim. Agora esses dias eu tava ali e um senhor que nunca tinha comprado de mim tava esperando o ônibus e me cuidando, olhando o meu jeito, diz que ele pensou "Mas olha! Eu cheguei de manhã aqui, aquelas caixas dela tavam tudo cheia, como é que ela vende tão bem? Vou ter que ir lá perguntar pra ela.", isso ele me falou. Já eram 11:30h quando ele voltou pra pegar o ônibus – ele mora aqui no Armour, daí ele chegou e me cumprimentou, perguntou meu nome, e disse "Eu tenho uma coisa pra perguntar", "Pode perguntar" eu respondi – o senhor tinha 72 anos. "A senhora é sempre assim?", ele observou enquanto tava na parada que todas as pessoas que chegavam ali pra comprar, velho, novo, eu cumprimentava, perguntava como ia, oferecia mate. "Achei muito lindo o seu jeito vendendo, porque é muito difícil ver uma pessoa assim, e outra coisa que eu notei é que a senhora não fuma.", bem assim ele me disse. Me deu os parabéns, comprou umas coisas, e virou meu cliente. Imagina só? 72 anos o cara, ele ficar do outro lado do terminal cuidando o jeito deu vender. Ainda disse que ia fazer propaganda da minha feira. O pessoal das rádios vai comprar de mim lá, então pra gente, meu Deus né [...] (Fátima, 2019).

As camponesas também se utilizam do recurso da participação em feiras coletivas, eventos, projetos educacionais que fomentem o trabalho com a feira, encontros de mulheres do campo para trabalhar questões como autonomia da mulher, empoderamento das mulheres camponesas e fortalecimento das mulheres para o trabalho em grupo. A partir destas atividades promovidas pela Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Conselheiro – que atende a comunidade do Liberdade no Futuro, foram se ampliando as redes de contato das feirantes. A partir disso foram surgindo oportunidades de trabalho pedagógico de fomento à feira tanto na escola quanto em escolas da cidade.

No ano de 2016, a Escola Antônio Conselheiro iniciou a participação na Jornada Nacional Cultural "Alimentação Saudável, um direito de todos", projeto desenvolvido pelas escolas do campo vinculadas aos assentamentos de reforma agrária para discutir o modelo de agricultura imposto pelo agronegócio, visto que é totalmente oposto a agricultura camponesa e ambos estão disputando território dentro dos espaços de reforma agrária. Entendendo que a comunidade local

produzia uma grande diversidade de alimentos e essa realidade tinha pouca visibilidade, a escola resolveu promover a Feira da Alimentação Saudável. Pelo difícil acesso à Escola, a adesão à feira se resumia à comunidade local. A proposta inicial era a troca de produtos entre os/as feirantes, venda do excedente e o fomento na comunidade escolar de uma alimentação saudável. Entretanto, a feira dentro da escola reuniu 18 famílias, cada uma com sua própria banca, motivando a Escolas e as famílias camponesas a levarem a feira para outras escolas.

Muito embora a feira fosse responsabilidade da família dos/as estudantes da escola, as camponesas e as crianças tiveram grande destaque na elaboração, preparo, comercialização e contabilidade da feira. A feira percorreu um circuito de escolas dentre elas na Escola Professor Dias, Hector Acosta e Moysés Viana. Quatro entrevistadas participaram da experiência na Escola e no circuito realizado pela Feira da Alimentação Saudável. Elas relatam que as vendas foram muito boas e que a visibilidade foi muito positiva.

Fotografia 15 – Feira organizada pela Escola E. E. M. Antônio Conselheiro que aconteceu na E. M. Professor Dias.

Fonte: Acervo do Projeto Hoje é dia de feira, foto de Cassiane da Costa, 2017.

Durante esse período de feira nas escolas as camponesas foram convidadas para participarem da Feira da Cuaró, no Uruguai, departamento de Rivera. Essa feira reúne feirantes dos mais variados segmentos, oferecendo uma diversidade de produtos. A participação das camponesas se deu em parceria com a Escola Antônio Conselheiro que disponibilizou o transporte e recolheu os produtos das feirantes de casa em casa. É importante dizer que essa feira agregava feirantes de outros assentamentos na área de abrangência da Escola. Duas vezes as camponesas estiveram participando da Feira da Cuaró, em Rivera.

Atualmente, além do ponto de feira no Terminal da Av. Tamandaré e da Casa do MST, na Rua Treze de Maio, existem outros pontos de feira camponesa na cidade. A Praça General Osório recebe feirantes nas terças-feiras e sextas-feiras, pela manhã. Já a Praça Oriovaldo Greceller, também na Rua Treze de Maio, recebe feirantes nas quartas-feiras e sábados, pela manhã.

Fotografia 16 – Estudantes da UERGS visitando a Feira na Praça General Osório.

Fonte: Arquivo do Projeto Hoje é dia de feira, foto de Cassiane da Costa, 2017.

Fotografia 17 – Feira na Praça Oriovaldo Greceller.

Fonte: Arquivo do Projeto Hoje é dia de feira, foto de Paulo Elias Rodrigues, 2017.

Também há um ponto na Rua Hugolino Andrade que está sendo construído como Feira da Agricultura Familiar e da Economia Solidária de Sant'Ana do Livramento/RS. Nesse espaço, poucas famílias camponesas vendem seus produtos nas terças-feiras e sextas-feiras, pela manhã. Também são realizados eventos para promover o local. Recentemente foi aprovada uma ementa parlamentar destinando recursos para construir um prédio coberto que abrigará a estrutura da feira no local.

Fotografia 18 – Ana (de camisa azul) e demais feirantes trabalhando na Feira da Agricultura Familiar e da Economia Solidária na Rua Hugolino Andrade.

Fonte: Acervo do Projeto Hoje é dia de Feira. Foto de Yeferson Oliveira, 2017.

Quatro das nossas entrevistadas participaram dessa experiência no espaço da Feira da Agricultura Familiar na Rua Hugolino Andrade. Ana participou pelo período maior, mas desistiu porque vendia pouco nesse ponto. Duas camponesas entrevistadas acham esse ponto muito bom, porém fazem uma ressalva quanto à fiscalização de produtos de origem animal e processados, o que diminuiria a diversidade e inviabilizaria a preparação de uma feira só com legumes, frutas e verduras.

Uma entrevistada gostaria de poder participar do ponto de feira futuramente se conseguir aumentar a produtividade. Uma entrevistada não gosta do ponto, acha muito deslocado e não tem interesse em participar. Outra entrevistada não se sente em condições de atender as demandas de um ponto fixo, mas acha o ponto muito bom para feira.

Além da experiência da Feira da Agricultura Familiar e da Economia Solidária, também está se consolidando um outro ponto, organizado por camponesas. As

mulheres da reforma agrária toparam o desafio de comercializarem seus produtos na “Casa da Região”, sede regional em Livramento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na rua Treze de Maio, há duas quadras da Av. Tamandaré. Embora sejam diversos os pontos construídos e firmados pelas mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro, existe uma grande preocupação com as famílias da reforma agrária na diversificação da produção e a comercialização direta através da feira, com uma remuneração diferenciada em relação a entrega no comércio ou venda para atravessadores. Para Ribeiro et al. (2003), a melhor forma de desempenho da comercialização de produtos e rentabilidade da feira para os/as camponeses/as é escapar da entrega aos atravessadores:

> [...] a solução local, por meio das feiras, estas são fundamentais nas estratégias familiares. Com dimensões variadas de tamanho, inserção e resultados, a feira semanal é um espaço dinâmico de comercialização, geração de renda e abastecimento. É também, sem dúvida, um espaço privilegiado para a criação de políticas públicas de apoio às famílias agricultoras (RIBEIRO et al., 2003, p. 3).

O trabalho com feiras gera maior autonomia financeira, o que melhoraria a condição de vida de muitas famílias, inclusive garantindo a sua permanência no campo. O pioneirismo destas camponesas na feira vem tentando ser difundido no próprio assentamento e também nos demais assentamentos da reforma agrária. A proposta é o revezamento das feirantes na “Casa da Região” durante os dias da semana. Atualmente o grupo de mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro toda quarta-feira monta sua banca com alternância de duplas por semana.

Inicialmente os produtos da feira foram transportados pela Cooperforte (Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste), a divisão do combustível do veículo disponibilizado pela Cooperativa era feita entre as mulheres. Esse era o incentivo inicial proposto pela Cooperativa, inclusive sendo doado o combustível das duas primeiras viagens. Posteriormente as mulheres se organizaram com veículos próprios e a divisão do combustível.

Fotografia 19 – Oliva e sua filha Marli na Feira na Casa da Região.

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

O convite para articulação de mulheres de outros assentamentos vem sendo realizado pela Coordenação Regional do MST e as camponesas. Existe também uma articulação dentro do Núcleo de Gênero Sementes da Pampa – UERGS em realizar atividades com as mulheres assentadas fomentando o fortalecimento de grupos de mulheres e também a participação em feiras. Essa organização regional de cada assentamento abriria caminho para a realização de feira nos outros dias da semana disponíveis no ponto da “Casa da Região”.

Fátima, por exemplo, explica porque não participa da feira da “Casa da Região” muito embora seja uma iniciativa das mulheres de seu assentamento:

> Quando a Olivia, a Carmen e a Ana me falaram eu disse que ali é uma saída pra quem ainda não tá com ponto de feira, porque têm tantas pessoas que podiam fazer, foi aberto, mas ficaram as mesmas fazendo porque não conseguiram outras pessoas. [...] Mas também não vou dizer que eu não participe algum dia. Eu não sei se tu já sabe Renata, mas a Sandra um dia tava falando pra nós que saiu uma reunião e foi dito que as pessoas que tão trabalhando com leite e feira, na diversificação, são os que tão melhores, porque produzem, o que sobra vendem [...]. Então a Sandra me dizendo que pela avaliação que fazem são os melhores que tão, os feirantes (Fátima, 2019).

Ana também não está participando ativamente da feira na “Casa da Região”, porém faz revezamento quando alguma das mulheres não pode atender a feira. Ela pondera sobre a não adesão de novas feirantes no ponto já instalado:

> [...] Elas não são feirantes, não é todo mundo que é feirante, aí enquanto não sentem a necessidade [...]. Quando a gente sente a necessidade e tem que ir começa a gostar ou não, né? Eu hoje não sei viver sem fazer uma feira, adoro sair vender, e também pela questão de sair de dentro de casa, ver pessoas diferentes, ver os fregueses que são meus amigos, minhas amigas, é muito bom. Tu traz com o teu dinheiro as tuas coisas pra dentro de casa, valoriza teu produto, valoriza teu trabalho. Aí se tu fica em casa e não vai fazer feira tu sente necessidade das coisas, que eu acredito que as outras mulheres sentem, porque se nós hoje não fizer feira aqui em casa Renata, nós vamos passar muita necessidade das coisas [...]. Então eu acredito que não é só a gente que tem essa necessidade. Isso que eu já sou aposentada, já tenho meu dinheirinho e o Danilo e o João não produzem muito leite, aí eu fico me perguntando porque não fazer feira se é tão bom e é uma saída? (Ana, 2019).

Mais uma vez, o pioneirismo em feiras pelas mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro está associado à necessidade de sobrevivência e a falta de alternativas produtivas na época em que foram assentadas em Livramento. Percebe-se isso quando correlacionamos a chegada de outros assentamentos sob a condição de maior fomento do governo ao trabalho com gado leiteiro. Outro fator que é agravante na condição de assentamento da reforma agrária é o arrendamento do lote como alternativa de sobrevivência, tirando totalmente a autonomia da família, entrando em contradição com as diretrizes do movimento de luta por reforma agrária.

As mulheres reconhecem o valor da feira e valorizam a produção de alimentos. Os valores são calculados semanalmente, variando entre quinhentos e seiscentos reais, as mulheres que não tem realizado feiras com regularidade giram uma renda de até oitocentos reais por mês. Nossas entrevistadas são mestras na Arte de Fazer Feira, inclusive explicam sobre a motivação financeira e a aplicação que dão sobre o valor recebido do seu trabalho:

> Agora a feira é mais minha, só quando é produção de uva que é dos homens da família, mas tudo o que eu faço de pão, cuca, eu faço o que eu quero do dinheiro. Aí eu compro algum armário, mais sapatos, e se eu quero dar algo pra alguém ou repartir com os netos, dar presente pras crianças em dia de festa, comprar cadeira, eu gosto de ter esse meu dinheiro da feira separadinho, o resto é tudo da casa, outros dinheiros são tudo misturado (Oliva, 2019).

Todas as entrevistadas falaram que usam seu dinheiro para comprar coisas para dentro de casa, priorizando sempre as necessidades da família, depois as suas necessidades individuais – geralmente utensílios para a casa, pagamento de contas de luz, crediários, presentes para a família, roupas, acessórios e perfumarias para uso próprio – esses últimos itens são tratadas por elas como supérfluos. Porém, a satisfação e a gratificação de poderem investir na casa com o dinheiro do próprio trabalho é imensurável, a independência é fator motivacional para elas:

> [...] Eu penso que seja pra não ter dependência do homem, porque eu gosto de ter o meu dinheiro, fazer o que eu quero [...]. Embora se eu não tiver eu sei que eu posso pegar porque é nosso, da casa, mas eu gosto de ter o meu [...]. Bueno, hoje eu quero ir lá e comprar tal coisa pra mim, eu tenho e não preciso tá pedindo, eu acho que isso é independência, poder fazer uma feira e ter o teu dinheiro, não ter que tá pedindo até dez reais “me dê!?”. Tu tem a independência de ter o que é teu (Fátima, 2019).

A feira confere às mulheres autonomia financeira para a tomada de decisões sobre como e quando irão utilizar seus recursos financeiros. O trabalho com a feira em razão da oscilação das demais atividades dentro da unidade familiar, colocam a feira como renda principal da família. O capital investido em estrutura, animais e maquinários funciona para a família como uma reserva de recursos, quase como uma poupança.

Elas se orgulham da possibilidade de conseguirem sustentar financeiramente a casa junto de seus companheiros. Mesmo optando pelo investimento na estrutura da casa e no bem-estar da família, elas veem esse investimento no atendimento às demandas familiares como uma escolha individual.

6 MULHERES CAMPONESAS, FEIRA E SOBERANIA ALIMENTAR

Construir um mercado alternativo é desafiador tendo como viés a proposta de uma construção social de circuitos curtos de comercialização como as feiras. A proposta de repensar o cenário alimentar desde a produção até o consumidor final é complexo e extenso. A discussão, segundo Silva (2016), é permeada das questões sociais, ambientais, econômicas, identitárias e sofrem as inúmeras interferências dos escândalos alimentares. Porém os/as camponeses/as tem um entendimento diferente da construção de um mercado convencional e da realização da atividade de feira.

Silva (2016) traz, em seu estudo sobre a região de Santiago/RS, uma perspectiva semelhante à alcançada nesta pesquisa, onde os atores sociais priorizam as relações de proximidade e diálogo sobre os produtos a serem comercializados, bem como valorizam a procedência, o saber fazer e a saúde - diferente dos grandes mercados que estão voltados à padronização dos mesmos. As ações regulamentadoras das atividades produtivas não são impeditivas para a construção de um espaço de feira, porém a desburocratização e a compra e venda direta propiciam outro tipo de interação entre feirante e consumidor final.

A partir deste entendimento de uma nova realidade a ser construída, digo que trabalhar com alimentos é uma atividade bastante recompensadora, sobretudo para as mulheres camponesas. Colher o alimento fresquinho da horta ou da lavoura, poder trabalhar com produtos sem a utilização de químicos, tirar o leite, colher os ovos, saber do tratamento dado a cada animal a ser abatido, enfim, ter o controle total sobre a produção. Nenhuma dessas mulheres usa agrotóxico para produzir os produtos que vendem nas feiras. Em alguns casos, existe um espaço do lote destinado ao cultivo dos produtos para o gasto e para a feira (feminino) e outro destinado à pastagem para o gado de leite (masculino). Nesse segundo, nas pastagens, os homens da casa costumam usar agrotóxico, mas no espaço da horta, da produção de verduras não.

Em conversa realizada em 2018 sobre a criação de um Organismo de Controle Social (OCS) a partir das iniciativas das mulheres assentadas em Cerro dos Munhoz, a orientadora dessa monografia ouviu de uma das camponesas entrevistadas: “Cassiane, o problema são os homens que colocam veneno em roda do nosso lote... (pausa) e o homem que coloca veneno dentro do nosso lote”. Essa

fala nos faz pensar e entender que a luta das mulheres contra a utilização de agrotóxicos é maior do que a os homens nesse assentamento.

Existe outro fator limitante para as camponesas que gostariam da trabalhar com orgânicos através da certificação pela OCS (Organismo de Controle Social), o enfrentamento contra a entrada da soja nos assentamentos de reforma agrária, seja através de arrendamentos irregulares ou mesmo o cultivo pelos próprios assentados. A deriva e o descumprimento das regras de aplicação de agrotóxicos não permitem que elas tenham áreas completamente seguras e livres da presença destes. As camponesas perdem financeiramente e no reconhecimento do público urbano por não conseguirem a certificação de seus produtos.

O trabalho realizado pelo movimento de base e formação no MST, assim como de outros movimentos que fazem parte da Via Campesina, enfocam o trabalho com a terra com base na Agroecologia visando a soberania alimentar (ROSSET, BARBOSA, 2019). Nesse sentido, conforme esses autores, as próprias famílias camponesas são responsáveis em transformar seus territórios em territórios agroecológicos. Além do trabalho sem a dependência de insumos químicos resultar positivamente sobre a saúde da família que planta e da família que consome, é uma maneira de trabalhar dentro da propriedade desviando da forte dependência externa de insumos para as atividades na unidade familiar.

Conforme Petersen (2009), a Agroecologia pode ser definida como uma ciência voltada para a recampenização. Esse autor trabalha o conceito de recampenização utilizado por Van der Poeg em relação ao aumento de famílias camponesas e o fortalecimento da natureza camponesa em parte da agricultura familiar que aderiu a processos da modernização da agricultura, aumentando a autonomia dessas famílias. A quebra da lógica capitalista faz com que a família encontre recursos dentro da unidade familiar, diminuindo custos de produção e tendo um maior controle sobre a origem dos produtos utilizados, subvertendo a ordem também acabam preservando o ecossistema do qual se utilizam.

Assim, Petersen (2012) entende a Agroecologia a partir de três acepções: a) como teoria crítica à agricultura convencional e oferta de bases conceituais e metodológica para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis; b) prática social adotada em coerência com a teoria agroecológica; c) movimento social que mobiliza agentes sociais envolvidos no desenvolvimento da Agroecologia, assim como defensores da soberania alimentar, saúde ambiental, economia solidária e

ecológica, equidade entre homens e mulheres, e relações mais equilibradas entre rural e urbano. “Em sua essência, a Agroecologia articula sinergicamente essas três formas de compreensão, condensando em todo indivisível o seu enfoque analítico, a sua capacidade operativa e a sua incidência política” (PETERSEN, 2012, p. 8).

É preciso destacar que “Sem feminismo não há Agroecologia”. Para Calaça e Seibert (2018, p. 5), “a relação entre agroecologia e feminismo camponês e popular é uma construção dialética que se retroalimenta no cotidiano, e que precisa se manter assim”. Esse conceito está em construção a partir de debates de mulheres integrantes de movimentos sociais do campo no contexto brasileiro e latino-americano, entre eles o MST. A base do Feminismo Camponês Popular é dada pela luta de classe, a luta feminista e a luta por um projeto de agricultura camponesa e agroecológica (CALAÇA, SEIBERT, 2018).

Devido aos diversos acordos dentro da proposta de trabalho com a sustentabilidade dos movimentos sociais de luta pela terra, as mulheres da reforma agrária participam de várias formações ao longo da sua trajetória dentro das instâncias do MST. Bem como as camponesas que já trabalhavam com a terra antes mesmo do acampamento/assentamento, já tinham uma preocupação com o pacote tecnológico tão fortemente difundido na época da Modernização da Agricultura.

Segundo Graziano da Silva (1987), a modernização da agricultura foi mais intensa na região Centro-Sul do país, aumentando a dependência da industrialização e acentuando o desequilíbrio social espreitou camponeses/as sobre suas terras, endividando-os e os colocando em condição desigual aos proprietários de áreas maiores de terra. Tudo o que foge a ordem do ciclo da natureza causa apreensão às entrevistadas.

Oliva e Lúcia dão seus relatos sobre a produção nas suas famílias de origem, com sementes crioulas, sem adição de químicos, terra lavrada a bois e irrigação dos céus. Porém, cada vez mais as sementes crioulas foram desaparecendo, e em razão disso aumentando o consumo de insumos externos. Oliva relata que quando veio embora do Paraná estava também tentando fugir da disseminação do veneno, porém logo o “desenvolvimento capitalista” alcançou o RS e disseminou veneno nas pequenas lavouras das colônias, até as extensões da pampa nas lavouras de milho, soja e arroz.

Entretanto, de maneira unânime entre as entrevistadas trabalhar com alimentos é a garantia de uma alimentação saudável para a família, e para os

consumidores. Lúcia conta sobre como construiu a consciência de produzir alimentos de maneira saudável: “Mas isso é de tantos cursos que a gente já fez, eu mesma já aprendi um monte de coisa aqui em Livramento... A gente sempre se preocupou, toda vida... Nunca usamos nenhum tipo de veneno” (Lúcia, 2019).

A diversificação da produção na unidade familiar é um meio de não depender totalmente de mercados e da compra de alimentos. Através da produção de alimentos se faz a luta pela terra ter sentido e se constrói a soberania alimentar:

> Eu acho que o mais importante é produzir as coisas pra família, se sobra a gente vende, mas primeiro é o básico pra família, depois a feira. Eu penso que não adianta só produzir leite e ter que comprar de tudo, tu perde o dinheiro do leite [...] É uma pena que nos pedem muita coisa que a gente não pode levar como galinha, leite em garrafa, tem muita coisa ainda que a gente quer vender mas não tem como, banha de porco o pessoal pede demais, tem muita coisa que a gente produz mas fica pra casa e não pra vender (Fátima, 2019)

A modernização da agricultura não foi capaz de acabar com a fome e a desnutrição no mundo. Esse não é um problema somente do âmbito produtivo, mas também a capacidade de acesso do povo aos alimentos é central. A segurança alimentar é regida por esses princípios: segurança alimentar e segurança nutricional são auto dependentes; para garantir segurança alimentar e nutricional precisa haver participação de sociedade e do Estado; o direito humano à alimentação tem que ser considerado primordial (MALUF; MENEZES, MARQUES, 2000).

Os autores e a autora propõem esse conceito:

> Segurança Alimentar e Nutricional é a garantia do direito de todos ao acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente, com base em práticas alimentares saudáveis e respeitando as características culturais de cada povo, manifestadas no ato de se alimentar. Esta condição não pode comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, nem sequer o sistema alimentar futuro, devendo se realizar em bases sustentáveis. É responsabilidade dos estados nacionais assegurarem este direito e devem fazê-lo em obrigatória articulação com a sociedade civil, dentro das formas possíveis para exercê-lo (MALUF; MENEZES; MARQUES, 2000, p. 4).

Os movimentos sociais integrantes da Via Campesina defendem a necessidade de ir além dessas questões, defendendo o conceito de soberania alimentar, ressaltando o direito dos povos de estabelecerem suas políticas e regramentos relacionados à produção agropecuária e o mercado, protegerem a produção de alimentos nacional e disporem alimentos inócuos, nutritivos e

ecologicamente sustentáveis (Declaración sobre la Soberanía Alimentaria de los Pueblos, citada em Rosset, 2003).

Como pode ser garantida a segurança alimentar e nutricional? Através da atenção à produção de alimentos de qualidade e à garantia que todos possam acessar esses alimentos. Conforme Rosset (2003), a única solução para combater a fome e reduzir a pobreza é através do desenvolvimento local. Para criar esse desenvolvimento em áreas rurais, pode-se apostar nos circuitos locais de produção e de consumo. É isso que essas mulheres estão promovendo a muitos anos em Sant'Ana do Livramento através das feiras, a aproximação entre camponeses/as e consumidores/as em torno da comercialização de alimentos de qualidade (qualidade ampla, no sentido tratado por Silveira; Heinz, 2005), promovendo assim a soberania alimentar.

O livre comércio, acesso a mercados externos, monopólios, tratamento de alimentos como mercadoria, sementes patenteadas, organismos geneticamente modificados, etc., não são compatíveis com esse modelo de soberania alimentar (ROSSET, 2003). Maluf, Menezes e Marques (2000) também defendem que o mercado internacional não é uma fonte confiável de alimentos de qualidade nutricional e livres de contaminantes. Os escândalos recentes em relação à qualidade no setor de carnes comprovam essa afirmação.

Avaliando a qualidade dos produtos, cada feirante entende qualidade à sua maneira: "Pra mim é o gosto do alimento porque se tem uma qualidade bonita, mas não tem gosto não vale a pena" (Oliva, 2019). De modo geral, entendem que um produto livre de contaminantes químicos seja o ideal para a família e a comercialização. Algumas colocam a apresentação do produto como fator de qualidade, outras falam sobre a forma de preparo, e ainda há quem associe a qualidade com alimentos sem veneno.

> Se a gente olhar pelo bem da família, a gente tem que querer o bem de todos. Não adianta olhar só pra tua família, querer o bem só pra ti. O mesmo produto que eu faço pro consumo nosso aqui é o produto que eu levo pra feira, com a mesma responsabilidade, com o mesmo capricho e o mesmo empenho. A gente não pode tratar um cliente na feira diferente de como a gente trata a família. Não tem como tu vender um produto na feira que tu não vai ter aquele capricho no fazer, fazer algo bem feito (Ana, 2019).

Sobre a diversificação da produção de alimentos e a alimentação da família, Oliva diz:

> Acho ótimo, precisa, é muito bom, é necessário alimentos naturais, alimentos bons, é necessário alimentos sem veneno porque tem outro gosto. Eu gosto também de ver as coisas, casa que não tem nenhuma fruta é muito difícil ter que comprar tudo, eu me sinto bem tendo alimentação para oferecer pra família e pra quem chega (Oliva, 2019).

A valorização da não utilização de agrotóxicos é um dos agregadores de valor aos produtos comercializados diretamente pela mão dos/as camponeses/as. Essa relação de confiabilidade é estabelecida pelo tempo, diálogo e consumo dos alimentos. Os produtos da campanha ou produzidos sem veneno, de maneira natural, possuem características gustativas diferenciadas quando comparados aos produtos convencionais e que recebem altas cargas de insumos químicos. Segundo Menasche (2010), em estudo realizado na região de Porto Alegre/RS, os produtos que vem de "fora" ou "área rural" são considerados melhores, naturais, benéficos à saúde. Essa afirmação se dá sob o aspecto da desconfiança do consumidor sobre os mercados convencionais e produtos industrializados.

Fátima tece um comentário que vem ao encontro do que Oliva diz no trecho acima sobre quem produz alimentos acaba oferecendo à família uma mesa mais farta e com melhor qualidade: "Eu comprar coisa do mercado é muito pouco, a maioria é tudo de casa" (Fátima, 2019). A produção de alimentos, de produtos pro gasto, é uma atribuição feminina nos lotes dessas mulheres, embora recebam 'ajuda' dos homens nesse trabalho. Essa atribuição das tarefas destinadas à reprodução da família às mulheres é comum no campesinato, conforme Paulilo (2016).

Os lotes dessas famílias são caracterizados pela produção de alimentos diversos, sendo essa diversidade relacionada ao trabalho das mulheres. Em pesquisa realizada por Costa et al (2018) com mulheres de cinquenta lotes do Assentamento Liberdade no Futuro e outros do entorno, foi constatado que nesses lotes a produção de alimentos é significativamente diversa. Também foi percebido que as mulheres têm papel central na conservação da agrobiodiversidade nesses assentamentos (COSTA et al, 2018).

Essa diversidade produz as mesas fartas de alimentos saborosos preparados com amor e dedicação por essas mesmas mulheres. Essa diversidade de gostos, cores e 'saber fazer' não ficam somente no lote, transbordam para a cidade, trazidas pelas mãos das mulheres nas feiras. Podemos atestar a qualidade desses alimentos

porque nós, autora e orientadora desse trabalho, temos o privilégio de comprar e ganhar produtos dessas mulheres nas feiras e participar como convidadas de banquetes camponeses em suas casas.

A feira proporciona para as mulheres autonomia financeira e independência de escolha sobre o investimento que elas farão do dinheiro arrecadado com o trabalho enquanto feirantes, dessa maneira, Lúcia reforça a sua motivação em poder fazer feira: “Eu gosto da feira porque ela dá dinheiro!” (Lúcia, 2019).

Além do trabalho de plantio, colheita, elaboração, preparação e produção, as mulheres encontram de maneira individual a forma de fazer a contabilidade da feira e a relação de proporção de custos e valor de comercialização dos produtos. Ivani conta que já tem prática em fazer os cálculos para não ter prejuízo, aliado ao conhecimento em relação ao consumo de sua clientela:

> A feira dá dinheiro, eu consegui muito, aprendi que dá e dá mesmo. Eu faço com um quilo de farinha nove cucas, com uma tu paga três e ainda sobram duas pra ti vender. Eu sempre fiz as contas, eu nunca levei pra tomar cabeçada, tu levar na feira e ter que voltar com as coisas acontece, um dia como hoje (muito chuvoso) não tem saída, mas tu tem que levar as coisas conforme a saída, não só pra dizer que levou (Ivani, 2019).

Preparar a feira envolve muito tempo e trabalho. É necessário pensar o ciclo produtivo das frutas, verduras, legumes, cultivar, esperar a colheita, colher, preparar a apresentação do produto. Também tem a fabricação dos queijos, tortas, massas, pães, cucas e bolachas. Ufa! Não é fácil ser feirante, requer muito trabalho e uma boa conversa na hora da comercialização. As camponesas entrevistadas são excelentes nessa “Arte de fazer feira”.

> A minha família sempre pegou junto, mas agora quando tava só eu e o Danilo em casa era mais sofrido porque não tinha a quem recorrer, tinha que tirar leite, ir pra lavoura, ir pra horta, preparar a feira e vender a feira, aí o Danilo ficava em casa e eu ia [...]. Mas agora tem o João e a Luci que me ajudam de certa forma. O João ajuda em tudo – inclusive se precisar vender na feira. A Luci é mais vendedora e tem o Pedro pequeno. Aqui na minha família qualquer um faz qualquer coisa, o Danilo me ajuda a fazer queijo, descascar mandioca e feijão miúdo [...]. (Ana, 2019).

Ivani prepara a feira, mas nesse lote é tarefa do Ancelmo plantar e colher as verduras e legumes na horta. Ambos revezam para tirar o leite, que é tirado à mão e as vacas não comem ração, só pastam. Lúcia prepara a feira sozinha, porém alguns produtos ela compra dos vizinhos e vende mel e queijo dos filhos. Oliva assume

sozinha a responsabilidade de preparar a feira, porém as lidas ao redor da casa e a horta são de responsabilidade também do Lucas. Na casa da Fátima, a preparação acontece assim:

> Eu já nem sinto mais que é trabalhoso porque já tô acostumada, mas quem não é acostumada já vai sentir. Na segunda-feira eu tiro pra fazer bolachas e pão, na terça-feira eu faço as cucas e os biscoitos, então cada dia eu tenho uma coisa, também pra não ta lá mexendo com terra e vir mexer com massa. Depois que eu termino de lidar com as massas aí é que eu vou pra horta, tirar as coisas da horta, e as embalagens eu faço tudo de noite. Mas o Edson e o Juca sempre me ajudam em tudo, enquanto eu sovo o pão eles tão lavando a louça, sempre uma coisa ou outra eles tão ajudando, se torna que a família se envolve pra ajudar (Fátima, 2019).

Essas falas remetem à divisão dos trabalhos no âmbito do lote. Em alguns casos, como o de Fátima existe uma divisão justa do trabalho doméstico, nos outros lotes, os cuidados com a casa, elaboração de comida, de alimentos elaborados como pães, cucas, bolachas, doces em calda e *schimier* de frutas para a feira, além da preparação da feira costumam ser atribuição das mulheres, eventualmente recebendo “ajuda” dos homens da casa. A distribuição justa do trabalho doméstico é uma luta das mulheres camponesas no Brasil e que precisa acontecer de forma a não sobrecarregar as mulheres com jornadas duplas e triplas de trabalho, como mostra Paulilo (2016).

Além do trabalho de preparação da feira, da feira em si, das lidas na lavoura, na horta, no manejo do gado de leite, essas mulheres tem os serviços domésticos, que no entendimento de todas nós – camponesas, autora e orientadora, deveriam ser atividades divididas entre todos/as que vivem na casa. Porém, muito embora algumas atividades de feira e dentro de casa sejam divididas com marido e filhos, a responsabilidade do “saber fazer” e a “hora de fazer” é das mulheres. A participação dos homens é entendida como ‘ajuda’.

Mas e depois de toda a jornada de trabalho na lavoura, horta, leitaria, tratar os animais, preparar e fazer feira, cuidado com o lar e a família, essas mulheres consegue ter horas para o descanso e o lazer? Com tantas atividades, as mulheres ficam sobrecarregadas e tem pouquíssimo tempo para o lazer. Aliás, para a maioria delas, o lazer é trabalhar. “Eu gosto de costurar. Mas o cachorro quebrou minha máquina (risos). Eu gosto de ficar em casa” (Lúcia, 2019). Embora Lúcia não tenha dito, pela convivência e a proximidade que temos, até mesmo pela entrevista que fiz,

sei que a feira para ela é uma maneira de se sentir bem. Ela podendo vir de carona para cidade, se prontifica para fazer suas entregas e visitar as clientes na cidade. Lúcia é uma batalhadora. Cuida dos animais e da sua casa, passa longos períodos casereando – pois seu marido é dirigente do MST e participa de muitas atividades, vive de maneira tranquila e mesmo aposentada segue trabalhando para ajudar os filhos que ainda não consolidaram suas casas e trabalhos.

Oliva é uma figura ímpar, sempre muito presente nas atividades da comunidade, envolvida nas atividades de feira e reunião de mulheres, sem falar da sua participação ativa enquanto militante social. É um exemplo de persistência, luta e coragem. Mesmo tendo uma dieta restrita por questões de saúde, se tu chegares na casa dela ou irá provar uma comidinha especial que ela preparou ou sairá com um potinho para comer em casa. É uma das suas alegrias, conquistar os amigos "pela barriga".

> Eu gosto de sair, de ficar olhando, comprando, ontem ali (na Sede do Assentamento) tinha aquela festa grande (Olimpíadas da juventude do campo), ficar junto com o pessoal que come – a gente não pode comer muita coisa, mas eu vou lá e como também um pouquinho, ver as crianças pularem e brincarem. Eu gosto do jogo de bola, apesar de que eu fiquei pouco porque tava frio e eu tava cansada (Oliva, 2019).

Ivani fala sobre o processo de deixar da feira com embargo na voz e olhar distante. A feira é vida para ela, mesmo ela compreendendo os motivos dos filhos quererem que ela reduza o trabalho e as atividades, ela sente verdadeira paixão por suas vendas. Ainda assim, ela vez por outra consegue fazer suas entregas, repassar algumas clientes para suas amigas e lembrar dos clientes que por anos lhe acompanharam. Como feirante, Ivani é muito feliz.

> Meu lazer era arrumar a feira, ajeitando e lidando, telefonando pras pessoas. Aqui na colônia passa os dias e a gente não vê. Então eu não posso deixar passar. Têm umas pessoas que se queixam de cansada, mas eu não me queixava de nada, sentia alguma coisa às vezes, mas não ficava me expondo (Ivani, 2019).

Na oportunidade em que fizemos a entrevista, Fátima estava muito emotiva em função de uma filha que havia se acidentado de moto. Conversamos bastante, e o semblante da Fátima se iluminou quando começou a contar sobre a feira e seu trabalho. É encantador trabalhar com mulheres e suas experiências de trabalho e de vida.

> Eu consigo, eu saio muito (risos). Passei o dia fora, ontem de novo. Consigo sim, mas o que eu mais gosto é sentar numa rodada de mulher, tomar um mate, ficar conversando, mas a atividade que tem eu tô enfiada, reunião, tudo (Fátima, 2019).

‘E sai mesmo, não é Dona Fátima?’ Estou brincando, pois eu fiquei de visitar a Fátima para realizar entrevista no sábado, ela esqueceu e foi para um aniversário. Brincadeiras à parte, Fátima é uma mulher trabalhadora.

Sabem o que a Ana vai fazer na tecelagem? Trabalhar! A Ana me contou com muito orgulho sobre o grupo de mulheres da tecelagem que ela e a Carmen – camponesa assentada, conseguiram organizar. Esse foi um dos primeiros enfrentamentos das mulheres, vencer o machismo e o preconceito dos homens que achavam que as mulheres da tecelagem estavam se reunindo para fugir do trabalho. Diziam que a tecelagem era o “antro” de “mulheres velhas e doentes”. Mesmo com todo o rigor e intempérie do inverno, as mulheres fazendo cobertores e palas para todos no assentamento se aquecerem e se resguardarem do frio, os homens não valorizavam esse trabalho, pelo contrário.

> Olha, muito pouco. O meu lazer tem sido ir pra tecelagem, trabalhar um pouco e tomar umas cuias de mate com as minhas amigas lá, as minhas tecelãs. Aí a gente relaxa, uma conta um pouco de problema e a outra também, e a gente dá uma relaxada (Ana, 2019).

No caso de Ana, chama a atenção a busca por uma nova forma de venda dos produtos junto à sua tradicional feira. Através da participação das duas noras, Ana tem um grupo no WhatsApp para fomentar as vendas. Os produtos disponíveis a cada dia são anunciados nesse espaço. A partir dele são feitas encomendas e a nora de Ana, Lucimara, faz a entrega dos produtos de carro na casa do/da cliente. A arte de fazer feira também tem inovação.

Fotografia 20 – Mesa de produtos de feirante camponesa

Fonte: Arquivo de Ana Picollo. s/d.

Os processos de preparação da feira entre as entrevistadas são diferentes. Uns são mais complicados, outros nem tanto. Porém a preparação da feira acontece para atender a freguesia. As camponesas contam o que não pode faltar na feira nos relatos abaixo transcritos, conforme Quadro 1

Quadro 1 - Na minha feira sempre tem!

Relato 01	A minha feira eu comecei com o carro chefe as verduras, tempero verde e a couve, cucas, queijo e leite [...]. O queijo e o leite são o que dão mais dinheiro. As verduras, a abóbora, mandioca, tudo faz parte [...]. Porque a feira é diversidade, não adianta fazer feira só de um produto, têm que ter vários pra poder valer a pena.
Relato 02	Verde, coisas de horta, eles procuram muito espinafre, almeirão, radicci amargo, queijo – mas queijo é um perigo, um risco, pra não dar problema com o meu queijo eu não mando por elas, sempre entrego direto nos lugares. Pego menos encomenda e não incomodo ninguém.
Relato 03	Bastante coisa, mas o que não pode faltar na feira – que na verdade eu não poderia vender (risos), é o queijo, esse é incrível [...]. Queijo, ovo, pão, bolacha, cuca, esses tem que ter. Deus o livre, é uma briga se não tiver. Depois vem o mel, doce de leite, verduras em geral,

	fruta, tipo coisas da época como sai [...]. Só vendo os meus produtos, não pego de outros pra vender.
Relato 04	Cucas, doces de pote, queijo e mel.
Relato 05	Mandioca, batata, pimenta, alface – não muita, mas sempre tem, alguns chás que a gente já planta porque o pessoal pede cidreira e essas coisinhas, salsinha, temperinho verde. Agora é só isso, e mais os pães, as cucas, os doces e o suco, eu não tenho feito queijo, mas até agora nós tinha isso, mas sempre dá pra fazer mais.

Fonte: Autora

As mulheres se sentem valorizadas pelo trabalho que fazem. Elas oferecem o melhor enquanto feirantes, olho no olho, perguntam sobre o bem estar e as novidades de quem chega na feira, explicam sobre os produtos que comercializam, não poupam tempo e atenção com seus/suas clientes. Procuram melhorar conforme a sugestão de cada pessoa e também aprendem novas receitas, assim como dão várias dicas e ensinam a fazer os produtos que comercializam. É uma troca muito bonita. Elas relatam como se sentem quando seus produtos tem a aprovação dos/as consumidores/as, segundo o Quadro 2.

Quadro 02 - Que produto bom, semana que vem eu volto!

Ana	Com certeza, é tudo que a quer ouvir do freguês “Como tava bom seu queijo!”, “Eu comprei uma cuca e tô voltando”. É isso que mantém uma feira! Faz oito anos que eu tenho a feira e tem pessoas que há oito anos são meus fregueses e sempre recomendando pra outras pessoas. Isso que é trabalhar com seriedade. Outra coisa é o preço, a gente tem que considerar os fregueses, valorizar e ver a situação. Hoje tu pega um queijo e vende a dez reais e quando vê amanhã tu vende a vinte. A gente não pode sacrificar o freguês, tem que considerar ele assim como a gente é, quando a gente vai no mercado a gente sofre isso. E na feira ele encontra essa diferença da gente considerar as pessoas.
Ivani	A gente fica feliz. Que não venham dizer que teu produto tava ruim, tava isso, tava aquilo. Tu sabe que se por acaso estraga um leite eu dou outro, e o pessoal não me trai. As pessoas não podem perder também, porque é difícil pra eles comprarem. Eu sei que eles não vão me mentir, eu conheço meus fregueses.
Fátima	Mas Deus o livre, se não! Se tu levar um produto diferente, uma bolacha, vamos supor, a pessoa compra e na outra semana já quer daquela que pegou tal dia porque tava muito boa, porque era novidade. Então vai criando uma autoestima na pessoa. É cansativo, mas é muito bom. E tirando o que tu te distrai com as pessoas lá, tu dá risada, pode tá do jeito que tiver em casa, tu vai pra lá tu se renova, é muito bom.
Lúcia	Eu sempre gostei de trabalhar, não estranho elogio não, eu gosto de trabalhar.
Oliva	Quando tu corta uma cuca bem gostosa e o pessoal fica feliz a gente se sente bem, porque eu sou muito de partilhar, eu gosto que o pessoal venha na minha casa, chegue pra comer alguma coisa, se não comem nada eu fico triste [...]. Até os netos dizem “A vó só empurra comida”, mas não é isso, é um costume da minha mãe até eu acho. Sozinho a gente não vive, tão bom a gente ter companhia, ter com quem conversar.

Fonte: Autora.

A motivação para continuar trabalhando, além da elevação da autoestima, o ganho financeiro, o reconhecimento pelo trabalho e a liberdade, é a sustentação do ponto para a sucessão familiar. As mulheres entendem que com a instabilidade das

políticas para a agricultura familiar, perda de fomentos e a desvalorização da cadeia leiteira, a feira é alternativa concreta de viabilização das famílias camponesas.

É interessante como as histórias se cruzam e como conhecer a fundo as realidades nos tira do olhar superficial de ver a feira como uma mera oportunidade de ganhar dinheiro. Existem vidas, lindas, com trajetórias de lutas inimagináveis por trás das toalhas de chita, da bandeira vermelha, do pano atado nos cabelos, dos potes de doces, da cesta de queijos. Certamente a estrada que leva à localidade do Cerro dos Munhoz tem gotas de suor, lágrimas de alegrias e de dores, gotas de sangue de lutas, de ferimentos na alma das camponesas que trabalham de sol a sol para que a comunidade que elas ajudaram a construir possa desfrutar de um mundo mais igualitário e justo com vistas à “Liberdade no Futuro”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizar um trabalho de tantos anos, feito à tantas mãos, não contemplará os tantos/as atores/atrizes desse cenário tão rico que representa a feira. Reunimos nesta pesquisa diversos representantes de muitas frentes de trabalho, todos com contribuições valorosas no trabalho de construção das feiras em Sant'Ana do Livramento.

Iniciamos nossa jornada contando sobre a história dos carroceiros, desde o tempo das carroças puxadas por juntas de bois, depois cavalos, histórias que precedem a formação das estradas e rodovias asfaltadas. Quiçá algumas das pessoas citadas neste trabalho foram responsáveis por abrir novas picadas, caminhos e estradas para chegar até os centros urbanos. Os chacareiros, em meados dos anos 40 segundo memória dos/as feirantes, abasteciam o comércio local e regional pelo intermédio de atravessadores que levavam seus produtos em conduções até os centros de comercialização.

Transposto o tempo das carroças, chegamos às primeiras feiras da cidade, articuladas em parceria com a Prefeitura Municipal. Ainda era muito difícil, mesmo entre os anos de 1950 e 1970, para os/as camponeses/as se adaptarem à realidade deles/as mesmos venderem seus produtos direto ao/à consumidor/a. Muitos/as não conseguiam dar continuidade na comercialização de seus produtos pela dificuldade de transporte e falta de organização da mão de obra na unidade de produção familiar e na feira, entre outros fatores, e acabavam abandonando o processo.

Quase nos anos 1980, mais estruturados, melhor amparados pelo Estado em termos de acesso às estradas e com apoio da Emater, os/as camponeses/as iniciam uma feira coletiva chamada "Feira do Produtor". Diante desse nome poderíamos nos questionar, onde estavam as mulheres? Essa feira percorreu diversos lugares, na Rua Aldrovando Santana - em frente ao prédio da Emater; na Praça Getúlio Vargas; na Rua Treze de Maio esquina com a Rua Sete de Setembro. Alguns anos mais tarde foi para a Rua Treze de Maio em frente ao Padel Mania; tempo depois ainda na mesma rua, só que agora em frente ao Refeitório Público Municipal. A Feira do Produtor esteve na Hugolino Andrade, bem na esquina com a Rua Sete de Setembro – onde Oliva foi presidente. Ah, sim, as mulheres estavam lá na feira também, ou na propriedade colaborando com a produção e a preparação dos

produtos, uma mulher também estava na presidência. É isso, '*lugar de mulher é onde ela quiser'*, inclusive na feira.

Depois, a feira se dividiu entre Praça General Osório – em frente à Prefeitura; e Praça da Bandeira – em frente à Santa Casa de Misericórdia. Esses últimos locais continuam sendo pontos de comercialização dos/das camponês/as. O ponto da Feira da Agricultura Familiar e da Economia Solidária na Rua Hugolino Andrade vem se consolidando e suas atividades acontecem desde o ano de 2017 com a finalidade da comercialização de produtos camponeses, agroindústrias familiares e da economia solidária.

Acompanhando esse trajeto da Feira do Produtor, a partir do ano de 1991, os/as feirantes do grupo coletivo do Assentamento Liberdade no Futuro – reforma agrária (MST), participavam de maneira integrada aos/às demais feirantes que não eram público da reforma agrária. A partir desta experiência na Feira do Produtor, o grupo coletivo construiu seus próprios locais de feira, que estavam divididos em cinco pontos: dois no Bairro do Armour, um próximo onde hoje é o prédio da UBS Jovelino Santana, e outro em frente ao local onde atualmente é Supermercado Righi; uma feira próxima à Unidade Sanitária de Saúde na avenida Daltro Filho, uma na Vila Julieta na Paróquia Santo Antônio e outra acompanhava a Feira do Produtor.

Essa dinâmica se deu enquanto o grupo coletivo se mantinha unido. Por volta do ano de 1997/98, o grupo se dividiu e de maneira mais atuante as mulheres assumiram o protagonismo das feiras da reforma agrária. Das camponesas entrevistas, Lúcia iniciou o trabalho com feira antes mesmo do grupo coletivo, vendendo de maneira individual. Fátima, Lúcia e Oliva acompanharam desde o início as feiras coletivas do grupo do assentamento. Ana e Ivani se somaram ao grupo três anos mais tarde quando foram assentadas em Livramento. Apenas Ivani nunca trabalhou de maneira coletiva, sempre individualmente, porém com uma relação de parceria com as feirantes do coletivo. Então, a partir do encerramento das atividades coletivas do Assentamento, as mulheres buscaram alternativas para dar continuidade às feiras.

A feira nasce da necessidade de sobreviver e alimentar as famílias camponesas que enfrentaram o árduo trabalho de assentarem suas vidas sobre novas terras e paisagens, num processo de reterritorialização onde famílias de diferentes territórios e valores culturais se propõem a trabalhar de maneira coletiva na busca por uma nova vida e o direito de produzir para viver. Mas ela também

renasce na vida daquelas que viram os seus pais e avós trabalhando com a arte de fazer feira.

As camponesas do Assentamento Liberdade no Futuro têm se destacado como verdadeiras resistências do Movimento Sem Terra na luta pela produção de alimentos, na defesa da agroecologia e soberania alimentar, bem como são mantenedoras na unidade de produção familiar da soberania alimentar. Três de nossas entrevistadas são feirantes há 28 anos, as outras duas trabalham com feira há 21 anos. São pioneiras - junto aos companheiros de assentamento, das feiras da Reforma Agrária, desde o ano de sua chegada em 1991, que marca o Assentamento das 67 famílias na região do Cerro dos Munhoz.

As mulheres camponesas reafirmaram ao longo dos anos que o trabalho delas, apesar de invisibilizado, é um dos motivos da permanência das famílias no campo, seja pelo cuidado com a casa e com a família, pelo cultivo dos produtos de horta e lavoura, pela criação de pequenos animais para o autoconsumo, manejo do gado de leite, bem como a geração de recursos financeiros através de seus saberes, sejam eles: artesanato, comidas caseiras, e a comercialização do excedente da produção através da feira.

A feira tem a importância da manutenção das famílias no campo, também é responsável direta pela elevação da autoestima das mulheres, fazendo com que seu trabalho seja valorizado pelos consumidores, bem como as coloca como “sujeitas da história”, participantes da vida e da construção social do campo e da cidade. O trabalho confere à mulher a autonomia financeira, elas passam a ter o poder de decisão sobre suas prioridades individuais, tendo um ganho mensal muitas vezes superior aos ‘considerados’ como de seus companheiros (porque elas trabalham nessas atividades também), como bovinocultura de leite, produção de uva, etc.

A liberdade conferida pelo trabalho com a feira permite as camponesas o convívio com outras realidades, tendo a oportunidade de ter atividades para além das que normalmente realizam em casa. As mulheres, além de buscarem o empoderamento próprio, tentam dividir a experiência e abrir caminhos para aquelas que ainda não se sentem encorajadas a fazer feira e buscar o seu espaço. As camponesas que já superaram muitas barreiras levantadas pelo machismo e pela misoginia querem que as demais companheiras também se sintam valorizadas.

Apesar de ter seu trabalho costumeiramente ser invisibilizado, as mulheres camponesas costumam as principais responsáveis pela bovinocultura de leite e pela

produção para alimentação da família, nos assentamentos e fora deles. São elas que fazem recursos e compras da feira da cidade, que tem grande participação nos resultados da produção de leite, embora que o “cheque do leite” costume vir no nome do marido e ser buscado por ele no fim do mês. É um desafio para a mulher camponesa sair do papel de coadjuvante para assumir o papel de protagonista, pois seu trabalho é sempre colocado na condição de ajuda e nunca na condição de valorização como parte central da engrenagem familiar.

A produção de alimentos saudáveis estimula o bem-estar e propicia uma melhor condição de saúde para a família e para todos/todas que consomem esses produtos. As camponesas sempre evidenciam que a mesa do consumidor é a extensão da sua casa. Se elas têm diversidade e qualidade sobre a mesa, seus/suas clientes também terão. O cuidado com a terra e a preservação do solo e das águas através da opção de não utilizar agrotóxicos é fator chave para a sustentabilidade do meio em que vivem e sobrevivem. Dessa maneira, se preocupam em conservar para que as próximas gerações possam se beneficiar também dos recursos que hoje elas se utilizam.

De maneira breve gostaríamos de apresentar, de forma combinada entre camponesas entrevistadas e autora, as perspectivas e desafios para a continuidade do trabalho com feiras:

Acreditamos que uma feira consistente, com um trabalho contínuo que permita a comercialização por um período razoável com camponeses/as, seja viável através da coletividade. A instabilidade econômica e a desvalorização da produção leiteira – que é a atividade número um da grande maioria dos assentamentos, não oferece segurança para os/as camponeses/as. A diversificação da produção sem dúvida nenhuma é a alternativa viável de trabalho e permanência das famílias no campo.

Dentro dessa perspectiva, a feira é uma maneira de agregar valor ao produto e um escape da entrega à comercialização em mercados pequenos, ainda uma forma de ganho de retorno financeiro em períodos curtos – feiras semanais ou quinzenais, em relação ao leite (outra cadeia de produção de retorno rápido).

Como já mencionado, existe uma preocupação com a liberação de um número abusivo de novos agrotóxicos por parte do governo, o que somado à não correta aplicação do mesmo se torna um potencial contaminante de produtos que

poderiam estar sendo comercializados enquanto orgânicos. Fora o comprometimento dos lençóis freáticos, bacias e recursos hídricos.

Outro fator que afasta muitas camponesas do processo de fazer feira é a falta de regularização dos produtos de origem animal, derivados do leite, panificados e processados. A burocracia para adequação de espaços próprios para preparação e beneficiamento dos mesmos não é pensada para camponeses/as, e sim é uma réplica em miniestrutura de uma grande fábrica ou indústria. Isso inviabiliza e/ou atrasa inclusive o andamento de coletivos que tentam se regularizar. Pensamos que as políticas públicas deveriam dialogar de maneira mais próxima com a realidade de todos/as, sobretudo dos/as camponeses/as.

Além das considerações e ponderação já feitas, podemos dizer que as feirantes têm a preocupação com a sucessão do ponto de feira. Quase todas estão preparando e incentivando o trabalho de familiares para que esses tomem gosto pela “Arte de fazer feira” e assumam o espaço construído de maneira tão árdua por elas. Sant’Ana do Livramento também é celeiro de produção de alimentos, e cada vez a população procura conhecer a origem dos produtos que consome, buscando também alternativas à compra nos mercados convencionais, despertando para o engajamento social e a compra solidária como forma de fomento à movimentos sociais.

Sem dúvidas, a mulher é a chave para manutenção da vida e gerenciamento dos recursos naturais no campesinato. A desvalorização da mulher tenta inibir essa potencial articulação da qual a mulher, a partir do seu papel socialmente construído, costuma ser capaz de transformar as relações ao seu redor em benefícios individuais com repercussão social e ambiental. O rural pintado de masculino e de uma só cor não tem mais vez. O trabalho das mulheres cada vez mais ganha visibilidade nos territórios rurais e pesquisas como esta tentam desmistificar as tradições culturais de que o campo não é lugar para se viver e de que as mulheres se resumem a ajudantes qualificadas quando mães e esposas atenciosas, dóceis e subservientes.

Nessa pesquisa, busquei reconhecer e evidenciar o trabalho e a trajetória de luta das mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro, que conseguiram, através da feira, terem autonomia sobre as próprias vidas, colocando o pão sobre a mesa e dividindo despesas como integrantes da renda familiar. Elas também têm um papel importantíssimo na construção e fortalecimento das feiras camponesas em Sant’Ana

do Livramento, das quais participam ativamente há décadas, e se tornaram exemplos de resistência e de luta. Sobretudo, são mulheres incríveis com quem tive a honra de trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo do Projeto de Extensão Uergs “Hoje é dia de feira” realizado em 2017. Material disponibilizado pela coordenadora Cassiane da Costa. Consulta realizada em 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BRUMER, A.; PAULILO, M. I. Dossiê Agricultoras do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Ed.12, 171-174, jan/abril, 2004.

CALAÇA, M.; SEIBERT, I. Aproximações teórico/político entre a Agroecologia e o feminismo camponês popular do MMC. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 13, N° 1, p. 1-5, 2018.

CIELO, D. P.; ZANINI, M. C. C. O Feirão Colonial como importante alternativa a pequenos produtores rurais da Região Central do estado do Rio Grande do Sul. In**: Somos todas mulheres iguais**! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato. 2015. p.108-118.

COSTA, C.; et al. Mulheres na reforma agrária: semeando e colhendo agrobiodiversidade**. Anais**...X Salão Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão - SIEPE. Sant’Ana do Livramento, 2018.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B. (Orgs.). **Gênero e campesinato no Sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018.

CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e Identidade Territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (1):165-180, abr. 2010.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O que é questão agrária**. São Paulo: Brasiliense. 1987.

FERRON, J. L. **Estratégias de reprodução social dos agricultores familiares assentados em Santana do Livramento/rs.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Administração. Orientadora: Profª. Drª. Alessandra Troian, Santana do Livramento/RS.

MALUF, R. S. J.; MENEZES, F.; MARQUES, S. **Caderno ‘Segurança Alimentar’.** 2000. Disponível em: http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias_Maluf_Menezes_2000_por.pdf. Acessado em 21 de Jun de 2019.

MEDEIROS, R. M. V. Camponeses, cultura e inovações. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Org.) **América Latina**: cidade, campo e turismo. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, 2006. p. 281-293.

MONTEBLANCO, F. L**. O espaço rural em questão**: formação e dinâmica da grande propriedade e dos assentamentos de reforma agrária em Santana do Livramento/RS. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia. PoA: UFRGS, 2013.

MOURA. M. M. **Camponeses.** 2 ed. São Paulo. Ática. 1988.

NORA, F. D.; ZANINI, M. C.. **A feira como um espaço de sociabilidade. Revista Retratos de Assentamentos**, v.18, n.1, 2015.

OLIVEIRA, S. S. D. O.; ZANINI, M. C. C. Algumas considerações sobre a família camponesa: desafios e estratégias na reprodução social do campesinato no Feirão Colonial de Santa Maria/RS. In: **Mercados, campesinato e cidades**: Abordagens possíveis. 2015. p.163-184.

PAULILO, M. I. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogos. Florianópolis: Ed. UFSC, 2016.

PETERSEN, P. **Agroecologia em construção.** In: ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular/ASPTA, 2012, p. 07 a 14.

PIRES, V. C. A Evolução da Comunicação Boca-a-Boca. **RIMAR - Revista Interdisciplinar de Marketing**, v.2, n.1, p. 35-47, Jan./jun. 2003.

RIBEIRO, E. M. et al. A feira e o trabalho rural no Alto Jequitinhonha: um estudo de caso em Turmalina, Minas Gerais**. Unimontes Científica**. Montes Claros, v.5, n.1, jan./jun. 2003.

ROSSET, P. “Food Sovereignty: Global Rallying Cry of Farmer Movements”. **Institute for Food and Development Policy Backgrounder**, vol. 9, no. 4, Fall 2003.

ROSSET, P. M.; BARBOSA, L. P. Territorialização da Agroecologia na Via Campesina. **Agroecologia/ECOECO.** Boletim n.39, edição especial. Publicado em jul. 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** Coleção Brasil Urgente. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho.** Ed. Moderna. 1987.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia da emergência. **Rev. Crítica de Ciências Sociais**, 63, Out. 2002, p. 237-280.

SERAPIONI, M. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde**: algumas estratégias para a integração. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100015. Acesso: 21 Jun 2019.

SILVEIRA, P. R. C.; HEINZ, C. Controle de qualidade normativo e qualidade ampla: princípios para re-estruturação e qualificação da produção artesanal de alimentos. **Anais...**Seminário sobre Agroindústria Familiar e Desenvolvimento Rural, São Luis Gonzaga-RS, 2005.

TURATO, E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde**: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 3. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300024. Acesso em: 21 Jun 2019.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. **Anais**...XX Encontro da ANPOCS. .GT17. Processos Sociais Agrários. Caxambu, MG. Outubro, 1996.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANINI, M. C. C.; FROELICH, P. R. Fazendo etnografia na feira: uma etnografia entre mulheres camponesas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. In: Mercados, campesinato e cidades: Abordagens possíveis. 2015, p. 185-219.

ZANINI, M. C. C. Oh gringa! Tem raditi hoje? Etnicidade, memória e trabalho na feira. In: COSTA, C.; MARIN, J. O. B. (Orgs). **Gênero e campesinato no Sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. Curitiba: Ed. CRV, 2018, p. 99-122.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES

1) Por que fazer feira?
2) A feira serviu como espaço para quebrar barreiras entre assentados (as) e quem era daqui e descontruir preconceitos contra quem é do assentamento? Como?
3) Me conte o que a senhora lembra sobre a história das feiras em Sant'Ana do Livramento.
4) Como surgiram as primeiras feiras? Onde foram? Me conte com detalhe como eram.
5) Como se deu o processo de reunião do grupo, divisão de tarefas e comercialização?
6) Qual a alimentação típica regional, sobretudo como os feirantes percebiam "a mesa" do (a) gaúcho (a) fronteiriço (a)?
7) Observa mudanças nesses hábitos alimentares ao longo dos anos de feira? Em caso positivo, as feiras de assentadas contribuíram com essas mudanças? Como?
8) Como era e como é a relação das feirantes com consumidores (as)? Vendiam de tudo? Por encomenda? Aceitação dos produtos? Cultivavam coisas específicas? A diversidade era maior na mesa da casa dos assentados ou na mesa dos consumidores?
9) Em quais lugares e com quem a senhora fez feira ao longo dos anos?
10) Como era a relação com as outras assentadas feirantes? Tinha assentada de outros assentamentos? De onde?
11) Como era a relação com feirantes que não eram agricultores familiares?
12) Ao longo do tempo, como era a participação de homens e de mulheres na feira e na produção de alimentos para a feira?
13) Quais as estratégias de comercialização que foram adotando ao longo do tempo?
14) A senhora participou da experiência de feira na Hugolino Andrade (do lado da Tumelero? Como foi? Se construída a estrutura para feirantes lá, gostaria de participar da feira no local? Por quê?
15) A senhora participa da Feira na Treze de Maio? Me conte como está sendo essa experiência?
16) A senhora costuma participar ou participou de feiras coletivas em eventos? Como foram essas experiências?

17) Como se deu o processo de fazer feira de maneira individual?
18) Qual o valor médio gerado na feira por semana? Onde costuma utilizar esse valor?
19) Se pedissem para a senhora se apresentar, dizer quem é, para quem não conhece, o que diria?
20) Quem mora com a senhora? Tem quantos filhos?
21) Como era sua vida antes de vir para Livramento? De onde veio?
22) Como foi a chegada no assentamento e o processo de acolhimento na cidade e no campo?
23) A senhora gosta da sua vida?
24) A senhora gosta de fazer feira? Por quê?
25) O que significa a feira na sua vida?
26) O que a senhora já conquistou através da feira?
27) Como seus familiares e vizinhos enxergavam e enxergam o seu trabalho com as feiras? Eles apoiavam e apoiam? Como?
28) Qual é a importância da feira para a família e o assentamento?
29) Qual é o papel das mulheres assentadas na construção e manutenção das feiras no município?
30) Como é a sua relação com seus clientes?
31) O que não pode faltar na feira (os clientes pedem)?
32) A feira gerou amizades? A feira gerou conflitos?
33) A senhora acha importante produzir alimentos diversos para sua família e para seus clientes? Por quê?
34) Colocas adubo químico ou veneno em alguma produção? Por quê?
35) O que a senhora produz para vender na feira?
36) Fazer feira melhorou a alimentação a família? Por quê?
37) Como deve ser um produto para ter qualidade na sua opinião?
38) Por que as camponesas se preocupam com a alimentação diversificada e saudável?
39) O que as motiva para continuar produzindo e comercializando?
40) As feiras dão autonomia financeira para a mulher camponesa?
41) Por que fazer feira é importante para a mulher assentada?
42) Mostrar o resultado do seu trabalho na cidade e receber elogios pela qualidade do produto recompensa seu trabalho?

43) Como é um dia seu de feira desde a preparação dos produtos? Comente as diferentes tarefas desenvolvidas pela senhora.

44) A feira gera muito trabalho? Como a senhora lida com isso?

45) O trabalho de produção, preparo dos produtos e comercialização na feira é divididos com outros? Como?

46) O serviço de casa (limpeza de casa, fazer comida, lavar roupa) costuma ser dividido com outras pessoas da casa? Como?

47) A senhora consegue tempo para suas atividades de lazer?

48) Qual é o futuro das feiras em Livramento?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: A ARTE DE FAZER FEIRA: O PAPEL DAS MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA AGRÁRIA NA CONSTRUÇÃO DAS FEIRAS EM SANT'ANA DO LIVRAMENTO/RS.

Pesquisador responsável: Renata Menezes Allende, com orientação Da Profª. Cassiane da Costa.

Instituição/ Departamento: UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, unidade de Sant'Ana do Livramento

Telefone para contato: (55) 999972346

Local de coleta de dados: Município de Sant'Ana do Livramento-RS

Prezado (a) Senhor (a):

O (a) senhor (a) está sendo convidado(a) a responder as perguntas desta pesquisa de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este roteiro de questões, é muito importante que o (a) senhor (a) compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

O (a) pesquisador (a) deverá responder todas as suas dúvidas antes que decida participar. O (a) senhor (a) tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo de Estudo: Entender o papel das mulheres do Assentamento Liberdade no Futuro na construção das feiras camponesas no município de Sant'Ana do Livramento/RS.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas. A entrevista será gravada, se autorizado pelo (a) senhor (a). As informações somente serão utilizadas para a elaboração de trabalhos acadêmicos e artigos científicos.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, reconhecimento do trabalho das mulheres camponesas da reforma agrária e visibilidade ao tema "feiras" no município, além do registro histórico das atividades das feirantes.

Riscos: Essa entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica.

Sigilo: Os sujeitos da pesquisa serão identificados na monografia e publicações originadas a partir dela através do nome e imagens.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____ (Nome completo), CPF ou RG_____, estou de acordo em participar desta

pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Sant'Ana do Livramento - RS ____, de _____de 20_____.

_____

Entrevistado (a)